



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

ELDINAR NASCIMENTO LOPES

FLUXO E REFLUXO RIO-BELÉM: A PRESENÇA DE POETAS-TRADUTORES  
MODERNISTAS NOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS *LETRAS & ARTES* (1946-  
1954) E *ARTE-LITERATURA* (1946-1951)

Belém – Pará

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

ELDINAR NASCIMENTO LOPES

FLUXO E REFLUXO RIO-BELÉM: A PRESENÇA DE POETAS-TRADUTORES  
MODERNISTAS NOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS *LETRAS & ARTES* (1946-  
1954) E *ARTE-LITERATURA* (1946-1951)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Literários e Aplicadas: Linha de Pesquisa: Literatura: Interpretação, Circulação e Recepção.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Izabela Guimarães Guerra  
Leal

Belém – Pará

2016

ELDINAR NASCIMENTO LOPES

FLUXO E REFLUXO RIO-BELÉM: A PRESENÇA DE POETAS-TRADUTORES  
MODERNISTAS NOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS *LETRAS & ARTES* (1946-  
1954) E *ARTE-LITERATURA* (1946-1951)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA:

---

IZABELA GUIMARÃES GUERRA LEAL

---

WALTER CARLOS COSTA

---

VALÉRIA AUGUSTI

Aprovada em:

Local de defesa:

**DEDICATÓRIA:**

A todas as Candeias que deflagram o milagre da História!

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, que muito contribuiu para a minha formação acadêmica;

À minha querida orientadora, Izabela Guimarães Guerra Leal, pelas conversas, pelas orientações e, acima de tudo, pela paciência e atenção recebidas nas sessões de estudo.

Aos professores Walter Costa e Valéria Augusti, pelos conselhos e orientações;

Aos meus queridos colegas da Pós-Graduação que me proporcionaram momentos de muita alegria: Elisama Araújo, Danilo Mercês, Flávia Menezes, Samantha Souza, Wellington Rocha, Gizelle Paiva, Denise Lobato, Márcia Souza, Débora Borges, Alex Dax e Mauro Leal.

À Biblioteca Nacional e à Fundação Cultural do Pará, por disponibilizar todo o apoio possível para a realização da minha pesquisa;

Ao meu cunhado Marcelo Andrade e sua família, e à minha amiga Jacqueline Mendonça, que muito contribuíram para a minha estada no Rio de Janeiro;

Minha sincera gratidão à minha amada família: Lion Lopes, Eldeline Lopes, Edna Maria, Eldenor Lopes, Maria Joana, Natalina Guerreiro, Djanete Andrade dos Santos e José Nazareno Santos, por todo o apoio e carinho durante esses anos de pesquisa;

À minha querida amiga, Geovanna Guimarães, pelas correções e sugestões de leituras;

E por fim, gostaria de agradecer e dedicar esse trabalho a uma pessoa muito especial em minha vida: meu companheiro e melhor amigo, José Nazareno Araújo dos Santos Junior, pelo amor e paciência que nunca faltaram.

FLUXO E REFLUXO RIO-BELÉM: A PRESENÇA DE MODERNISTAS NOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS *LETRAS & ARTES* (1946-1954) E *ARTE-LITERATURA* (1946-1951)

**RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo catalogar as traduções literárias publicadas nos suplementos literários *Arte-Literatura*, entre os anos de 1946 a 1949, e *Letras & Artes*, no período compreendido de 1946 a 1954, dos estados do Pará e do Rio de Janeiro, respectivamente, para propor um trabalho comparativo entre ambos e entender quais literaturas estrangeiras foram difundidas naquele momento e quais as diferenças e semelhanças entre os materiais traduzidos. Ademais, é necessário perceber até que ponto o fluxo de traduções e a presença de autores estrangeiros se fez indispensável para o projeto de ampliação da leitura educativa, tanto no que se refere aos interesses voltados aos propósitos ideológicos como também aos estéticos. Tomando como parâmetro o momento de pós-guerra e de desobstrução da política estado-novista, a circulação de produções literárias de diferentes lugares e de diferentes épocas foi muito importante para o reconhecimento das diversas formas de criação literária e para uma abertura à multiplicidade das culturas, principalmente para pensar a importância do diálogo como inclusão entre culturas diversas. Nesse contexto de abertura intercultural e intelectual para outras formas de pensamento, a presença do tradutor assume um importante papel como agente transformador, especialmente quando se descobre o esforço que nossos escritores-tradutores tiveram em divulgar uma literatura cada vez mais ampla, heterogênea e crítica. Ao mesmo tempo, o trabalho de catalogação nos mostrou que houve uma diversidade enorme de escritores-tradutores, conhecidos ou não.

Palavras-chave: Tradução. Arte-Literatura. Letras e Artes. Formação cultural

## ABSTRACT

The Present study aims to catalog the literary translations published in literary supplements *Arte-Literatura*, between 1946-1949, and *Letras & Artes*, in the period from 1946 to 1954, in the states of Pará and Rio de Janeiro, respectively, to propose a comparative study between them and understand what foreign literatures were widespread at that time and what are the differences and similarities between the translated materials. Moreover, it is necessary to understand the extent to which the translations flow and the presence of foreign authors became indispensable for the expansion project of educational reading, both regarding to interests facing the ideological purposes but also aesthetic. Using as a parameter the post-war period and the unblocking of the New State policy, the circulation of literary productions from different places and different times was very important to recognize the various forms of literary creations and an opening to the multiplicity of cultures mainly to consider the importance of dialogue and inclusion among diverse cultures. In this context of intercultural and intellectual openness to other ways of thinking, the translator's presence plays an important role as a transformer agent, especially when you discover the effort that our writers and translators had to disclose a literature increasingly broad, heterogeneous and critical. At the same time, the cataloging work showed that there was a huge variety of writers and translators, known or not.

Key-words: Translation. Arte-Literatura. Letras e Artes. Cultural formation.

## SUMÁRIO

RESUMO -----	6
ABSTRACT -----	7
INTRODUÇÃO -----	10 - 15
<b>1. TRADUÇÃO E CULTURA -----</b>	<b>16 - 17</b>
<i>1.1 O ato tradutório como manifesto político e ideológico -----</i>	<i>17 - 24</i>
<i>1.2 A literatura em migração -----</i>	<i>24 - 29</i>
<b>2. DE 1930 AOS SUPLEMENTOS: POLÍTICA, JORNALISMO E CULTURA -----</b>	<b>30 - 38</b>
<i>2.1 Imprensa Brasileira: o suplemento literário na experiência democrática pós-45 -----</i>	<i>38 - 44</i>
<i>2.2 A tradução: um bem indispensável nos suplementos literários -----</i>	<i>44 - 46</i>
<b>3. DE SUDESTE AO NORTE: VIVA A TRADUÇÃO -----</b>	<b>47 - 54</b>
<i>3.1 O percurso da tradução nos suplementos Arte-Literatura e Letras &amp; Artes -----</i>	<i>55 - 68</i>
<b>4. TRADUÇÃO NOS SUPLEMENTOS LETRAS &amp; ARTES E ARTE-LITERATURA -----</b>	<b>67 - 69</b>
<i>4.1 A valorização dos tradutores do Letras &amp; Artes e do Arte-Literatura -----</i>	<i>70 - 77</i>
<i>4.2 Quatro poetas-tradutores entre dois Suplementos -----</i>	<i>78 - 80</i>
<i>4.2.1 – Tasso da Silveira -----</i>	<i>80 - 83</i>
<i>4.2.2 – António Herculano de Carvalho -----</i>	<i>83 - 87</i>
<i>4.2.3 – Carlos Drummond de Andrade -----</i>	<i>87 - 93</i>
<i>4.2.4 – Manuel Bandeira -----</i>	<i>93 - 104</i>

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** ----- **105 - 108**

**APÊNDICES**

Catálogo dos textos literários traduzidos nos Suplementos Literários  
*Arte Literatura* (1946 – 1951) e *Letras & Artes* (1946 a 1954) ----- **109 - 143**

**REFERÊNCIAS** ----- **144 - 147**

## INTRODUÇÃO

Podemos dizer que o século XX foi marcado por uma época de grandes acontecimentos que transformaram diversos campos da sociedade brasileira, e um desses campos foi, sem dúvida, a relação da imprensa jornalística com a literatura, após o final da Segunda Guerra Mundial. Segundo Ana Ribeiro (2003, p.149), “o jornal adquiriu novos contornos mais objetivos e impessoais, neutros e independentes, e essa mudança de estrutura está associada, principalmente, a busca por um certo distanciamento em relação à literatura” que se viu posta em uma outra forma de organização e divulgação à parte da informação diária. É claro que a literatura não sumiu para sempre de suas páginas, até porque ainda localizamos alguns contos ou poemas no caderno de política, mas ao contrário, está agora mais viva que nunca graças aos novos rumos que o jornalismo tomou com a criação de suplementos literários.

O interesse em pesquisar a tradução nasceu, primeiramente, da necessidade de saber como a plêiade literária brasileira abordou a literatura estrangeira nos suplementos das décadas de 1940 a 50, visto que foi uma época muito fértil para a tradução nos livros. Após várias pesquisas, vimos que havia uma lacuna nos estudos de tradução com relação às literaturas estrangeiras divulgadas pelos suportes jornalísticos nesse período, em decorrência, talvez, das poucas pesquisas que eram desenvolvidas sobre a tradução em suplementos literários, provavelmente justificado pelo pouco destaque que esse tipo de suporte midiático tinha nos trabalhos acadêmicos.

O objetivo, portanto é poder trazer à luz os materiais difundidos em suplementos para a aprendizagem é válido não somente para a exploração dos conhecimentos linguísticos e discursivos, promovendo o acesso às diferentes manifestações culturais, alargando o senso crítico, cotejando obras de autores nacionais e estrangeiros, compreendendo as influências e os procedimentos intertextuais, quanto por ter a consciência de que a literatura divulgada em um momento de plena abertura democrática estadista e de liberdade civil, também se transforma num discurso de crítica contra qualquer forma de cerceamento político e psicológico. Por isso, podemos dizer

que a criação desse tipo de suporte literário e cultural em pleno pós-guerra foi bastante oportuna para a formação intelectual dos leitores e dos escritores.

\*\*\*

Há uma variedade prodigiosa de textos que tratam da literatura, distribuídos em poemas, ilustrações, contos, resenhas, propagandas, traduções de escritores estrangeiros, de textos que foram enviados com exclusividade à redação etc, ou seja, a criação de suplementos literários mudou muito o estilo e o conteúdo dos jornais brasileiros, proporcionando aos leitores uma ampla discussão acerca dos assuntos da crítica literária e da literatura mundial.

Ademais, as publicações não deixaram de lado questões extraliterárias, já que o momento era propício para se discutir a liberdade, democracia e sociedade em um tempo em que o homem mudou o modo de atuar e de refletir frente às novas transformações que ocorreram nos espaços da política, da economia, da ciência, da tecnologia, da geografia, do tempo. E, claro, frente às novas experiências psicológicas e artísticas trazidas e marcadas pelo intercâmbio cultural, mudaram-se os modos de pensar e agir. Desse modo, a inserção desse tipo de divulgação tornou-se importante tanto para a vida do leitor quanto para a formação do escritor e do jornal, pois esses cadernos culturais além de fomentar a leitura aos diversos tipos de escrita, ainda foram importantes para tornarem o público ciente do que estava sendo publicado pelo mercado editorial, isto é, nessa dimensão, os suplementos passam a ser uma diretriz para os escritores mostrarem o potencial e o valor estético produzido pela *intelligentsia* brasileira e estrangeira.

Paralelamente ao surgimento dos suplementos, um campo da literatura que cada vez mais se consolidava na nossa sociedade foi a abertura que os nossos escritores\tradutores deram às obras literárias de diversos lugares do mundo. Incorporadas nos suplementos, as traduções tornaram-se um dos destaques nesses periódicos, pois não só ajudaram na divulgação cada vez maior de poemas e contos, como também em promover uma literatura muito mais cosmopolita e anacrônica, preocupada em discuti-las criticamente como algo indispensável à formação da cultura brasileira.

Em termos de diversidade autoral e textual, não há como negar que a tradução tenha recebido atenção nos suplementos. Isso porque as traduções conseguiram chegar aos moradores das capitais de uma maneira mais acessível e democrática se comparadas com os livros: em termos de custo/benefício era mais conveniente e barato comprar um jornal ao invés de comprar um livro; tratando-se de comodidade, o caderno estava ao alcance da população nas ruas e eram sempre distribuídos aos finais de semana, não havendo, portanto, a necessidade de se deslocar para locais literários específicos e restritos como livrarias, agremiações ou bibliotecas, e especialmente por conter ampla heterogeneidade de textos traduzidos seria, talvez, mais interessante e vantajoso adquiri-lo.

Por outro lado, pela linguagem altamente culta, pela publicação de alguns textos publicados em língua estrangeira, pelo perfil dos leitores que parabenizavam os suplementos quando se encantavam com algum poema, é certo também dizer que esses periódicos também agregaram um público leitor mais interessado nesse tipo de conteúdo e leitura. Até porque o seu formato não seguia um padrão de informação volátil - algumas publicações chegavam a ter quatro páginas, por exemplo -, e eram republicadas diversas vezes. Certamente não foi por acaso. Os textos que eram publicados nos suplementos eram distribuídos aos leitores nos finais de semana, ou seja, era um caderno para ser lido e apreciado com calma e atenção num dia de descanso coletivo, portanto, por ser um caderno cultural e não de notícia jornalística diária, o interesse não era bombardear o leitor com informações instantâneas, mas com leituras que o afastassem da atual conjuntura de pós-guerra e o conduzissem a refletir sobre as vicissitudes da vida e sobre as relações sociais e artísticas.

\*\*\*

Certamente várias regiões do Brasil foram representadas por algum suplemento literário. No sudeste foram vários que surgiram a partir de 1945, mas o mais importante dentre todos eles foi o *Letras & Artes*, que por ser um caderno literário muito influente politicamente e um dos maiores a envolver um grande número de excelentes escritores, se transformou em um dos melhores suplementos do Brasil. Fundado pelo deputado Jorge Lacerda, o suplemento também acolheu de bom grado diversos tradutores, dentre eles, os poetas Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Tasso da Silveira e

Herculano de Carvalho. Na extremidade do país, a região norte foi contemplada pela fundação do suplemento *Arte-Literatura*, que embora não tivesse a mesma notoriedade do *Letras & Artes* no cenário nacional, foi sem dúvida merecedor do título dado pelo próprio *Letras* como o melhor suplemento nortista brasileiro, graças a sua excelente seleção de títulos publicados e, sobretudo por acolher grandes tradutores, como os citados acima. O que prova o quanto o *Arte-Literatura* foi muito importante na formação dos leitores, procurando também estar informado sobre as principais tendências de leitura estrangeira através da presença de tradutores consagrados.

Essa variedade de obras traduzidas ou de textos que discutiam a tradução, promoveu um alargamento do horizonte literário local e nacional, o que estabeleceu um diálogo com as outras culturas a ponto de promover novos olhares, (des)construções de ideias e novas aberturas sociais e intelectuais, e também um “cartão de visita” para divulgação dos trabalhos de novos escritores que estavam engatinhando no exercício desta natureza. Diante disso, é ingênuo pensar que a tradução é apenas cópia do original, pois ela abre caminhos para repensarmos as relações com o Outro, põe em movimento a própria obra estrangeira, estabelece trocas culturais ou “enciclopédicas” – como prefere nomear Umberto Eco (2007) –, além de possibilitar a comunicação e a informação da literatura, isto é, ela socializa a leitura.

Nesse movimento, a escrita tradutória determinou-se como um efetivo processo de abertura ao conhecimento. O fechamento de uma cultura para o estrangeiro leva à perda. Perda da humanização, de valores culturais e sociais e, mormente, intelectuais. A tradução “introduz o ‘outro’ em sua forma mais radical e estranha: a linguagem. E quando se pensa em linguagem diferente, supõem-se imediatamente uma maneira outra de sentir, pensar e entender o mundo” a partir da renovação que a tradução traz à palavra para atender aos novos pensamentos ideológicos. (PAZ, 1981, apud BATALHA e PONTES JUNIOR, 2007).

\*\*\*

Em face do conceito amplo e ao mesmo tempo vago que é dado à ideologia, é importante dizer que a relação dela com a tradução será discutida no capítulo 1. Para

Alfredo Bosi (2010) a palavra por si só já nos conduz a termos como “cultura, mentalidade, ideário, estilo de época, contexto cultural amplo, concepção ou visão de mundo”. Nesse sentido, o tradutor é, acima de tudo, sujeito atuante tanto por estar imbuído de experiências diversas com outros homens e em estado de influência com literaturas e leituras das mais variáveis quanto por se situar no intervalo entre a obra e o público.

No capítulo 1 veremos que a ligação que o tradutor estabelece com a obra e o leitor já estimula a importância da tradução dentro de um jogo de poder, ideologia e manipulação. André Lefevere (2007), teórico que será muito útil para a nossa análise, não nega que a tradução, por estar dentro de um sistema literário, faça parte de um artifício baseado ideologicamente para que a literatura adote determinados moldes expressivos na sociedade. Para ele, embora o tradutor atue dentro de determinadas restrições ou limitações, isso não quer dizer a tradução não lhe dê liberdade para introduzir, reforçar e convalidar um pensamento de resistência e de questionamento.

Dessa forma, como veremos no capítulo 4, os tradutores que participaram nesses cadernos literários levaram em consideração não a origem do texto poético, mas o potencial criativo e crítico obra em consonância com o contexto da época. Jorge Larrosa (1996, p.26) elucida bem essa questão quando edifica a leitura:

Como algo que nos forma (o nos de-forme o nos trans-forma), como algo que nos constituye o nos pone en cuestión em aquello que somos. La lectura, por tanto, no es sólo um pasatiempo, un mecanismo de evasión del mundo real y del no real. Y no se reduce tampoco a um médio para adquirir conocimientos. Em el primer caso, la lectura no nos afecta em lo próprio puesto que transcurre em um espacio-tiempo separado: em el ocio, o em el instante que precede al sueño, o em el mundo de la imaginación.

Voltar à tradução, tendo em mente a sua importância social e literária, é elevar não somente a reputação do escritor, mas garantir a integralidade do pensamento, o direito à arte e o direito à voz. Em vista disso, o capítulo 3 tentará mostrar também que o contexto político e social foi muito fecundo para a proliferação de diversas leituras, revelando que o pensamento dos tradutores é guiado por uma visão sincrônica. De fato, a tradução requer sempre *algo* a mais do tradutor, pois as palavras apresentam-se em momentos e contextos diferentes, não sendo, portanto, um jogo morto e mecânico, mas que assegura a permanência de um grupo ou de um pensamento de forma dinâmica e

interativa. Por isso, no capítulo 4 comparo individualmente os tradutores que publicaram nos dois suplementos – Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Tasso da Silveira e Herculano de Carvalho – para mostrar como cada um atuou de maneira diferente em cada suplemento, optando por escritores estrangeiros de diferentes contextos e escolas literárias, mas sem perder o foco do projeto tradutório e sem fugir do ideário de literatura estrangeira que se quer construir *nos* suplementos.

## 1 TRADUÇÃO E CULTURA

A tradução é uma atividade que torna realizável a comunicação entre pessoas de diferentes culturas e, conseqüentemente, promove a acessibilidade a todo e qualquer tipo de produção cultural, literária, religiosa, científica e política. Por ela, somos capazes de estabelecer contato com outras línguas e sujeitos, independentemente da distância cronológica que nos separa e da comunidade na qual habitamos. A existência da tradução, enquanto prática social, responsável pela capacidade de interação entre as línguas, e biológico, enquanto habilidade cognitiva humana de aprender outros idiomas, resulta no compartilhamento de universos simbólicos entre pessoas de culturas distintas, sendo uma dimensão de interação e de interculturalidade (DANTAS, 2012, p.16).

Devemos entender a tradução como uma prática que compõe e leva em consideração todos esses tipos de experiências de leitura – a filosófica, a estética, a histórica, etc –, e que, portanto, não implica na simples transposição semântica de uma língua para outra, tampouco em um “esvaziamento” ideológico daquele que lê. Nesse aspecto, ao considerarmos que a literatura é uma prática estética que induz o leitor a múltiplas possibilidades de interpretação, o texto literário torna-se uma obra que sempre será recriada e, quanto mais a obra se abre para diferentes leituras, mais caminhos e possibilidades de debate de ideias o leitor terá. Frente a esse processo fluido e dinâmico de uma constante mudança da maneira como entendemos ou recebemos o texto original, este se abre para novas interpretações de entendimento e revela-se como fonte inesgotável de conhecimento.

Entende-se o diálogo intercultural, portanto, como elemento indispensável ao processo de formação e desenvolvimento de qualquer sociedade. Ademais, fatores determinantes como as circunstâncias políticas, sociais, ideológicas, históricas e culturais da língua-fonte são causas que viabilizam e estimulam a inserção do texto estrangeiro na língua de chegada, a exemplo do que aconteceu na Alemanha do século XVIII, com a assimilação de um ideal cultural baseado na *Bildung*, conceito central do pensamento clássico alemão ligado à política, à ética, ao ensino e à filosofia. Antoine Berman, no livro *A prova do estrangeiro*, diz que o conceito de *Bildung* não seria possível sem a presença da tradução. O termo *Bildung*, entendido como “formação”, é um conceito complexo e, grosso modo, está diretamente atrelado a uma forte conotação pedagógica e educativa baseada em preceitos culturais da Grécia Antiga. Por isso,

incorporar elementos estéticos e estilísticos do universo grego foi uma medida fundamental para o processo de desenvolvimento cultural germânico. Entende-se, portanto, que a apropriação da cultura grega não foi uma escolha aleatória, mas uma seleção consciente que permeia toda uma série de idealizações tanto culturais quanto míticas sobre esta nação.

A redescoberta de si como potência original, criativa, cultural e educacional nasce de uma necessidade, como diz Berman (2002), de um “lançar-se de si”, de adentrar na cultura alheia para compreender a sua própria cultura como equivalente àquela considerada padrão de excelência. Fica claro, portanto, a construção de uma identidade nacional para a Alemanha – que, em virtude da sua história julgava-se diminuída perante os países considerados hegemônicos, como a França – que foi buscar ou resgatar no passado de outra nação a sua particularidade para poder se diferenciar de outras culturas de sua época. Essa questão foi trazida aqui para indicar um procedimento decisivo de transformação nacional, e a tradução foi ferramenta-chave para que a incorporação dessa concepção clássica de *Bildung* pudesse, de fato, desabrochar na cultura alemã, sendo, pois, a tradução um canal primário de contato entre uma cultura e outra. O interesse pela Grécia Antiga aparenta ser, como define João Barrento (2013, p. 12), de uma “época tardia, de revivalismos e de regressos”, mas que, por outro lado, torna o espaço cultural mais flexível, entretecido por presente e passado e aberto à cultura estrangeira, revelando como a tradução é necessária para o processo de interação e alargamento intelectual dos povos, não somente no caso da cultura alemã, mas em qualquer cultura que deseje se aprimorar e crescer intelectualmente.

### ***1.1 O ato tradutório como manifesto político e ideológico***

André Lefevere (2007), um dos teóricos que discutiu o processo da tradução como manipulação e mediação, lembra-nos de que toda tradução é reescrita e, por sê-la, atua na sociedade de duas maneiras: ela, *a priori*, permite aos leitores acesso ao texto, introduzindo novos recursos na língua alvo, ademais, privilegia um pensamento intelectual que se quer difundir. Segundo Lefevere (2007), dentro do sistema literário há dois “fatores de controle” que atuam decisivamente para o estabelecimento desses modos de tradução na cultura: o primeiro é representado por tradutores, críticos, poetas

e docentes, ou seja, são todos aqueles que reescrevem na história a obra original; e o segundo, denominado “mecenato”<sup>1</sup>, está representado por aqueles que atuam basicamente fora do domínio literário, é constituído por instituições financeiras, casas editoriais, grupos partidários, suportes midiáticos, etc., que podem determinar ou impedir a circulação da literatura. Em virtude do seu juízo de autoridade, os administradores – ou “mecenas” como Lefevere (2007) denomina-os – comumente operam como reguladores da distribuição das escrituras literárias e são guiados por três elementos que interagem de várias formas: o componente ideológico, que é o esforço do poder vigente no sentido de utilizar as traduções como canal de difusão da ideologia oficial promovida legalmente; o componente de influência, que tem o apoio de uma elite e é muito significativo para o prestígio social; e, por fim, porém, não menos importante, o componente econômico, que, como o nome sugere, está relacionado ao amparo protetivo financeiro.

É certo afirmar, portanto, que a tradução fez e faz parte da civilização humana desde sempre, e a circulação de manuscritos, textos e ideias se dá pela tradução. Considerando essa afirmação, sem dúvida, a tradução foi elemento importante para o processo de formação e consolidação de qualquer cultura, seja a alemã seja a brasileira. Podemos dizer que diferentes ideologias motivaram a tradução na nossa cultura, como a tradução com fins catequéticos para a exploração\conversão dos indígenas, ou as traduções assimiladoras dos padrões estéticos europeus no século XIX, que adequavam a palavra estrangeira aos limites linguísticos da língua de chegada sem perturbar a zona de conforto do falante, pois tinham como estratégia não prejudicar o comércio editorial e a demanda literária. Já no século XX, eclodiram propostas de tradução *não domesticada* e que tinham como intuito instaurar um olhar renovado e direcionado às letras estrangeiras de forma a devorá-las, e não mais copiá-las.

A proposta da devoração do Outro, encabeçada no Brasil pelo escritor e crítico Oswald de Andrade, tinha como propósito a renovação não somente da escrita, mas da cultura brasileira de uma maneira transformadora e inventiva, em favor da necessidade de oxigenação artística-intelectual, a partir de uma concepção antropofágica de contato com o estrangeiro. Como disse João Calazans, no *Bonde Circular*, a “antropofagia é o

---

<sup>1</sup> A este termo Andre Lefevere associará os agentes culturais de financiamento e difusão artísticos, mais voltados aos interesses próprios.

início partindo do grito de início: dinamismo”<sup>2</sup>. Dinamismo por ter produzido uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação a partir do sarcasmo, da filosofia, da história e da história da arte. Em toda parte, emergem novas identidades culturais que não são fixas, mas estão suspensas, em transição e entre diferentes posições. No *Manifesto Antropófago*, editado em 1928, na *Revista de Antropofagia*, Oswald afirma:

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos (...). Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. “Lei do antropófago”.

De acordo com Oswald de Andrade, sua máxima está em justamente tomar o espaço cultural como um local pluriétnico suscetível a mestiçagens. Oswald, inconformado com as “sopinhas aguadas da modernidade paulista” (ANDRADE apud MARTINS, 2010, p.159), como ele mesmo escreveu no jornal *Meio-dia*, trouxe para o centro da discussão literária o acalorado diálogo da identidade nacional não mais idealizado pelo caráter assimilador dos padrões estéticos tradicionais europeus, mas ajustou a cultura brasileira outra forma de pensamento que reavivou um universalismo descentralizado, pois está claro que o autor da poesia *Pau Brasil* trouxe uma perspectiva crítica para as artes brasileiras, enfatizando a necessidade de desconstruir uma tradição que há muito tempo não mais correspondia às necessidades internas da nossa cultura.

Oswald foi capaz de perceber que o processo de modernização só seria possível superando os próprios obstáculos internos historicamente herdados. Neste sentido, é admissível que o processo de restauração e recuperação da cultura brasileira esbarre no âmbito político vivenciado naquele momento<sup>3</sup>. Eram, aliás, numerosos os ensaios críticos que Oswald de Andrade escrevia discutindo o cenário social brasileiro. Tanto que o jornal *O homem do povo*, criado por ele, publicou diversos artigos, como o *Isto aqui é Coimbra?*<sup>4</sup>, denunciando as injustiças sociais do Brasil causadas pela nossa

<sup>2</sup> O manifesto *Bonde Circular*, de autoria de João Calazans. Retirado da revista Movimento Brasileiro, p. 23, ano I, ed. IX. Ano 1928.

<sup>3</sup> A tese *Oswald de Andrade no jornal O homem do Povo*, de Aurora Cardoso de Quadros, defendida na Universidade de São Paulo, em 2009, discute o ativismo político de Oswald no jornal e como isso, de certa forma, influenciou diretamente na construção poética do escritor.

<sup>4</sup> Jornal *O homem do povo*. Ed. 08, ano I, p.01 São Paulo. 13 abril de 1931.

história aristocrática e escravocrata, mas esse debate ideológico também nos reconduzia à crítica para que se repense a nossa tradição literária.

O vosso mal é um mal coimbrão, um mal portuguez [sic] agravado pela nossa situação de colônia-mental. A nossa velha Faculdade é como a de Recife, apenas um pedaço de projeto escolar, que não foi avante no Primeiro Império e assim reprezou[sic] o pensamento brasileiro na bacharelise – lamentável herança cultural das Universidades religiosas (...) Coimbra e Salamanca, os dois arcaicos reductos do pensamento jesuítico e medieval. O feudalismo jurídico se refugiou ahi, depois de varrido pelo Humanismo e pela Reforma de todos os grandes centros intellectaes [sic] da Europa. Nós ficamos com a herança de Coimbra! E vocês querem prolongar Coimbra! (...) Lamentável esse retrocesso, que voz faz ignorar a grandesa[sic] e a justiça das reivindicações proletárias, que empolgam o mundo mecanizado de hoje e vos quer manter na admiração pelos porres românticos da bohemia [sic] ida e pela unidade psíquica das cidades provincianas com os seus estudantes. Falo sério e penso em ti homem do povo! No dia em que saíres dos teus tugúrios sujos, das tuas uzinas [sic] encarvoadas (...) alegremente subiremos para conversar, aos ricos salões e às casas fúteis da pequena burguesia [sic], de onde eles saíram agora para agredir em batalhão uma mulher e um homem do povo.

A audácia antropofágica não foi uma fórmula pronta que imediatamente se consolidou na mente de nossos intelectuais, até porque, cabe recordar, a antropofagia proposta pelo paulista não foi partilhada por todos os letrados e foi severamente criticada. Mas entender que a visão antropofágica que Oswald propunha era, evidentemente, uma forma de debate e crítica sobre a identidade da cultura brasileira assentada na desconstrução e construção de uma tradição. Trocando em miúdos, Oswald centra o foco da devoração sobre o discurso ressentido da formação sociocultural brasileira, fundada nas relações de assimilação entre América Latina e Europa, para assim repensar esse ressentimento provindo dessas relações coloniais, isto é, a relação interior *versus* exterior condicionada pelo estereótipo tradicional de país subdesenvolvido transforma-se em preleção produtiva de identidades culturais num movimento aberto ao universal.

E é nesse momento que a tradução vai incorporar ao circuito do pensamento brasileiro uma maneira nova de rever a realidade que se instituiu no espaço cultural. Assim, portanto, entende-se que o movimento crítico antropofágico, segundo as autoras Ferreira & Rossi (2013), pode também ser associado a um procedimento de tradução, tal como fará posteriormente Haroldo de Campos:

Resgatar uma dupla relação da tradução, situando-a entre o ‘fazer’ tradução e o ‘pensar o fazer’ da tradução, num movimento de autorreflexividade que sustenta o paradigma construído por Haroldo de Campos. A consequência é colocar o tradutor em três lugares de fala: tradutor, crítico e poiesiador. Nesse

sentido, a tradução define-se, ao mesmo tempo, como processo criativo (sujeito/tempo/espço) e como processo crítico-teórico (...). O interesse pela antropofagia se mede na construção de uma teoria da mestiçagem enquanto paradigma possível, em que a mestiçagem é vista não como um processo de substituição, mas como processo de interpretação e de tradução. Ao construir uma das críticas mais radicais das identidades chamadas a dissolver-se, introduz flexibilidade no pensamento pulverizando a noção de fixidez. Põe em xeque o regime autoritário e identitário da sociedade e da língua. Enfim, o pensamento antropofágico torna irrisórias as noções de “fontes” e de “influências” e, por conseguinte, a noção de “aculturação”, assim como as de “empréstimo” (que implica a recepção de algo que deveria ser devolvido), de “elemento”, de “pureza” (...). A tradução é, então, antes de tudo, interdiscursividade e, enquanto tal, é, por excelência, o que pode suscitar a multiplicação textual por ser multiplicidade. Não há limite para o traduzir, nem línguas, nem épocas (p.37, 41, 44).

Da antropofagia à recriação, o poeta e crítico Haroldo de Campos também recorre a um fundamento aproximado ao de Oswald para melhor definir o seu método de tradução. Da geração de literatos posterior à de Oswald de Andrade e um dos mais representativos como expoente da poética concretista brasileira, Haroldo de Campos empregou o termo transcrição para referir-se ao seu ato tradutório. Para ele, a tradução é criação e crítica. Nesse sentido, Haroldo pensa a tradução como uma prática renovadora do texto original, elevando-a a categoria de texto criativo, em virtude de não se traduzir o seu significado, mas o todo. Incorporando ao texto os aspectos performáticos tanto visuais quanto musicais, Haroldo nos mostra que a tradução se torna muito mais dinâmica e libertadora. Desta forma, a proposta haroldiana contrapõe-se à ideia de tradução literal, pois as criativas traduções que Haroldo se propõe a fazer não somente abrem a discussão sobre a linguagem em si, como também inserem a palavra poética dentro de um progressivo deslocamento histórico.

Nesse esquema performático, o trabalho de Haroldo e de seus dois companheiros, Augusto de Campos e Décio Pignatari, passa por uma necessidade – como diria Lefevere (2007), de fator poetológico - de recuperar o movimento de vanguarda. Segundo Augusto de Campos, em uma entrevista concedida à Marjorie Perloff:

Nos anos cinquenta (...) havia uma demanda muito importante por mudanças, pela recuperação dos movimentos de vanguarda. Tivemos duas grandes guerras que marginalizavam e deixaram de lado por muitos, muitos anos, as coisas que nos interessavam. Entendam, a música de Webern, Schoenberg e Alan Berg, por exemplo, não era reproduzida porque era condenada tanto na Alemanha quando na Rússia, as duas ditaduras. Podia-se dizer que toda a poesia experimental, toda a arte experimental, de certo modo, foi marginalizada. Só nos anos cinquenta é que começou a redescoberta de

Mallarmé, a redescoberta de Pound. Sua obra foi muito condenada. Nós participamos de um movimento internacional (...) que tentava resgatar Pound, que havia sido excluído das antologias americanas. (...) Foi uma situação traumática em todas as artes. Duchamp foi redescoberto na década de sessenta pelo movimento Pop e por Cage, e assim equilibrou a influência de Picasso (...) havia um grande movimento de Charles Ives, Henry Cowell e Cage. Por isso, acredito que foi uma necessidade de recuperar os grandes movimentos de vanguarda (2013, p. 118-119).

É certo que, quando Oswald de Andrade e Augusto de Campos referiam-se à vanguarda como abandono de certos preceitos e resgate de outros, intencionavam novas formas de organização estruturais que vão desde a conjuntura política e o conceito de identidade nacional até a necessidade de modificação do estado de subserviência das nossas letras. Para Marília Ribeiro (2007, p. 118), as vanguardas:

Possuem o caráter militante, revolucionário e utópico, acreditando que a arte tem a missão de construir um novo homem, um novo mundo e uma nova ordem social; usam palavras de ordem, manifestos, estratégias de choque e produção de eventos provocativos; articulam-se como um grupo de artistas em torno de um líder intelectual, visando à realização de ações que integram as várias manifestações artísticas; questionam a instituição artística burguesa, o circuito artístico e as categorias da obra de arte, rompendo a distância entre a arte e a vida.

Logo, entender a metáfora antropofágica aplicada ao processo da tradução enquanto eixo teórico e campo pluridiscursivo põe em jogo questões muito pertinentes ao campo da sociopolítica latinoamericana, como, por exemplo, as divergências culturais ocasionadas pela historiografia eurocêntrica, que voltam a ser reescritas e reconduzidas a um novo patamar de desapropriações e reapropriações, modificando concomitantemente as duas culturas e desconstruindo o logocentrismo hegemônico, em razão de uma nova dimensão criadora originada no encontro dessas duas culturas. Portanto, como bem afirma Haroldo de Campos (apud PERLOFF, 2012, p.125):

Escrever nas Américas e na Europa hoje em dia significará cada vez mais, para mim, reescrever, remastigar. Escritores de mentalidade monológica e ‘logocêntrica’ – se eles ainda existem e persistem nessa mentalidade – devem perceber que se tornará mais e mais impossível escrever ‘a prosa do mundo’ sem considerar, pelo menos como ponto de referência, as diferenças desses ‘ex-cêntricos’, ao mesmo tempo ‘bárbaros’ (por pertencerem a um ‘mundo subdesenvolvido’ periférico) e alexandrinos (por fazerem incursões ‘guerrilheiras’ no coração da Biblioteca de Babel).

Em virtude de não situar a cultura do Outro como núcleo, o pensamento político de Haroldo alude a uma emancipação cultural, histórica, política e social da cultura latino-americana. Por esse viés, tal reflexão crítica levanta a questão sobre as divergentes posturas tradutórias de “domesticação” e “estrangeirização”, para usar os termos de Lawrence Venuti (1995). Mas seja qual for a atitude diante do texto fonte, é certo que toda tradução não escapa das convicções políticas e ideológicas do tradutor, em outras palavras, nenhuma tradução poderá ser considerada neutra. A partir do momento em que o tradutor escolhe determinada língua e\ou cultura para ser traduzida, é preciso reconhecer primeiramente que ele é, acima de tudo, sujeito atuante, tanto por fazer parte de um sistema social e político quanto por ser o responsável pela construção de imagens e signos da cultura estrangeira, isto é, por exercer papel de intermediação entre obra e público. Como bem resume Seligmann-Silva:

Estamos conscientes dos limites da tradução e desse ideal-de-literalidade; sabemos que esta atividade, como qualquer interpretação, é determinada pelo nosso presente – suas lutas, modos de ver, hierarquias e resistências às estruturas de poder. A política da tradução antimimética destrói a noção de um original estanque, cristalizado e imune à ação do tempo e da interação entre as culturas (2005, p. 206).

Esse elo que o tradutor construirá entre a obra e o leitor já fomenta a importância da tradução dentro de um jogo de poder, ideologia e manipulação. Em suma, do ponto de vista da língua receptora, toda tradução produz um certo grau de manipulação do texto fonte que está a serviço de alguma ordem, seja ela literária ou não. É o caso, por exemplo, da tradução inglesa do poeta indiano Rabindranath Tagore (1861-1941). Segundo Mahasweta Sengupta (1995, p. 165), as traduções em língua inglesa abertamente manifestam a hegemonia da imagem e o do discurso americano em relação à literatura indiana. Dessa forma, a tradução projetada para a cultura receptora toda uma forma de pensamento e de vida estrangeiras que sugerem o *diferente* para a cultura que a acolhe.

Ao mesmo tempo, permite que a cultura que está sendo revelada seja desdobrada em novas construções críticas de compreensão do mundo, da história, da escrita, do homem, de outras formas de sentimento, e convoca a memória e o presente a estarem em constante metamorfose, a partir da renovação que a tradução traz à palavra literária.

A partir desse processo consciente em que as culturas envolvidas são transformadas, desconstruídas ou, nas palavras de Terry Eagleton (2011, p. 16), “cultivadas” mutuamente, o tradutor reatualiza a obra original de maneira a causar uma ruptura no equilíbrio do próprio tempo-espaço da escrita. E essa reatualização sinaliza que a escrita tradutória determina-se como um efetivo processo intencional de recriação da própria escrita, avessa a qualquer forma de fechamento, quer seja cronológico, quer seja geográfico:

Podemos afirmar que a tradução de uma obra literária é não só possível como desejável. Porém, ela requer do tradutor um certo grau de identificação com o texto a ser traduzido. Requer ainda a consciência de que traduzir assemelha-se ao próprio processo de criação, o que deve se manifestar na capacidade criadora do tradutor. Embora a tradução possa adquirir uma certa independência em relação ao original ao ser considerada como criação, é preciso considerar que esse original existe e é sempre um ponto de partida que deve ser respeitado. Esse respeito, no entanto, não significa servilismo, que é a pior falta de respeito que se pode dedicar a um texto numa tradução. Significa, isto sim, realizar dele uma leitura a mais profunda possível, utilizando-se de todos os meios disponíveis. É esta leitura que garantirá ao tradutor a convicção necessária para criar numa língua um texto que possa representar um original escrito numa outra. Essa maneira de conceber a tradução literária explica por que a cada época, ou até simultaneamente, temos novas traduções de obras clássicas. As traduções podem envelhecer, ainda que o original não envelheça. Nós também, enquanto leitores, podemos perceber que as leituras que realizamos das grandes obras caducam. E, neste caso, só nos resta ler de novo (ANTUNES, 1991, p.8).

Assim, podemos entender que o efeito da prática tradutória abre espaço para se pensar a tradução como reflexão. E se é reflexão, pressupõe-se, portanto, que toda tradução é também crítica, pois, como bem disse Sérgio Milliet a Silveira Peixoto (1971, p. 112), “a tradução pode ser encarada como obra de arte, como realização análoga à obra de ficção”. Isto é, a tradução é tanto expressão quanto discussão contínua, que a todo o momento se constrói, reverberando um universo ideológico e político voltado para o alargamento da linguagem e da cultura, o que gera uma tentativa de recriação não somente da palavra poética, mas da sociedade na qual o texto se insere.

## ***1.2 A literatura em migração***

Segundo o professor Everardo Rocha (1988, p. 5), etnocentrismo é uma visão de mundo “onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo, e todos os outros

são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”. Para ele, essa definição se divide em dois planos: o plano intelectual e o plano afetivo. O primeiro se refere ao bloqueio da aceitação da diferença, já o segundo plano tem muito a ver com os sentimentos gerados por essa dificuldade, como a estranheza, o medo, a hostilidade. Esses fenômenos, por serem condições intrínsecas da experiência histórica da humanidade, são facilmente localizados no cotidiano das nossas vidas, pois é certo que tais questões sempre esbarram no embate do choque cultural, já que todos esses processos envolvem a dominação de uma cultura por outra e, conseqüentemente, de uma língua por outra.

Aparentemente, tal encerramento de si mesmo pode parecer para a civilização etnocêntrica um fortalecimento da sua cultura, sobretudo quando a territorialidade de um povo alcança um valor simbólico e hegemônico de grande amplitude, o que acaba por revelar este fechamento como uma arma defensiva, um escudo protetor contra qualquer contaminação alheia, e o resultado disso, como já sabemos, são os violentos conflitos étnico-raciais, tal como aconteceu na Alemanha nazi-fascista. Outra forma, além da migração de pessoas, foi a de assimilação cultural tal como aconteceu na Índia, cuja interface linguística entre as línguas inglesa e hindu, como explica Ahmad Abu-Mahfouz (2008, p.04), envolve uma relação de dominância e de fascínio diante do império americano, alterando completamente a própria identidade da escrita indiana, e o que se vê agora são escritores, como Raja Rao, RK Narayan, Vikram Seth, Amitava Ghose e Arundhati Roy escrevendo em língua inglesa e internalizando a língua do Outro como a sua. Outro fato que talvez seja mais notório da Índia é a sua indústria cinematográfica muito influenciada pela cultura ocidental, sobretudo pela norte-americana. Inspirados em Hollywood e no Oscar, Bollywood e Filmfare Awards tornaram-se um dos maiores eventos cinematográficos do mundo. Esses eventos, por terem ajudado a criar uma nova identidade em um país cuja cultura é muito marcada pelo sincretismo e pelo pluralismo, tornaram-se ponto de encontro dos elementos intrínsecos de sua cultura de valores mulçumanos com a cultura ocidental, quer dizer, eles constroem um projeto histórico e identitário bastante complexo e que se enriquece a partir de um lugar transformado pelas fronteiras da modernidade indiana e pela globalização.

Em virtude do processo de pós-colonialismo, ocasionado principalmente pela redes cybernéticas, o cenário cultural do pós-guerra transformou-se a tal ponto no mundo que os estudos antropológicos, acompanhados da tradução, ganharam novas investidas. A palavra tradução vem do latim, que significa “transferir”, “transportar entre fronteiras”, lembra Hall (2006, p. 89), o que explicita a ideia de movimentação, revelando ao mundo diferentes vozes e costumes.

Para Homi Bahbha (2013), a “diferença” cultural não se classifica como algo conceitualmente estático, mas se articula sempre na flexibilidade de sujeitos, pensamentos, tempos, ideais. Isso quer dizer que, à medida que as divergências culturais tornam-se cada vez menos um “bicho de sete cabeças”, censuráveis e estranhas, a ideia de pureza é radicalmente rompida, o que dá sentido, sobretudo, ao fim da ideia de divisões entre alta cultura e cultura periférica, ou seja, a tradução vista sob o prisma da miscigenação cultural abriria também uma espécie de tolerância às diferenças culturais, não somente por perceber os obstáculos inerentes da sua própria cultura quanto por não transferir ao Outro a expectativa de uma cultura ideal, visto que a própria experiência de alteridade é válida, sobretudo, quando diferentes grupos sociais compartilham o mesmo universo cultural. Deste modo, portanto, a defesa da diferença cultural, da identidade coletiva e da autonomia pode assumir a configuração de luta pela igualdade de direitos e pela exigência de justiça.

Portanto, se por um lado a tradução pode reforçar a relação de dominação existente entre as diferentes civilizações humanas, por outro, a prática da tradução é igualmente essencial para permitir a confluência entre grupos intelectuais múltiplos, inscrevendo o texto em um novo contexto histórico-social e, ao mesmo tempo, reforçando a ampliação para outras expressões de luta política, ideológica e, sobretudo, estética. Nesse sentido, é interessante perceber como a tradução tornou-se para as culturas consideradas “periféricas” ou “inferiores” tanto um caminho para se chegar à cultura considerada “modelo”, proporcionando o acesso à sua escrita e ao saber, como também uma possibilidade de ter visibilidade perante a Nação do modelo “ideal”. Daí a explicação de os Estudos de Tradução ganharem corpo e força em países da América Latina, da África, e do Oriente Médio (BASSNETT, 2003 p.20), especialmente após um momento tão delicado como foi o pós Segunda Guerra Mundial. Pois, quando nos deparamos com as leituras estrangeiras difundidas após 1945, a ideia da metáfora

canibalesca fundada por Oswald de Andrade e articulada aos processos emancipatórios não somente indica a libertação de certos preconceitos culturais, como aponta para a complexidade da cultura receptora e para uma abertura da própria linguagem, criando saberes alternativos que excedem o tempo-espaço da escrita, vislumbrando suas diferentes interioridades, dimensões e perspectivas.

Assim, a partir da catalogação dos textos divulgados nos Semanários *Letras & Artes* e *Arte-Literatura*, que são apenas um recorte do que foi a escrita literária traduzida nesse momento, é possível dizer que houve um emaranhado de domínios que traçam um estado sempre de construção do presente, inovação do passado e criação do futuro. A tradução produz novos encontros com o Outro, ela é capaz de engendrar novas formas de embate tanto “consensuais” quanto “conflituosas”. Bhabha observa que:

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença (...) é uma **negociação** complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (...) Ao reencontrar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Este processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 2013, p. 21)

De modo geral, Bhabha (2013) pauta-se na ideia da “estrangeiridade das línguas”, instaurada por Walter Benjamin<sup>5</sup>, para explicar sua teoria da diferença cultural. Toda negociação cultural passa pela criação de espaços de lutas mestiças e que comportam diversas e contrárias temporalidades. Em decorrência dessas mudanças temporais vivenciadas na História, o sujeito passa a ser constituído como signo da pluralidade, ou para utilizar o termo do referido autor, suscetível a uma constante “re-

---

<sup>5</sup> O original sempre está aberto para a tradução, e por causa disso, nunca se pode dizer que haja um momento completamente prioritário de ser e sentido - uma essência. O que realmente significa é que as culturas somente são constituídas em relação à alteridade interna ao seu próprio processo de formação simbólica (...) O ato de tradução cultural (tanto como representação quanto reprodução) nega o essencialismo de uma determinada cultura original ou originária anterior, então vemos que todas as formas de cultura são postas em um contínuo processo de hibridação, entendo, portanto, como “terceiro espaço” (tradução nossa. p.209) – RUTHERFORD, Jonathan. *The Third Space*. Interview with Homi Bhabha. In: *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, 1990, p. 207 – 221.

historicização” (p.66). E o resultado disso é que “no ato da tradução, o conteúdo ‘dado’ torna-se estranho e estranhado, e isso, por sua vez, deixa a linguagem em confronto com o seu duplo, o intraduzível – estranho e estrangeiro” (p. 264). O desafio do tradutor está em reconhecer que a identidade encontra-se sempre em transformação, em constante mutabilidade.

Umberto Eco (2007) diz que a tradução é *negociação*. Tal afirmação descreve, portanto, o tradutor como um negociador que, por se encontrar no *entre*, abre um espaço de significação e apropriação e inscreve o texto traduzido como outra possibilidade de “ser quase a mesma coisa” e “não a mesma coisa”. Desse modo, Eco coloca em questão o próprio discurso do texto original no qual o tradutor anuncia a sua liberdade, embora dependente de “alguns critérios preliminares” (p.10) como “renunciar a algumas propriedades e salvar apenas as relevantes para o contexto” (p.96). Utilizando de suas experiências como tradutor e como escritor traduzido, Umberto Eco afirma que o contato com a outra língua o fez perceber “potencialidades interpretativas que passaram despercebidas (...) e como a tradução podia melhorá-los” (p.15).

A perspectiva de Eco caminha para o mesmo plano de Homi Bhabha, no sentido de pensar a relação entre o Eu e o Outro, do local e do estrangeiro, da língua receptora e da língua de partida como algo propício a deslocamentos, a mudanças, e no momento dessa interação negociada são produzidas práticas diferentes que podem ser ou não conflitantes. Façamos, assim, a pergunta: o que, então, é capaz de modificar a língua receptora? E o que garantirá que o texto traduzido terá a mesma receptividade que teve o texto original?

Analisando a prática da tradução ao longo da história, compreendemos que a invocação da memória constitui um importante dispositivo para a prática tradutória, não somente porque tradução e memória se imbricam num diálogo com o passado, mas também porque são capazes de modificá-lo. Outra semelhança está naquilo que diz respeito à impossibilidade da recuperação desse passado, ou seja, embora a memória tente recuperar ao máximo o que aconteceu, a representação jamais será inteiramente restaurada, mesmo que se tenham evidências reais e comprovadas, e o mesmo problema acomete o texto traduzido, pois como diz Umberto Eco (2007), a tradução é “quase” a coisa, mas não “é” a coisa.

Todavia, a palavra rememorada produz a possibilidade de olharmos o presente de uma maneira diferente. Este deslocamento oportuniza pensar certos problemas cruciais que dizem respeito à receptividade do texto literário, pois é certo que a mudança de contexto social e temporal não se aplica apenas à questão política, mas, sobretudo, trata-se também de uma mudança de espírito, da criatividade do tradutor. Criatividade esta de não apenas reviver o passado, mas se apresentar como apropriação dele, pois, como bem aponta a visão fenomenológica de Paul Ricoeur (2007, p. 71), “lembrar-se não é somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, fazer alguma coisa”. Sabendo, portanto, que a tradução literária atua no campo da criação artística, e que por isso vai além da necessidade da comunicação interlinguística e de sua utilidade prática, não tendo, portanto, um comprometimento com a *verdade*, mas com a linguagem, ela, de todo modo, aponta para uma dessacralização da língua, para uma renovação da palavra. Com efeito, entende-se que a renovação da palavra parte primeiramente da aceitação de uma perda, ou seja, é preciso abdicar do ideal da tradução perfeita, pois, “somente essa renúncia permite viver, como uma deficiência aceita, a impossibilidade enunciada” (RICOEUR, 2011, p.27).

## 2. DE 1930 AOS SUPLEMENTOS: POLÍTICA, JORNALISMO E CULTURA

Discutir a complexidade literária da identidade brasileira requer entender, primeiramente, a dimensão da heterogeneidade da nossa cultura. Desnecessário dizer que a diversidade étnica e cultural brasileira no seu início representada por centenas de grupos indígenas, cada um com costumes, mitos e religiosidade próprias da sua cultura, sempre existiu, mesmo antes da chegada dos exploradores europeus. No entanto, a imposição e exploração dos colonos portugueses na América Latina resultaram em diversos acontecimentos marcantes na história, na economia e na política da nossa sociedade, transformando o espaço num terreno pluricontinental. Por outro lado, sem dúvida, a nossa condição de país híbrido, considerado sem unidade, foi uma das causas que intensificaram a ideia da inferioridade cultural, ideia esta que perdurou até o início do século XX.

As ideologias colonialistas e dominantes nutridas do passado político brasileiro, que marcaram o final do século XIX, conceberam a etnia racial como sendo a força motora da civilização, da antibarbárie social e educacional, formas mascaradas de apagar o pluralismo cultural, uniformizando-o para controlá-lo. A interpretação de Silviano Santiago (1936) se dirige precisamente a esse ponto fundamental da influência estrangeira, representada primeiramente pela exploração e dominação da metrópole, para, então, ser convertido em algo a favor da cultura brasileira. Diz ele:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo (p. 18)

A mestiçagem, a mistura étnica, engendrada a partir do processo histórico-político, se transfigura numa espécie de “infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar à

descolonização” (p. 17). A entrada do século XX fixou uma nova relação intercultural revelada com uma grande vitalidade para a prática reflexiva, estética e politicamente engajada, mas ao mesmo tempo à procura de uma identidade própria e universal. A questão da identidade nacional e da necessidade do cosmopolitismo cultural, especialmente da América Latina, surge no início do século XX, com a disseminação das vanguardas hispano-americanas que, ancoradas na necessidade de revisitar o passado e na tentativa de reescrever esse passado historiográfico sob um novo olhar estético e também político, reavalia criticamente os padrões considerados ideais segundo o olhar da arte conservadora.

Jorge Schwartz (2008, p. 48) revela que há diferentes estudos que confirmam o começo das vanguardas na América Latina. Embora as datas variem de acordo com a perspectiva de determinados autores, como a de Hugo Verani, de Miklos Szabolcsi, e até a dele próprio, o panorama das discussões sempre irá lançar o ano de 1922 como sendo o *annus mirabilis*. Não somente porque o espírito renovador das artes é tomado de uma maneira muito mais ampla e questionadora nos países latino-americanos, mas porque houve também uma agitação e inquietação político e social de nível internacional que favoreceu essa nova tomada de pensamento ideológico. A entrada do século XX tornou-se, portanto, um período de extrema efervescência intelectual e política que se estendeu por toda a América Latina.

Para o Brasil esse novo tempo representou um processo de transição tanto na questão econômica e política quanto na esfera da educação e da cultura. No terreno literário a nova conjuntura modernista que se formava nos anos 1920 começou claramente a produzir resultados: inaugurava-se o processo de separação entre aqueles que queriam para o Brasil um posicionamento crítico e político mais nacionalista e aqueles que dimensionavam o cosmopolitismo como possibilidade de melhora cultural. Controvérsias à parte, as animações culturais da segunda década se tornaram visíveis tanto no crescimento editorial, principalmente nas cidades Rio de Janeiro e São Paulo, como também na grande diversificação de eventos, entre os quais se devem destacar o marco artístico-cultural mais representativo da marcha modernista, a Semana de Arte Moderna de 1922.

Antes disso, em 1921 era instituída a Sociedade Paulista de Belas Artes, renunciando a famosa Semana de Arte Moderna, que ocorreu em fevereiro de 1922, da qual participaram não só artistas e literatos paulistas, mas intelectuais de várias localidades do Brasil e do mundo. Figuras como Manuel Bandeira – embora este não tenha participado diretamente –, Villa-Lobos, Anita Mafaloti, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Di Cavalcanti, Mário de Andrade e outros, influenciados pelas vanguardas europeias, pelas agitações políticas, sociais e econômicas da época, tinham como objetivo principal manifestar a renovação da linguagem e da liberdade criadora através de novas experimentações estéticas e temáticas e da ruptura com o passado. Em princípio, a Europa por muito tempo foi representada na cultura brasileira como a principal referência no quesito de educação, criação artística, politização e costumes, e por esses motivos deveríamos reproduzir. As verdadeiras raízes culturais foram sempre subjugadas à qualidade daquilo que deveriam ser ocultadas, ao passo que a “originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas na sua origem, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais” (SILVIANO, 1936, p.16).

Em outras palavras, a ideologia dominante e culturalmente construída representou para o imaginário da elite brasileira um modelo idealizado e que deveria ser copiado. E as obras artísticas exibidas na Semana de 22 se constituíam como uma atitude contestatória a tudo isso e, legitimamente crítica, expressando o mal-estar com a política praticada pelas lideranças do governo e as sociedade. Ao mesmo tempo, os modernistas revelaram a importância em redescobrir a sociedade brasileira ao trazer à tona elementos antes ignorados pela Arte, como o camponês, o negro, o proletariado. O grupo de artistas que participou da Semana de 22 estava comprometido com a modernização do país e isso implicava necessariamente em opor-se à política oligárquica. Estas ideias se desdobram com a maturidade do Movimento, provocando outros debates críticos e discussões acerca da cultura, como a Poesia Pau-Brasil, a antropofagia cultural e o regionalismo. Em conjunto, a crise de 1929, a Revolução de 1930, a luta concorrencial dos grandes trustes e cartéis internacionais e a ascensão hegemônica norte-americana desencadeou uma série de mudanças que afetou diretamente as produções artísticas e literárias brasileiras: a lacuna existente entre a realidade social e o artificialismo de suas instituições vigentes não associava o povo

brasileiro à sua realidade, o que gerou a inquietação de muitos intelectuais que procuraram pensar sobre os males da nossa sociedade.

A simbiose da *intelligentsia* com o sistema de poder tem sido extremamente imbricada e complexa, uma vez que, ao longo da história, frequentemente se atribuiu a esta relação o papel de transmitir a veracidade. Segundo Peter Burke (2008), durante as décadas de 1930 a 1950 as mudanças sociais, literárias e econômicas foram reconhecidas tanto como um instrumento de política como de algo socialmente desejável e que é papel do Estado promover. No Brasil, esse período foi marcado por uma forte campanha nacionalista promovida pelo presidente Getúlio Vargas e consolidada pelos programas educacionais. A figura de Vargas surge em um momento problemático da história do Brasil, sucedido de um colapso econômico e de amoldamento social. Nesta conjuntura, novos intérpretes sociais ganham importância, como a classe proletária, a burguesia industrial e militar, tal como aponta Boris Fausto (1999, p.19):

Na passagem dos anos 20 para a década de 30, há um fator crucial que empurra o Brasil para o caminho autoritário, ou seja, a crise mundial aberta em 1929. Por seu impacto, a crise desmonta uma série de pressupostos do capitalismo liberal, que já não era tão liberal, e fornece uma boa justificativa, no plano político, para a crítica à liberdade de expressão, para a crítica ao dissenso, expresso na liberdade partidária, tidos como elementos que conduziram o país à desordem e ao caos.

Criticado por uns e ovacionado por outros, o governo varguista promoveu uma série de modificações na estrutura social brasileira nesse momento. Graças a um golpe de estado, em 1937, assumiu a presidência. “O pai dos pobres”, como era popularmente conhecido, adotou medidas autoritárias que geraram a divisão entre aqueles que defendiam o centralismo político, persistindo na permanência de um poder violento e apartidário, e aqueles que protestavam por medidas mais liberais. E, com uma política cada vez mais centralizadora, Getúlio Vargas buscou abater a liberdade dos estados, desempenhando, de tal modo, o máximo domínio sobre as tradicionais famílias oligárquicas estaduais. Para isso, procurou maquinar energicamente uma intensa comoção de identidade nacional, fator eficaz para a construção do Estado-Novo. Ao longo dos anos de 1936 e 1937, o presidente estimulou a luta contra o comunismo e as forças opostas ao seu poder com o desígnio de dar prosseguimento ao seu governo, e o

período subsequente, de 1937 a 1945, assinala-se por uma guinada abertamente autoritária, com nos lembra Boris Fausto (1999, p. 23):

Nesse momento, é a figura do Vargas ditador que assume o primeiro plano, a imagem do homem que, através de um golpe de Estado, com o auxílio das Forças Armadas, instaura a ditadura, pondo fim à breve e turbulenta experiência democrática de 1934-37, traíndo assim os ideais da revolução de que fora um dos principais líderes. Nesse momento, domina a cena o Vargas identificado com o ideário autoritário.

A ânsia pela construção de um novo plano de nacionalidade de ação controladora o fez criar um novo órgão do governo, o Departamento de Imprensa e Propaganda, o chamado (DIP), que massivamente trabalhou para que a cultura e a educação fossem reconhecidas como massa de manobra de Vargas, sendo um exemplo disso a revista *Cultura Política* (1941). O governo getulista não poupou esforços para que todo e qualquer tipo de produção intelectual que ia de encontro aos preceitos do governo fosse fortemente censurado. Aqueles considerados opositores do governo, avaliados como subversivos, acabaram presos, exilados, ou foram mortos.

Segundo Angela de Castro Gomes (1999, p. 53-72) a era do Estado Novo é particularmente útil para análise da relação entre os intelectuais e o Estado, já que neste mesmo tempo se mostrou uma intensa inclusão de letrados na organização político-ideológica do regime varguista. Assim, a participação de muitos letrados na vida pública, ocupando cargos do governo, não somente ampliava e fortalecia a política estado-novista como também denotaria enriquecimento próprio. No caso dos escritores, que exerciam uma atividade pouco valorizada e remunerada, a complementação financeira nas imprensas e nos cargos públicos era algo muito comum, visto que dispunham de padrões de ordenado elevados e de uma série de benefícios e mordomias na hierarquia burocrática, fortalecendo o corporativismo. Mas, independentemente das escolhas políticas, a Era Vargas está categoricamente agregada ao conceito de construção de identidade nacional, pois inaugurou em nosso país uma forma de pensamento transformadora sobre a nossa cultura.

Avaliando as indicações mais gerais a respeito do nacionalismo, em termos econômicos, políticos e sociais, é plausível relacioná-lo à questão da educação. Assim, o período de 1930 a 1950 foi importante tanto para a concretização do capitalismo

brasileiro, atrelado à industrialização, como também para a ação eficaz de um novo sistema de ideais educacionais, que apregoava a autoridade da escola como acesso à reconstrução da coletividade brasileira. Em outras palavras, em todos os campos da vida social os mesmos limites para o incremento de um plano de melhorias se fizeram presentes.

Eurico Gaspar Dutra, em 1946, é eleito presidente. Ao contrário de Getúlio – e embora tenha sido eleito porque este o apoiava – adotou uma política mais liberal e populista. Dentro desse “afrouxamento” político<sup>6</sup>, as reivindicações em favor de maior liberdade de pensamento ganharam força entre os homens de letras. Muitos escritores que durante o Governo Constitucional de Vargas foram hostilizados voltam, agora, a ser editados e reeditados, como acontece com o jornalista Paulo Duarte<sup>7</sup>. Observa-se que nesse momento entidades e associações artísticas foram muito importantes na defesa ativa da melhoria da condição profissional do homem de letras e no estabelecimento de uma política democrática no país, como por exemplo, a Sociedade Brasileira de Escritores que:

Longe de privilegiar os dilemas do escritor por um aspecto meramente político, ou dedicar-se exclusivamente à causa dos direitos autorais, agregará ambos os níveis de interesse, trabalhando em favor de uma vida intelectual mais digna, onde aquele que se dedicava ao pensamento poderia exercer sua atividade livre de todo e qualquer tipo de restrição. Garantindo o seu direito de dizer o que pensa e sendo reconhecido e recompensado pelo fruto de sua criatividade, o escritor, assim como o restante da intelectualidade, poderia exercer plenamente o seu papel social, qual seja, o de guiar as massas a partir de valores como liberdade e democracia. Por este viés é que se poderá pensar o conclave dos escritores como um esforço pela formação de um campo intelectual autônomo no Brasil (LIMA, 2010, p. 12)

No contexto internacional, a Segunda Guerra Mundial (1939–1945) tornou-se um dos episódios mais lamentáveis e incontornáveis de toda a história da humanidade,

---

<sup>6</sup> A transformação do cenário brasileiro obviamente não foi radical. Até porque como afirma o professor Jorge Ferreira, as dificuldades para viabilizar o regime democrático no Brasil devem ter sido imensas. Afinal, os antecedentes conhecidos eram o autoritarismo dos anos 1930 e o liberalismo excludente da Primeira República. Até então, a sociedade brasileira não conhecera experiências de participação política ampliada. Era preciso, portanto, aprender a lidar com as regras do jogo democrático e a participar delas.

O *Jornal de Notícias*, por exemplo, sugeriu numa publicação, em 1947, cautela para pensarmos se havia de fato, após a queda do governo ditatorial, uma liberdade de pensamento plena instaurada no Brasil. E cita o fato do governo proibir os encontros e reuniões dos estudantes universitários paulistas durante o ano letivo. *Jornal de Notícias*, São Paulo. Ed. 214, p. 12, 30 dezembro de 1947

<sup>7</sup> Paulo Duarte lutou incansavelmente contra o governo Vargas. Escrevia em jornais e em revistas americanos para denunciar as injustiças desse Governo. Foi preso, perseguido, e por fim exilado.

pois afetou direta ou indiretamente todas as nações. Não somente porque dizimou milhões de seres humanos, como também as consequências associadas a ela foram de proporções globais, refletidas em todos os sistemas da sociedade. O nazismo, acompanhado da barbárie de Hitler e das monstruosas violações de direitos humanos no entre-guerras, transformou o espaço europeu – e até o Amazônico, como bem mostra o cordel de Zé Vicente<sup>8</sup>: *Por causa dessa desgraça / Tudo agora encareceu / A farinha, a gurijuba já seu preço suspendeu / Até couro de calango/ já na praça se vendeu* – num campo de proliferação da miséria, da fome, e do desrespeito aos direitos sociais. A humanidade via perplexa a ruína do valor do indivíduo e a partir daí um novo padrão dos direitos fundamentais surgiu, dando início ao procedimento de reformulação desses direitos. No Brasil, a política passou a dar mais atenção aos direitos básicos, desempenhando o papel de resguardar e defender as liberdades públicas e o de proporcionar todos os direitos sociais, econômicos e culturais. As leis universais, que hoje conhecemos e que nos servem de amparo e assistência quando há qualquer desentendimento diplomático que fira os direitos civis, como a Declaração dos Direitos Humanos, que assegura o direito à educação, à vida, à liberdade e à igualdade, auxiliou, em certa medida, para uma eficaz abertura à realização do princípio da equidade em domínio nacional. Isto é, paralelamente, a consignação do início da igualdade, junto ao repulso de todos os modelos de preconceito e de discriminação, afugentando pela primeira vez qualquer publicidade de invento preconceituoso, que desacate principalmente grupos étnicos ou classes sociais, fixa-se no Brasil graças uma série de ações legislatórias celebradas pela conjuntura histórica internacional.

É através dessa tomada de consciência muito complexa e até certo ponto espinhosa – pois é baseada num universo imaginário e idealista em que as dialéticas distância-proximidade e diferença-identidade são incluídas como metas políticas – que se criam discursos de cunho militantes no Brasil. E a literatura acompanha esse momento. A literatura, bem como as artes em geral, submersa nesse caos global e, ao mesmo tempo expressando o reflexo das emoções causadas pela Guerra e pelas perseguições políticas, ecoou nas temáticas, nas formas de representação e na recepção

---

<sup>8</sup> Cf. NETO, 2008, p.06

artística mundial, além dos problemas sociais e políticos, a situação do homem enquanto ser consciente que se volta para a sua subjetividade e espiritualidade.

As letras são inundadas por fluxos universais como o existencialismo europeu e o realismo latino-americano, enquanto o momento da modernidade integrou as nações mundiais. Os gêneros orais, a mídia e a cultura popular influenciaram cada vez mais a narrativa no sentido dela se tornar inovadora e autorreflexiva, encontrando vitalidade no material mais popular, desenvolvendo uma agudeza sensível, interiorizada e abstrata, constituída de experiências mentais e expressões que passam a ser os meios de veicular a experiência e a liberdade de pensar a si mesmo, não como um mero reflexo do outro, mas como uma expressão própria. Ademais, o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo propiciou um ambiente favorável para o progresso em diversos planos e novas orientações com a inserção de novos agentes em cena.

Partindo do pressuposto de que é possível apreender a ideia de universalismo e cultura, a partir da literatura e do contexto presente do pós-guerra, o que se vê agora, segundo o pesquisador Jorge Ferreira, é uma “quantidade de títulos de jornais publicados no período 1946-1964, expressando diversas vertentes da opinião pública e atuando de maneira livre da censura estatal” (2010, p.13). Sobre isso é conveniente notar que o ano de 1945 é marcado pela transição que ocorreu no plano das iniciativas culturais, em especial, no domínio das comunicações, como os jornais, as editoras e o comércio livreiro. O desenvolvimento da imprensa tipográfica é um dado essencial para entender as mudanças da vida citadina e a variedade das produções culturais decorrentes da dinâmica moderna do país em desenvolvimento.

Nas décadas de 1940 e 1950, os periódicos adquiriram posições estratégicas nessa transição. Na medida em que ganhavam relevo e destaque no cenário nacional como um dos maiores divulgadores de empreendimentos culturais, superou-se, em certo ponto, o fechamento e o modo como as letras chegavam aos leitores, constituindo-se também como um negócio que contemplaria o crescimento do público leitor. Além disso, a variedade dos suplementos tornou o discurso sobre a arte e a literatura mais exigente e ampliou as leituras literárias. No âmbito da literatura, os egressos do modernismo atuavam nos principais jornais do país, que se desenvolviam em ritmo acelerado, facilitando o acesso e o diálogo cultural com as principais cidades do Brasil,

como Rio de Janeiro e São Paulo, com outras cidades fora desse eixo, como Manaus e Pará.

A plêiade literária brasileira participou vigorosamente das discussões sobre os rumos sociais e literários do país nas gazetas, notadamente no que diz respeito aos planos de alargamento cultural atrelados à democracia, expressos, sobretudo, nos movimentos promovidos pelos homens de letras<sup>9</sup>, como Sérgio Milliet, Paulo Mendes de Almeida, Mario Neme, Arnaldo Pedrosa D’Horta, Lourdes Santos Machado, Antonio Candido de Melo e Souza, Lourival Gomes Machado, Décio de Almeida Prado, Carlos Kopke, Roger Bastide, Domingos de Carvalho e Silva, Péricles Eugênio, Oswald de Andrade, Francisco Sales, Caio Prado Junior, Manuel Bandeira etc, em revistas e, sobretudo, nos suplementos literários, incorporando, de modo criativo e quase completo, os processos estéticos vivenciados em outros contextos e temporalidades. Desta forma, a literatura trouxe para si – e para o jornal – novos modelos do discurso nutridos pelas mais significativas ordens internacionais sobre a arte. A descentralização do homem, produto da modernidade e da guerra, e o aparecimento das vanguardas vão abater os fundamentos da arte tradicional, e a literatura será afetada inteiramente por um novo discurso que igualmente se aproxima das novas experimentações.

### ***2.1 Imprensa Brasileira: o suplemento literário na experiência democrática pós-45***

Sabe-se que os jornais são valiosas fontes de fatos documentais e/ou testemunhais para a construção da memória nacional, pois remetem a uma temporalidade histórica de determinada sociedade, sobretudo por ocupar um lugar privilegiado no que se refere à cultura. E em virtude do seu duplo caráter, tanto por difundirem determinada corrente política quanto influenciar o leitor, podem provocar

---

<sup>9</sup> O II Congresso Brasileiro de Escritores, acontecido em 1947, também promovido pela Associação Brasileira de Escritores, aconteceu em Minas Gerais, e visou outras questões que não se encontravam no Primeiro Congresso. Se o Primeiro propôs basicamente a liberdade de pensamento, o comprometimento com a democracia e o direito autoral, no Segundo são visadas questões que priorizam mais o texto literário em si, como o “intercâmbio autoral, a luta pela paz, a defesa da circulação do livro didático e a discussão da arte literária” (ESPETÁCULOS. Jornal de Notícias, São Paulo. Ed. 402, p. 5,18 agosto de 1947). Essas reivindicações, de certo modo, facilitam a inserção da literatura mundial.

transformações profundas na ordem social. Pois, como afirma Alzira Alves Abreu (1996, p.9)

A mídia é parte integrante do jogo político e da própria construção do acontecimento histórico. O historiador deve admitir, por outro lado, que os jornalistas são ao mesmo tempo testemunhas e atores e, na maior parte das vezes, porta-vozes de partidos políticos, de organizações e de interesses.

Suas diretrizes, principalmente no século XX, após a II Guerra Mundial, tomam um caráter mais incisivo baseado em três pontos, ou como Burke & Briggs (2006) chamam-na, “tríade sagrada”, que é constituída pela informação, pela educação e pelo entretenimento, e a imprensa brasileira acompanhou essa mudança. Alzira Abreu (1996) chama a atenção para esse momento por considerá-lo importante para compreender a mudança de pensamento e de comportamento dos escritores nas gazetas brasileiras.

Nesse sentido, é interessante perceber que a imprensa, no Brasil, acompanhou a nova estrutura social internacional de desenvolvimento econômico que se formou após as duas Guerras Mundiais e início da Guerra Fria. O jornal começou a abandonar as antigas formas artesanais de pequena amplitude para produzir, então, uma nova ferramenta de diálogo com o público leitor, com textos mais diretos e específicos. Para a autora, o jornalismo brasileiro nesse período passou por uma transição: os velhos moldes de produção jornalística baseados no modelo francês – o jornal atrelado a partidos políticos, a escrita opinativa e pessoal – cedia lugar, agora, “ao modelo norte-americano, um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação” (p.15). Ademais, os fatores sociais nacionais cooperaram para o desenvolvimento desse tipo de jornalismo, tais como o processo de urbanização e a popularização do Rádio.

Assim, a partir de 1946, o Brasil não apenas mudava o regime político, como também iniciava um novo ciclo para os escritores, sobretudo no que tange à participação colaborativa nos grandes jornais do país. Alzira Alves Abreu (2011) afirma que para além dessa mudança jornalística, tal período também foi marcado “de intensa criatividade e grande mudança” no setor cultural dos escritores, principalmente no que se refere à criação de suplementos literários nos grandes jornais do Brasil. Nesta situação de rupturas e reorganizações pela procura de novas linguagens surgiram para o público mais interessado na leitura de entretenimento, semanários que tratavam da vida

social e artístico-cultural. Com efeito, podemos dizer que essa nova reorganização do espaço jornalístico começou a dar os primeiros sinais de afastamento da escrita jornalística e da literária.

Mas isso não quer dizer que a literatura tenha se esvaído das gazetas. Não, ela apenas conquistou um novo espaço no jornal mais digno e melhor acomodado, como também adentrou em uma nova experimentação estética, muito embora não tenha se desvinculado totalmente do caráter pedagógico, ou seja, o de aproximar a literatura do povo. Tristão de Athayde acreditava que essa era uma das missões da Geração 45, pois para ele, era preciso construir e valorizar uma herança crítica dos leitores sobre o Brasil. Mas, ao contrário do que anunciava Athayde, a Geração de 45 não proclamava a presença de uma nova escola, mas a própria renovação do modernismo. Em 1949, Lêdo Ivo escreve um artigo intitulado *Geração de 45*<sup>10</sup>, que dizia:

Com a morte de Mário de Andrade desapareceria talvez o único guia estético legado pelo modernismo; e a desaparecimento desse guerreiro ilustre influía em nossas letras como se a geração dominante tivesse perdido o seu porta-voz vigilante, aquele que falava por todos e os interpretava melhor do que eles mesmos. Além do mais, a queda do Estado Novo servia de marco político para a aferição de um novo movimento em nossa literatura, do mesmo modo como a revolução de 30, assinala com data histórica, o surto da geração post-modernista [sic]. Também entre 1944 e 1945 surgiram livros de poemas de nomes até então desconhecidos que iriam, com essa contribuição pessoal, suscitar a curiosidade da crítica dominante. É interessante salientar que, como acontecera com o movimento de 1922, três geografias literárias se juntavam na composição dessa mensagem: Recife, Belo Horizonte e São Paulo. De Pernambuco viera o testemunho dos jovens poetas que em 1941 organizaram o Primeiro Congresso de Poesia do Recife. De Minas Gerais vinha o poeta Bueno de Rivera. Em São Paulo (...) o senhor Domingos de Carvalho iria compor-se grupalmente na Revista Brasileira de Poesia, a principal responsável pelo Primeiro Congresso de Poesia de São Paulo. Queremos crer que esses fatos testemunham claramente a existência de um novo estágio de sensibilidade, traduzível em presença dos novos valores. Por outro lado, o florescimento de revistas de novos, no norte, no centro e no sul, a organização de pequenas editoras, o avanço para os suplementos, e outros fatores de ordem material não deixavam dúvidas sobre a presença de uma nova geração, a geração de 1945. (...)

Lêdo Ivo, embora tenha feito uma crítica agressiva à nova proposta artística da época, revela também o panorama das literaturas estrangeiras divulgadas naquele momento. Estimulados com os acontecimentos internacionais do século XX – sobretudo após as Grandes Guerras – o movimento literário brasileiro se organizou com um

---

<sup>10</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano III, ed 138, 18 de setembro de 1949

discurso mais militante, buscando assim construir e valorizar uma herança crítica dos leitores sobre o Brasil a partir de um intento democrático. A literatura como instrução tornou-se, portanto, uma estratégia de combate aos problemas internos sociais e uma bandeira de luta a favor da liberdade de pensamento.

Determinados fatores históricos, como o baixo índice de escolarização, impediram o desenvolvimento do campo cultural brasileiro. A nossa cultura, infelizmente, foi muito sacrificada em prol de uma sociedade oligárquica e escravocrata. Além disso, apesar de John Milton (2002, p. 25) afirmar que as décadas de 1930 e 1940 foram promissoras para o mercado editorial, sobretudo para a tradução, ainda assim, não se pode dizer que o acesso ao livro se deu de forma justa e igualitária. O próprio Maurício Rosenblatt <sup>11</sup>, editor da *Editora Globo*, havia dito, em 1946, no jornal *A manhã*, que o acesso aos livros era impedido em virtude do alto valor mercadológico. E num país cuja população mal teria condições de fazer as três refeições básicas, a compra de um livro, seja qual for, com certeza não seria priorizada.

Desse modo, a inserção de suplementos literários na década de 1940 nos jornais brasileiros tornou-se importante tanto para a vida do leitor – ainda que esse leitor não se enquadrasse na realidade mais ampla do povo brasileiro – quanto para “divulgação das produções literárias dos escritores, bem como para dar prestígio ao jornal” (ABREU, 1996, p.18). Os cadernos culturais, além de fomentarem a leitura aos diversos tipos de textos que eram assinados por jornalistas, acadêmicos ou escritores, ainda foram importantes para tornarem o público ciente do que estava sendo publicado pelo mercado editorial.

As publicações dos suplementos possibilitaram, portanto, criar pontos de discussões sobre as diversas linguagens como literatura, pintura, cinema, teatro e crítica literária, além de trazer notícias sobre o que estava acontecendo na Europa e no Brasil. As publicações também não deixaram de lado questões extraliterárias, já que o

---

<sup>11</sup> Rosenblatt, um dos diretores da livraria Globo Editora, justifica que o baixo interesse da população pela leitura é decorrente dos altos preços no mercado. Em contrapartida, afirma que o leitor brasileiro – provavelmente o diretor se refere à elite – “despreza o livro barato, pois provoca-lhe desconfiança. Temos na casa um exemplo concreto. Lançamos uma coleção com o intuito exclusivo de apresentar ao público obras primas a preços acessíveis. Preocupamo-nos em dar-lhe a melhor apresentação possível, e escolhemos, para nela figurar produções de valor universal, traduzidas pelos melhores tradutores, e autores nacionais de renome; no entanto, a sua procura não ultrapassou as demais coleções. Em conclusão: aqueles que lêem, adquirem ou não o volume que lhes interessa, independente do preço marcado”. - ROSENBLATT, Maurício. Suplemento *Letras & Artes*. Rio de Janeiro, p.06. 13 fev. 1945

momento era propício para se discutir sobre liberdade, democracia e sociedade em um tempo em que o homem mudou o modo de atuar e de refletir frente às novas transformações que ocorreram nos espaços da política, da economia, da ciência, da tecnologia. E que diz respeito à condição de circulação da literatura, os suplementos foram cadernos que certamente apareceram nos grandes jornais do país. O historiador Dawson Cangassu (2008, p.28) destaca os principais suplementos que se sobressaíram no Brasil:

No Ceará havia as *Edições Clã* (1946-57); em Recife, *Nordeste*; em Goiás, *Agora*, no Maranhão destacava-se o *Malazarte* (1947-48), o *Sete Dias* e o *Suplemento Cultural do Centro Cultural "Gonçalves Dias"*, publicado no jornal *Diário de São Luís*; no Rio de Janeiro foi fundado o *Suplemento Letras & Artes* (1946-53) do jornal *A Manhã*; em Belém havia o suplemento literário *Arte e Literatura*, do jornal *A Província do Pará*, e o suplemento literário *Arte-Literatura* (1946-51), do jornal *Folha do Norte*.

Mas há muitos outros que não foram citados por ele, como o *Correio das Artes* (1949), da Paraíba, o *Folha Literária* (1949), de Cuiabá, *Autores e Livros* (1941), do Rio de Janeiro, o *Suplemento Literário do Estado de São Paulo* (1946) etc. Ademais, esses cadernos culturais foram democráticos e populares no sentido de descentralizarem geograficamente as discussões em torno das experiências estéticas e artísticas, saindo de uma redoma para transitarem em diversas regiões do país, já que seus colaboradores (poetas, escritores, críticos, ensaístas, contistas) além de não serem exclusivamente do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, também colaboravam para várias outras gazetas, o que resultou numa espécie de rodízio dos assuntos.

Para Alzira Abreu (2006), a participação de muitos escritores colaborando para diversos jornais foi certamente uma oportunidade de reafirmar suas posições ideológicas, uma maneira de se engajar politicamente e, claro, uma oportunidade de elevar suas condições financeiras. E por ser um apêndice do jornal em formato de revista, a vantagem de adquiri-lo foi compensatória por três motivos: o leitor não perderia as notícias e informações diárias – visto que as tiragens dos suplementos literários não eram vendidas separadas da gazeta e geralmente circulavam aos finais de semana, normalmente aos domingos, dia intencionalmente escolhido pela suspensão do trabalho e das aulas – e ainda teria em mãos um meio de divulgação cultural mais barato, compacto e acessível em comparação com o livro. E este, diga-se de passagem,

era um bem para poucos. Por fim, o leitor, em vez de descartar o jornal todo, poderia guardar o texto literário publicado no suplemento para uma possível releitura.

Sem dúvida, o cenário literário brasileiro contribuiu muito para o crescimento desse tipo de caderno cultural em nosso país. Por outro lado, esse crescimento também favoreceu a criação de suplementos considerados de qualidade duvidosa, o que levou muitos letrados a criticar e a exigir maior rigor na qualidade daqueles que colaboram e competência dos que chefiavam os textos enviados. Múcio Leão, convidado por Cassiano Ricardo para ser o organizador de um dos suplementos mais influentes e importantes do Rio de Janeiro, o *Autores e Livros*, não poupou críticas a respeito desse problema:

É coisa fácil organizar-se um suplemento literário um pouco ao Deus dará, como tantos são organizados. O repórter, encarregado deste insignificante serviço, dirige-se a quatro ou cinco ou dez sujeitos, que gostam de gastar o tempo escrevendo coisas de literatura, e lhes encomenda artigos, contos e poesias. Todo mundo, no Brasil, é mais ou menos literato. E é raro, raríssimo, haver quem receba um convite desses e resista. Acontece, além disso, que, como toda a gente sabe, cada redação é bombardeada, todos os dias, com dezenas de novas colaborações espontâneas (algumas até agressivas), que tem inúmeras vantagens e um único defeito. As vantagens não precisarei dizer quais sejam. O defeito é não valerem nada. Mas os repórteres, encarregados do trabalho de organizar tais suplementos, não têm nada que olhar para o mérito literário das páginas que lhes chegam às mãos. A única coisa, a considerar, é que elas são gratuitas e é que são em número tal que são para encher as numerosas colunas disponíveis da folha... o resultado é este que vemos: os suplementos literários, no Brasil, com raras exceções, são a própria personificação do enfadonho. Considerei tudo isso quando aceitei a tarefa de organizar o suplemento literário de A MANHÃ (...) e esse plano consiste apenas nisto: em evocar as grandes figuras do passado, dedicar-lhes o melhor do suplemento, fazê-las reviver, um momento, na memória, se possível na meditação, dos leitores apressados de hoje (...) Mas é venerando no passado o que o passado tenha de verdadeiramente digno de veneração que vamos criar essas tradições (...) Um jornal deve procurar ter um programa de vida e ação, esse programa só poderá ser um: o de levar a cultura ao povo, o de oferecer modicamente às multidões aquilo que os livros não lhes vão levar, porque as multidões – coitadas – não podem adquirir os livros, sobretudo numa época em que eles estão cada vez mais a preços proibitivos. A finalidade precípua de *Autores e Livros* é, pois, constituir-se uma espécie de história literária, de difusão amplamente popular. Se há nessa ambição uma tal ou qual cor de inatualidade, essa cor será compensada pela aquisição dos escritores novos, que em cada número estão aparecendo<sup>12</sup>

Esse tipo de caderno tornou-se lucrativo para o jornal e favorável à carreira do escritor profissional. Primeiro porque a carreira de escritor só se valorizava se este já fosse algum letrado conhecido do público e legitimado pela Academia, e para um

---

<sup>12</sup> LEÃO, Múcio. Considerações à margem de Autores e Livros. Suplemento Literário Autores & Livros. Jornal A manhã. Rio de Janeiro, p. 04, 30 Set. 1941.

escritor de início de carreira que não possuía fama alguma, cooperar em qualquer suplemento já ofereceria algum tipo de visibilidade profissional; segundo, a imprensa que patrocinava um suplemento estaria cooperando para o melhoramento intelectual dos nossos habitantes, além de ser uma forma explícita de prestígio social e de influência política. É bem verdade que todas essas vantagens não somente ajudaram a aproximar os diversos suplementos que circulavam nos estados do Brasil, como também asseguravam aos suplementos de pequeno porte o não insulamento dos artistas locais.

A busca por um progresso cultural a partir do contato com a tradução também é vista como uma aproximação entre os próprios escritores do Brasil. O interesse em colocar no centro da questão discursos que incluam as vozes e manifestações artísticas locais e folclóricas de diferentes lugares do país também é uma forma de questionamento sobre nós mesmos, e talvez nos faça perceber que ainda somos estrangeiros dentro da nossa própria pátria. Nesse espaço de abertura e, digamos, de autoconhecimento, a tradução passa a ter uma função central tanto na expansão do mercado editorial brasileiro quanto para o enriquecimento cultural da nação.

É dentro deste contexto de rupturas da arte com o convencional, da pesquisa por novas linguagens, que a literatura cruzará o século XX numa perspectiva pluralista que tanto poderá compreender as inquietações de cunho mais individualista, mítico e intimista, destacando obras que trazem para si o caráter mais objetivo, a urgência e o imediatismo da linguagem literária, quer seja de clássicos quer seja de contemporâneos, pois o importante mesmo era primar pela pluralidade, e é esse o núcleo de preocupações que norteará o pensamento e o posicionamento intelectual, sobretudo gerado pela tradução.

## ***2.2 A tradução: um bem indispensável nos suplementos literários.***

Em meio a essa atmosfera de mudanças, apontando para preocupações éticas nas quais as ideologias em conflito buscavam contraditória legitimidade, a filosofia existencialista se abre como um campo de reflexão muito mais próximo da experiência humana. A crítica estilística e retórica dará lugar, portanto, a novas abordagens, condizentes com a expansão do conhecimento, reforçadas pelas teses do inconsciente e do Eu formuladas pelo Existencialismo de Jean Paul Sartre e Camus, e pelas noções

marxistas da exploração capitalista. Segundo Amarildo Almeida (2005) o Existencialismo não é um princípio pessimista e muito menos fechado, ao contrário, é uma doutrina filosófica que propõe a abertura e a possibilidade de se descobrir e de descobrir o Outro a partir de uma liberdade e de uma relação com o universal, ou seja, o princípio imanente de liberdade que presidirá na poesia desse momento é justamente o que anima a filosofia existencialista, pois os influxos e refluxos das correntes artísticas e literárias surgidas no clima psicológico do pós-guerra age como uma “resposta” aquilo que a ciência não dava conta de responder.

Diante desse quadro de abertura à literatura estrangeira, vários escritores e críticos como Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Paulo Rónai entre outros, faziam considerações a respeito da presença da tradução, particularmente para a cultura brasileira, como um bem necessário, sobretudo para a formação, a educação e emancipação intelectual da população. Assim, ao mesmo tempo em que houve um intenso fluxo de obras vertidas para a nossa língua, pode-se dizer que a circulação de traduções também promoveu a abertura e o debate da tradução como assunto indispensável à nossa cultura, além do fato de ser uma atividade muito mais valorizada e remunerada.

Devo acentuar, porém, que quando o escritor possui mérito real, e faz traduções por motivos de ordem financeira, como em geral sucede, pois as traduções, em regra, são bem mais pagas do que os livros originais, então neste caso, acredito que nada haverá a temer (ATHAYDE, 1932 apud SILVEIRA, 1971, P. 23)

Não é de se surpreender, portanto, que nas décadas de 1930 a 1950 os escritores tiveram uma maior autonomia de escolha da sua tradução. As novas possibilidades que se abriram aos escritores, por conta da valorização e da legitimação da tradução, ampliaram os espaços de divulgação da obra literária estrangeira e diminuíram as distâncias entre os leitores e a literatura.

Além disso, o livro e as revistas literárias que sempre foram os principais suportes de divulgação da escrita artística, bem como o jornal, juntamente com seus suplementos literários, põem em questão o seu valor transformador para a história do Brasil, determinando certa correspondência de diálogo e de igualdade com as outras

nações como França, Portugal, e com os países da América Latina, como Argentina e Chile.

Outro recurso importante lançado pelos suplementos para a valorização da escrita nacional foi o de, no geral, publicar as traduções ao lado das produções literárias brasileiras, não havendo, portanto, distinção. Percebe-se, então, certo grau de aproximação não no sentido *ipsi literis* da palavra, mas pensar que em uma mesma edição as nossas literaturas, a nossa língua, o nosso modo de percepção da vida e da estética, compartilhava o mesmo espaço com outras literaturas e outros modos de escrita literária estrangeira desconhecidas do público ao lado de obras de autores canônicos brasileiros e/ou produções de escritores novatos ao lado de obras estrangeiras famosas. E isso, não somente demonstra respeito pela nossa escrita, valorizando-a, mas também denota certo grau de comparação, permitindo com que as nossas letras nacionais estejam em pé de igualdade com a literatura mundial. Ou podemos pensar numa perspectiva contrária: são os autores estrangeiros que são capazes de chegar ao nível das letras nacionais, pois, como alega Peter Burke (2008, p. 91), “as aparências da página impressa funcionam como uma série de deixas para os leitores, encorajando-os a interpretar o texto de uma maneira e não de outra”.

Em vista disso, devemos notar, mesmo que rapidamente, que essa forma de pensamento que se situa quase como um pêndulo de leitura, onde o leitor faz movimentos cheios de idas e vindas, se notabiliza não somente pelas riquezas culturais e literárias propiciadas por esse tipo de edição, como também pelo trabalho de análise crítica dos leitores perante as obras. Ao percebermos que esse tipo de estrutura se realiza como um importante disseminador de ideologia e de uma forma diferente de percepção sobre as nossas letras, considera-se que os suplementos não poderiam ser destinados a qualquer leitor, mesmo que sua inserção se dê em um dos veículos de comunicação mais acessíveis e populares da época. Dito de maneira direta é possível listarmos uma série de indícios que marcam os suplementos como produtos apreciados por pessoas que fazem parte de uma elite intelectual, tais como: a linguagem altamente elitizada e culta, sendo que algumas publicações até eram feitas em outro idioma; a presença de figuras ilustres da sociedade que acompanhavam os semanários, visto que o redator fazia questão de noticiar quando algum deles escrevia parabenizando o

suplemento, ainda mais se for um suplemento de renome; e, principalmente, pelo destaque e influência que esse tipo de caderno cultural teve em outros países.

Além disso, a grande maioria dos colaboradores e editores dos suplementos literários tinha algum tipo de vínculo político ou jurídico, ou seja, além de praticar a escrita artística, também exerciam algum poder na cadeia social, desempenhando certo grau de influência, prestígio e vantagem. Por outro lado, também, não convém dizer que os suplementos foram suportes expressamente destinados aos burgueses, até porque alguns deles, como o *Letras & Artes*, foram tomados como suporte de ensino nas salas de aula e no aprendizado do letramento de adultos analfabetos, o que fortaleceu o acesso e o melhoramento à divulgação da leitura da nossa população desprovida de recursos e bens. Observa-se com isso, a importância da tradução para a formação da cultura brasileira, uma vez que o cosmopolitismo produz desdobramentos e deslocamentos, cujos princípios tornam possíveis as passagens não somente de um texto, mas de outras perspectivas de vida. Veremos, portanto, que o *Letras & Artes* e o *Arte-Literatura* participaram de um projeto cuja literatura estrangeira foi empregada não apenas como uma opção de leitura fortuita, mas como mote da modernidade e do progresso nacional.

### 3 DE SUDESTE AO NORTE: VIVA A TRADUÇÃO

O jornal *Folha do Norte* foi fundado em 1º de janeiro de 1896, por Enéas Martins e Cypriano Santos, e combatia ferrenhamente a política de Antônio Lemos, dono do *A Província do Pará*. O *F.N* defendia o Partido Republicano Federal, dirigido por Lauro Sodré e, posteriormente, por Paes de Carvalho, figuras emblemáticas da política local. No ano de 1922 até 1966, o jornalista Paulo Maranhão tomou a administração do circular, que depois passou a ser comandado por Clóvis Maranhão. Após a direção de Clóvis, o jornal, embora tenha sido um dos mais duráveis e importantes da região, foi vendido para a atual *O Liberal*, em 1973. Antes de vendê-lo para a família Maiorana e se tornar *O Liberal*, a *FN*, como todo jornal de grande porte e influente após a Segunda Guerra Mundial, lançou como maior mérito de seu pioneirismo no estado um suplemento literário e artístico chamado *Arte-Literatura*.

O suplemento *Arte-Literatura*, caderno literário e artístico paraense anexo da *Folha do Norte*, foi fundado em 5 de Maio de 1946. Era publicado exclusivamente aos domingos e contava com a orientação do redator Haroldo Maranhão. O Suplemento perdeu até 14 de Janeiro de 1951, finalizado com 162 edições. Haroldo Maranhão, neto de Paulo Maranhão, embora tenha se dedicado ao Direito, também caminhou para o ramo do jornalismo e da literatura, fundando também uma revista denominada *Encontro* (1948), ao lado de Benedito Nunes, amigo de infância, e de Mário Faustino, mostrando o quão engajado ele estava na divulgação da literatura.

Contudo, a criação do *Arte-Literatura* não seria possível sem as figuras Max Martins, Benedito Nunes, Jurandir Bezerra, e claro, Haroldo. O quarteto, comandado por Haroldo Maranhão, ajudou a criar um clima de proximidade entre diversos escritores, tanto locais – como Cauby Cruz, Guilherme Barata, Maurício Rodrigues, Floriano Jaime, Benedito Nunes, Alonso Rocha e outros –, quanto os estrangeiros de estimados valores literários. Assim, podemos dizer que o *Arte-Literatura* trouxe a pluralidade de tendências e escritores, pois contou com a colaboração de autores de

várias regiões do Brasil<sup>13</sup>, cujos nomes aparecem estampados na página principal do semanário.

O quadro geral do suplemento apresenta uma estrutura um pouco rudimentar comparado com os suplementos do sudeste que já tinham tido a experiência do formato desse tipo de caderno cultural. Isso se justifica por ser a primeira experiência da imprensa paraense a se adequar a esse tipo de editoração gráfica: isto é, a atenção maior era em torno das artes verbais, dava-se maior espaço à poesia e à prosa, o que minimizou a apresentação das outras formas de arte, tais como a pintura, a gravura, a ilustração e as vinhetas. Por outro lado, discutia-se muito a problemática social que ia ao encontro do problema político do comunismo e da filosofia existencialista, notabilizados pela crítica de Sérgio Milliet e Benedito Nunes.

O Pará realmente havia conquistado uma posição vantajosa na vanguarda com a criação desse suplemento, destacando o papel social da retomada de construção da nossa literatura, divulgando a atmosfera cultural da época e gravando uma composição cultural local. Mas é importante lembrar que antes da criação do *Arte-Literatura* alguns poetas já dialogavam com o movimento modernista de 1922, como afirma Costa:

A década de 1920 viu surgir no Pará a efetivação do modernismo nas artes, particularmente na literatura, com a revista Belém Nova que circulou entre os anos de 1923 e 1929 e teve a contribuição dos representantes do modernismo paraense, liderados pelo poeta e folclorista Bruno de Menezes. Entre os colaboradores da revista estavam Abguar Bastos, De Campos Ribeiro, Dejad de Mendonça, Eneida de Moraes, Jacques Flores, Ignácio de Moura além de outros autores do Pará e de fora do Estado. De maneira geral, essa publicação reuniu os principais escritores daquele movimento e se destacou pela postura crítica ao “passadismo”, pela defesa da liberdade formal na literatura e pela formação de um movimento regional de caráter nortista. Para a maior parte dos autores que se detiveram à análise do modernismo paraense, verificou-se um forte regionalismo em vários momentos da atuação daquela intelectualidade artística. Por intelectualidade artística entendemos o conjunto

---

<sup>13</sup> **De Belém:** Alonso Rocha, Benedito Nunes, Bruno de Menezes, Cauby Cruz, Cécil Meira, Cléo Bernardo, Daniel Coelho de Souza, F.Paulo Mendes, Garibaldi Brasil, Haroldo Maranhão, Levi Martins, Nunes Pereira, Orlando Bitar, Otavio Mendonça, Paulo Plínio Abreu, R. de Sousa Moura, Ribamar de Moura, Rui Guilherme Barata, Rui Coutinho e Sultana Levy Roseblatt. **Do Rio:** Alvaro Lins, Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Cyro dos Anjos, Fernando Sabino, Fernando Ferreira de Loanda, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Lêdo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Maria da Saudade Cortesão, Marques Rebelo, Manuel Bandeira, Maria Julieta Drummond, Murilo Mendes, Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai e Rachel de Queiroz. **De São Paulo:** Domingos Carvalho as Silva, Edgar Cavalheiro, Roger Bastide, Sergio Buarque de Holanda e Sérgio Milliet. **De Belo Horizonte:** Alphonsus de Guimaraes Filho e Bueno de Rivera. **De Curitiba:** Daiton Trevisan e Wilson Martins. **De Porto Alegre:** Wilson Chagas. **De Fortaleza:** Antonio Girão Barroso, Aluísio Medeiros, Braga Montenegro, João Climaco Bezerra e José Stenio Lopes. - Tirado do jornal Folha do Norte. Grifo nosso.

dos agentes sociais que atuam no campo da cultura, de maneira diferenciada de acordo com suas especialidades dentro da divisão das modalidades de expressão artística, mas que de modo geral têm em comum o fato de que agem como intelectuais ligados ao campo das artes. Em outras palavras, podem ser literatos, compositores letristas, músicos, jornalistas, folcloristas, estudantes, etc., que de alguma maneira operam no sentido de orientar as tendências artísticas de sua época (COSTA, 2010, p. 62-63).

O modernismo foi caracterizado por diferentes atuações contra o Parnasianismo. No Pará, não foi diferente. Nesse momento, o texto intitulado “Flami-n’-assú: manifesto aos intelectuais paraenses”, escrito por Abguar Bastos e publicado em 1927, na revista Belém Nova (criada por Bruno de Menezes), foi um marco na era do modernismo na capital paraense. Outra revista também local que se destacou na história da literatura modernista foi a *Terra Imatura*, que discutiu os problemas e conquistas apresentados no trabalho literário, refletindo também maior preocupação com as questões políticas da literatura regional. Nota-se, pois, que o percurso modernista no Pará teve um alcance considerável e foi muito bem recebido pelos leitores. Mas porque apenas compensar o desenvolvimento literário e cultural na criação do *Arte-Literatura*?

A criação desse caderno semanário, como qualquer outro suplemento, foi muito importante para os leitores. Como vimos, a partir de 1945, germinou no Brasil esse tipo de caderno jornalístico-literário mais eclético, pois era a chegada de um novo modo de relacionamento entre o público leitor e o escritor e, por isso mesmo, cresceu o interesse desses leitores pela literatura abordada. E, incorporando na mesma corrente a facilidade com que os escritores comungam seus ideais e criações numa mídia impressa popular, eles também recuperam a dimensão da literatura e da crítica do pós-guerra. É nesse contexto de forte influência internacional que o *Arte-Literatura* não mede esforços para defender a autenticidade do movimento literário daquele momento e para incluir-se como parte integrante desse novo processo histórico literário que se firmava através de uma produção própria e atual. Com isso, superou-se, em parte, a situação de dependência dos produtores culturais do antigo sistema de disseminação das Artes. Como afirma Marinilce Coelho (2003, p. 121):

Pará, Ceará, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão, Paraná eram representados por suas revistas literárias, que eram lidas em diversos cantos do país. Pelo noticiário do suplemento literário da *Folha do Norte* sabe-se de que alguns dos títulos dessas revistas citadas chegavam à redação do jornal paraense

Por outro lado, o *Arte-Literatura* foi igualmente importante para a literatura local, por libertar as letras das amarras tradicionais, mas sem abandonar por completo o “velho” fazer poético. Segundo a autora, o Suplemento foi um espaço artístico aberto e que manteve a convivência entre os jovens e os escritores mais experientes. O grupo de letrados paraenses, portanto, não ficou alheio às férteis discussões literárias mundo afora. Haroldo Maranhão avigora-se para mostrar uma postura crítica diante do quadro histórico, social e artístico local, dialogando com o contexto nacional. Ele, assim como os demais autores locais, direta ou indiretamente, fez parte de uma geração chamada Geração de 45.

Lêdo Ivo, como fora citado no capítulo anterior, foi um dos críticos que mais questionou os rumos que a literatura modernista tomava, pois acreditava que os confrades dessa geração precisavam saber criticar, saber julgar e saber lidar politicamente com a principal arma do escritor: a pena. A presença de um “novo espírito literário” é verificada na capacidade de uma postura crítica mais exigente, em um posicionamento ideológico sobre os valores do homem e do mundo e em um despertar para as questões realmente literárias. Para o literato, essa Geração mergulhou de cabeça em valores ligados aos dramas vivenciados, como a morte, sendo, portanto, pessimista, mas, ao mesmo tempo, sendo também libertária. Prevalecendo, assim, como traço comum, a capacidade que o homem tem de criar valores e de ser responsável pelas suas escolhas.

\*\*\*

Já no Sudeste, o Suplemento *Letras & Artes* fez parte de um dos jornais mais importantes do Rio de Janeiro, o *A Manhã*. E, assim como o jornal *Folha do Norte*, que nasceu de uma condição política, o *A manhã* não foi diferente: o jornal foi porta voz da ditadura estado-novista. A gazeta, dirigido pelo paulista e nacionalista Cassiano Ricardo (1895-1974), foi fundado em 09 de agosto de 1941 e contou com o lançamento de vários outros suplementos, como o *Pensamento na América*<sup>14</sup> e *Autores e Livros*. Sobre este último suplemento, Muza Velasquez afirma que:

---

<sup>14</sup> Dirigido por Ribeiro Couto *que mostrou o envolvimento de nossos escritores com os valores artísticos e literários universais, onde chegamos até encontrar alguns poemas traduzidos e que não foram divulgados no Letras & Artes*, como a da chilena Gabriela Mistral, cujo poema País da ausência foi traduzido por Ribeiro de Couto, ou os poemas do norte-americano Archibald Macleish, “Haverá pouca coisa a esquecer” e Chartres, ambos vertidos por Manuel Bandeira<sup>14</sup>

A partir de 1943, na esteira das pressões democratizantes, diversos intelectuais que colaboravam no jornal afastaram-se de suas páginas e, em fevereiro de 1945, o próprio Múcio Leão [editor desse suplemento], discordando da convocação das eleições por Vargas, abandonou a direção do suplemento. Com o fim do Estado Novo, Autores e Livros abre espaço para um novo suplemento literário – Letras & Artes – que começa a circular em 1946 (2000, p.133).

No entanto, nenhum suplemento foi capaz de superar a qualidade e a excelência que o *Letras & Artes* possuía, não somente porque foi muito influente politicamente, visto que o jornal ao qual era anexado foi porta voz do regime varguista, mas, para José Condé<sup>15</sup>, por ser considerado “a mais séria realização já empreendida no Brasil” e por tornar-se “uma verdadeira revista de arte, aplicada na valorização de nossa cultura e na exposição e debate de nossos problemas estéticos e intelectuais”.

O *Letras & Artes* iniciou suas atividades em 1946, mesmo ano do *Arte-Literatura*, entretanto, perdurou até o ano de 1954, e não 1953, como afirmam Marta Scherer (2008) e Ademir Dermachi (1992), totalizado em 311 edições publicadas. E assim como no suplemento paraense, a presença de autores da mais alta categoria literária que apareceram nesse suplemento foi surpreendente, tanto porque quase toda a plêiade literária brasileira manifestava-se nele, quanto pela inclusão de escritores e correspondentes estrangeiros. A cidade do Rio de Janeiro, centro político e cultural do país, tornou-se ainda mais cosmopolita, favorecendo a expansão do mercado consumidor, o que acabou favorecendo a diversidade de tantos outros escritores participando desse suplemento. Emergiu, então, um novo espaço cultural que cada vez mais se consolidava, como o aumento de centros culturais e de entretenimento, tais como casas de shows, cassinos, teatros, ou seja, esse momento pode ser considerado como incipiente de uma sociedade de consumo. No *Letras & Artes* a situação não foge à regra: embora fosse um suplemento atrelado também ao movimento católico, acompanhava essas mudanças que operaram diretamente na discussão sobre o desenvolvimento do país, construído principalmente pela coluna de João Condé, chamada *Arquivos Implacáveis*. Guimarães Rosa, no aniversário de um ano do *Letras & Artes*, declara o seguinte:

---

<sup>15</sup> DE CONDÉ, José, *Letras e Artes*, 1947, ano II, ed. 41, p. 03, 11 de maio de 1947.

Dentro do rio tem um peixe, dentro do peixe tem uma bola, dentro da bola tem uma pomba, dentro da pomba tem um ovo, dentro do ovo uma vela.. isto é, dentro de tudo, o Grande Condé, com seus *Arquivos*: implacáveis, impagáveis, inapagáveis, indispensáveis e agradáveis (1947, p. 3, grifo do autor).

Entende-se que, especialmente, foi um caderno cultural que propôs pregar a interface do clássico com o contemporâneo, e isso é perceptível logo na primeira publicação do Suplemento, em 3 de fevereiro de 1946, quando Lacerda publica na primeira página um texto de Rosário Fusco, *Poesia: dimensão do mundo*:

A arte é um perene fluir no tempo. Sem processo não se interromperá jamais, posto que o artista é um deus sem ócios. Seu universo não se cria em seis dias, mas em todos os milésimos de segundo amanhece novo. E assim será até a consumação dos séculos (1946, p.10).

O *Letras & Artes* foi fundado pelo ex-governador de Santa Catarina, o jornalista e deputado Jorge Lacerda, que fora eleito deputado federal em 1950 pelo Partido de Representação Popular (PRP). Integrando aliança liderada pela União Democrática Nacional (UDN), foi reeleito quatro anos depois. No ano seguinte, em 1955, apoiado por este último partido, Lacerda derrotou Francisco Benjamim Gallotti nas eleições para governador. Lacerda é lembrado na política como um dos principais políticos incentivadores da educação e de planos sociais. A importância do jornalista na constituição de um pensamento nacional em relação à literatura para o cenário cultural carioca pode ser medida pelos projetos de lei de incentivo às artes em geral, principalmente as plásticas, fomentados por ele. Com efeito, Lacerda transformou esse semanário em uma das principais referências na América Latina para a divulgação dos valores e expressões estéticas nacionais no exterior, visto que esse semanário também circulava por intermédio de alguns escritores estrangeiros como o italiano Luigi Fiorentino.

Como qualquer outro suplemento que circulou após 1945, o *Letras & Artes* não se limitou somente à literatura. Outras formas artísticas e intelectuais fizeram-se presentes nas páginas desse semanário, para uma leitura dominical crítica e deleitosa, como a poesia, a filosofia, as pesquisas folclóricas, a arquitetura, a música erudita e popular, as artes plásticas, o teatro, o cinema, a fotografia, a dança, a crônica de viagem, as informações sobre os lançamentos de livros, as “fofocas” sobre os escritores, etc. Toda essa pluralidade de conteúdo que foi levantada por esses escritores foi capaz de

criar um ambiente muito promissor para a divulgação cada vez mais ampliada da literatura que, embora, muitas vezes partindo da iniciativa individual, polarizou o interesse de numerosos escritores, fomentando a troca de ideias e estimulando o aparecimento de novos valores.

No que tange a inscrição do que foi produzido e publicado, creio que o suplemento vai de encontro à afirmação de Lorryne Tavares (2013, p.8) quando ela declara: “o suplemento *Letras & Artes* abriga a principal tensão do momento, isto é, a tensão entre o clássico e o moderno, onde o modernismo teria seu fim declarado”. Naturalmente, o suplemento mantém, nessa constante tensão, a articulação daquilo que seria uma disjunção retórica e daquilo que seria uma disjunção temporal, criando, aparentemente, com isso um certo contraste. Entretanto, é frente a essa suspensão do tempo, que poderíamos argumentar que o *Letras & Artes*, ainda que Lorryne tenha se pautado nas entrevistas com “novos escritores de todas as tendências políticas e estéticas” para defender o seu ponto de vista acerca do término dessa escola literária, coloca o modernismo como algo contínuo, não sendo nem fim e nem começo, mas como um interstício que redescobre o passado e transforma o presente. Esse processo de complementariedade, se é que podemos chamar assim, é principalmente construído pela presença do pensamento do outro em nossa vida, quer seja o outro estrangeiro, quer seja o outro compatriota. Assim, o *Letras & Artes* oferece ao leitor um rico balanço do conhecimento que foi sendo produzido no campo artístico e também geopolítico, e que deve ser compreendido como uma mudança na própria maneira de conduzir o modernismo, uma recriação do que seria a ideia do modernismo.

O suplemento *Letras & Artes* tornou-se um marco na literatura brasileira, pois, partindo do pressuposto de que existe relação entre fatores externos e internos da obra, ou seja, que existe uma relação dialógica entre o texto e o contexto, é possível afirmar que a fundação desse suplemento, localizada numa região extremamente acalorada em termos literários e culturais, e situada num tempo de volta gradativa à democracia, a sua essência pluralista, antagônica, complexa e universal fez com que tivesse um interesse não somente pela cultura norte-americana ou europeia, mas pela América Latina como um todo. Assim sendo, vejo que há um certo equívoco da parte de Marta Scherer (2008, p.3) quando afirma que “nenhum artigo, matéria e nota de autoria de algum escritor, crítico, jornalista ou apenas colaborador de país latino foi encontrado. Tampouco o

suplemento literário publicou contos ou mesmo fragmentos de livros de autores dos países da América Latina”. Sobre essa afirmação, retifico-a afirmando que não só encontramos poemas de escritores latino-americanos, como das chilenas Stella Corvalan<sup>16</sup>, Gabriela Mistral<sup>17</sup> e do argentino Pedro Juan Vignale<sup>18</sup>, como contos do uruguaio Horacio Quiroga<sup>19</sup> e do boliviano Botelho Gozálvez<sup>20</sup>, e uma crítica do uruguaio José Enrique Rodó<sup>21</sup>.

O projeto de Jorge Lacerda e a efetivação dele por todos aqueles que colaboraram assiduamente ou aqueles que apareceram esporadicamente, no que compete à participação no suplemento, demonstram profunda necessidade de estabelecer a comunhão não só entre os leitores e os intelectuais, mas de intelectuais brasileiros com os intelectuais internacionais, produzindo uma série de incentivos no mercado cultural, além de possibilitar maior dinamização de determinados setores artísticos envolvidos nos processos de circulação cultural. Isso garante, pois, o desenvolvimento de maior sensibilidade estética, espírito crítico e opções de consumo no mercado cultural.

### **3.1 O percurso da tradução nos suplementos *Arte-Literatura e Letras & Artes*.**

Com as mudanças no campo de estudo da literatura, sobretudo com as influências da nova geopolítica que se formava, com a renovação do classicismo, com as novas abordagens nos estudos da filosofia e as metodologias afinadas com o chamado Existencialismo, a escrita tomou outro lugar nas preocupações dos literatos. As aproximações e o rumo muito mais flexível e aberto ao estrangeiro permitiu que se criasse no Brasil uma rede de contato e de divulgação sobre outras literaturas nos jornais muito mais consistente. A tradução, nesse sentido, viria a tornar-se nesses dois suplementos um trabalho amplamente discutido – apoiado, principalmente, pela

<sup>16</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV ,ed 149, 08 janeiro de 1950.

<sup>17</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano III ,ed 113, 23 janeiro de 1949.

<sup>18</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano III ,ed 111, 09 janeiro de 1949.

<sup>19</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI , ed 216, 22 julho de 1951.

<sup>20</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI, ed 08, 14 julho de 1946.

<sup>21</sup> **A filosofia do D. Quixote e o descobrimento da América** Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI, 62, 19 outubro de 1947.

discussão crítica sobre a importância da tradução para o alargamento cultural – numa tentativa de representar a especificidade da consciência daquele momento.

Tanto no *Arte-Literatura* quanto no *Letras & Artes*, o forte das traduções eram os poemas, depois vinham os contos, e mais raras foram as peças teatrais. Ao lado dessas traduções literárias, vieram os textos mediadores e propagandistas, com os assuntos que envolvem a receptividade da obra estrangeira, os lançamentos inéditos das editoras nacionais e internacionais, ensaios discutindo a contribuição do escritor estrangeiro para a difusão da cultura universalista, o êxito que as traduções representam para o meio social e político, o valor literário que a obra tem para quem a lê, etc. (ver fig. 01-04). Em algumas situações, convidam-se os próprios escritores ou tradutores estrangeiros para participar de tais discussões. Ao debater a tradução sob uma visão mais global e profissional, ela se abre para uma releitura muito mais crítica e acadêmica, principalmente porque esse tipo de caderno exibiu a tradução de uma forma muito mais complexa e radical, em consequência da amplitude da sua apresentação.

E, talvez, sem os escopos ensaísticos, sem as entrevistas, sem as propagandas das casas editoriais, a literatura estrangeira poderia não ter tido o destaque que teve nesses cadernos. Portanto, os textos traduzidos nos dão a dimensão do que foi a presença da tradução nesse tempo, uma passagem constante de ecos e fronteiras ambivalentes. Nesse modelo educativo de fusão cultural, a grande importância que ela tem para a cultura receptora coloca-a numa condição bem mais complexa do que se imagina. Não foi à toa que, em 1951, o suplemento *Letras & Artes* publicou uma matéria a favor da valorização do tradutor e da tradução para o nosso país, insistindo, sobretudo, num “Prêmio para Tradutores”, a ser conferido à melhor tradução do ano<sup>22</sup>.

Percebemos que essas iniciativas, práticas interventivas de valorizar determinado tradutor ou escritor, muito contribuíram para o processo de divulgação do texto na sociedade e para a profissionalização desse trabalho. Tais materiais serviram como base crítica para o leitor voltar-se à tradução com um olhar mais apurado, para entender um pouco da relação que se estabelece entre a tradução e as línguas em jogo e compreender o poder de recriação e imaginação do tradutor no momento da tradução. O ensaio

---

<sup>22</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV, ed 207, 20 maio de 1951.

Tradução literal e efeitos de estilo<sup>23</sup>, de Paulo Rónai, por exemplo, aponta essa qualidade que o tradutor precisa ter para produzir uma boa tradução. A fim de debater a receptividade da obra e de apresentar as experiências subjetivas do tradutor com o texto a ser traduzido, as entrevistas tornaram-se uma das principais fontes de conhecimento sobre esse trabalho:

Julgamos curioso e de interesse para o público, ouvir, em rápidas entrevistas, os que se vêm especializando em traduções, fazendo quase somente isso, entre nós. Fica implícito que só nos interessam os bons tradutores, pois os que têm por aí assinado toda sorte, deturpando o sentido da obra alheia e concorrendo para a deseducação (sic) do público, esses de certo, não importam no caso.<sup>24</sup>

pagina — 4

LETRAS E ARTES

Jomigo, 11-5-1952

## MACHADO DE ASSIS EM INGLES

— A meu ver, a explicação é a seguinte: Machado de Assis, nas "Memórias Postumas de Braz Cubas", destrói impiedosamente quase todos os seus personagens que, hoje em dia, adoramos. Ele é, nesse romance, um iconoclasta sem o menor pudor. E há a consideração seguinte: no "Braz Cubas", Machado destrói precisamente o homem melhor que tanto adoramos. Destruí-lo inconscientemente, em todos os seus aspectos: no atual, no político, nas manifestações de caráter, nas suas pretensões filosóficas, e assim por diante. Acabou, assim, quando um homem unido à esse romance, vê nele a sua própria destruição, e por isso mesmo dificilmente pode aceitar o livro. Repetir-o inutilmente!

— Para aceitar "Braz Cubas" é preciso ter índole forte. E isso que, mesmo no Brasil, esse romance de Machado de Assis é mais digno e falado do que raramente é apreciado.

**ESCREVERA SOBRE O BRASIL**

— Regressando agora definitivamente para os Estados Unidos, o Prof. William L. Grossman não parte sem saudade: — Certo, muito, e sincera, mente dos brasileiros. Espero escrever sobre o Brasil e a minha experiência e permanente aqui de quatro anos. Não posto quando dizem que o Brasil é o país do futuro. É uma frase superficial. O estrangeiro que fala sobre o Brasil como país do futuro desconhece a luta do brasileiro para vencer os entraves naturais, físicos e também psicológicos. Assim, por exemplo, a tradição do patriarcado na história do Brasil, sóbrio que fala Gilberto Freyre, não é um fator que se supera com facilidade. — Bem, uma vez nos Estados Unidos, espero divulgar ao máximo tudo o que vi, experimentei e aprendi de bom e bonito neste belo país que é o Brasil.

— E como se explica esse contraste tão violento? — Indagamos.

— Sempre reparava na reação não só dos editores como também dos amigos que tinham lido minha tradução de "Braz Cubas" e pude observar, de cada vez que o leitor ou leitora gostado muito, dizendo tratar-se de uma verdadeira obra-prima. Ao polo contrário, não tinha gostado absolutamente nada, qualificando o romance de Machado de obra destituída de qualquer valor, completamente ária e sem interesse. Nunca, nem uma única vez um leitor o achasse "fascinante" (emprego precisamente este termo), considerou que o romance contrariava poucos leitores nos Estados Unidos. — E como se explica esse contraste tão violento? — Indagamos.

— Continuo insistindo. Faltam, assim, por exemplo, o encarecimento das obras estrangeiras do editor Knopf, ou a pequena casa editora que só publica livros que fogem do padrão usual, e dedicados a uma pequena elite, e em reduzi-das tiragens de 2.000 exemplares — os interessam por Machado de Assis. E é por onde "Braz Cubas" deverá sair em fins deste mês. Caso venha a ter boa aceitação, William Grossman traduzirá também o "Quincas Borba".

**FORTE CONTRASTE**

Agora, de volta das férias, e antes de regressar de vez para os Estados Unidos, onde reassumirá suas funções na Universidade de Nova Iorque, o Prof. Grossman, depois de contar as suas percepções, acrescentou a seguinte curiosa observação: — Sempre reparava na reação não só dos editores como também dos amigos que tinham lido minha tradução de "Braz Cubas" e pude observar, de cada vez que o leitor ou leitora gostado muito, dizendo tratar-se de uma verdadeira obra-prima. Ao polo contrário, não tinha gostado absolutamente nada, qualificando o romance de Machado de obra destituída de qualquer valor, completamente ária e sem interesse. Nunca, nem uma única vez um leitor o achasse "fascinante" (emprego precisamente este termo), considerou que o romance contrariava poucos leitores nos Estados Unidos. — E como se explica esse contraste tão violento? — Indagamos.

— Continuo insistindo. Faltam, assim, por exemplo, o encarecimento das obras estrangeiras do editor Knopf, ou a pequena casa editora que só publica livros que fogem do padrão usual, e dedicados a uma pequena elite, e em reduzi-das tiragens de 2.000 exemplares — os interessam por Machado de Assis. E é por onde "Braz Cubas" deverá sair em fins deste mês. Caso venha a ter boa aceitação, William Grossman traduzirá também o "Quincas Borba".

**OTTO SCHNEIDER**



William L. Grossman

**PARCELO** que só agora os leitores de língua não-portuguesa começam a descobrir Machado de Assis. Depois do lançamento de "Memórias Postumas de Braz Cubas", em francês, na tradução do general Chadez, de Lavallois, estram, no ano passado, dois volumes em edição alemã: "Braz Cubas" e "Quincas Borba". Eramorosamente apresentados. Impressos sobre papel fino e de primeira qualidade, em edições como Machado de Assis nunca se teve iguais, sob o aspecto gráfico, os dois volumes encontraram uma acossada fora do comum entre os leitores de fala alemã, o que faz prever o lançamento de outros romances do velho mestre.

Agora, anuncia-se para fins deste mês de maio a edição norte-americana, pela Knopf Press, na tradução de William Grossman.

**O TRADUTOR AMERICANO**

William Grossman, professor de Economia na Universidade de Nova Iorque, veio ao Brasil em 1948, contratado pelo Ministério da Aeronáutica. Para desempenhar suas funções de professor de Economia no Instituto Tecnológico de Aeronáutica, em São José dos Campos, teve que aprender português, e aprendeu-o lendo Machado de Assis. Certamente um método original e seguro, além de interessante. E a tal ponto se apaixonou pelo grande romancista, que resolveu voltar para o Brasil e as "Memórias Postumas de Braz Cubas".

Sua decisão foi mais longe. Como não encontrasse editor, lançou o livro por sua conta, em São Paulo.

Na ocasião, em fins do ano passado, apresentando-nos exemplares um exemplar do seu trabalho, o Prof. Grossman falou-nos largamente sobre a sua experiência.

— Aproximei-me dessa tarefa de traduzir o quase intraduzível com certo medo. Antes, embora não só das obras de

Machado, como da literatura sobre ele e o ambiente físico e espiritual, por ele frequentado. Beneficiei-me especialmente de certos escritos de Bra. Lucia Miguel Pereira e do Sr. Eugênio Gomes, e de uma conversa esclarecedora com este último. A uma pergunta sobre as evidentes dificuldades que devia ter encontrado no trabalho de tradução, William Grossman explicou:

— Para reduzir os possíveis malentendidos aproveitei a ajuda sempre bem-humorada do meu amigo Arnaldo Pessoa, antigo professor de português da Columbia University. O generoso Arnaldo percorreu o livro comigo, página por página, resolvendo muitas de minhas dúvidas e sugerindo interpretações. E acrescentou:

— É pena que a publicação de uma versão inglesa dessa obra-prima se realize tão tarde, e que seja tão grande o desconhecimento de Machado de Assis na Inglaterra e nos Estados Unidos. Espero que a tradução de a inera conferências, que tanto liem sobre as riquezas econômicas brasileiras, melhor compreendo da riqueza espiritual do Brasil.

**NOS ESTADOS UNIDOS**

Em seguida, o Prof. William Grossman foi passar suas férias regulamentares nos Estados Unidos e aproveitou a oportunidade para oferecer a tradução a vários editores. Encontrou pouco interesse. Melhor seriamos: não encontrou ne-

nhum. Assim, por exemplo, o encarecimento das obras estrangeiras do editor Knopf, ou a pequena casa editora que só publica livros que fogem do padrão usual, e dedicados a uma pequena elite, e em reduzi-das tiragens de 2.000 exemplares — os interessam por Machado de Assis. E é por onde "Braz Cubas" deverá sair em fins deste mês. Caso venha a ter boa aceitação, William Grossman traduzirá também o "Quincas Borba".

**FORTE CONTRASTE**

Agora, de volta das férias, e antes de regressar de vez para os Estados Unidos, onde reassumirá suas funções na Universidade de Nova Iorque, o Prof. Grossman, depois de contar as suas percepções, acrescentou a seguinte curiosa observação: — Sempre reparava na reação não só dos editores como também dos amigos que tinham lido minha tradução de "Braz Cubas" e pude observar, de cada vez que o leitor ou leitora gostado muito, dizendo tratar-se de uma verdadeira obra-prima. Ao polo contrário, não tinha gostado absolutamente nada, qualificando o romance de Machado de obra destituída de qualquer valor, completamente ária e sem interesse. Nunca, nem uma única vez um leitor o achasse "fascinante" (emprego precisamente este termo), considerou que o romance contrariava poucos leitores nos Estados Unidos. — E como se explica esse contraste tão violento? — Indagamos.

— Continuo insistindo. Faltam, assim, por exemplo, o encarecimento das obras estrangeiras do editor Knopf, ou a pequena casa editora que só publica livros que fogem do padrão usual, e dedicados a uma pequena elite, e em reduzi-das tiragens de 2.000 exemplares — os interessam por Machado de Assis. E é por onde "Braz Cubas" deverá sair em fins deste mês. Caso venha a ter boa aceitação, William Grossman traduzirá também o "Quincas Borba".

(FIG 01) Suplemento Letras e Artes. A manhã, ano VII, ed 249, 11 maio de 1952.

## A arte de traduzir

● Quando o tradutor inglês de Anatole France — informa-nos Cruz Malpique — escrevia-lhe a dizer das dificuldades que encontrava para traduzir o autor do "Jardin d'Épicure", este respondia: "O reconhecimento dessa verdade é a primeira condição de triunfo na arte de traduzir".

<sup>23</sup> Com exclusividade para o *Folha do Norte. Suplemento Arte-Literatura*. Belém do Pará, ano III, p.10. 29 de fev de 1948.

<sup>24</sup> Falam os tradutores. *Suplemento Letras & Artes*. Rio de Janeiro. ano VI ed 11. p. 04, 11 ago 1946.



**A** ILUSTRADORES de Manuel Bandeira resolveram fazer modelar e erigir no Recife, sua terra natal, o busto do Poeta.

A homenagem aos vivos apoia-se, muitas vezes, em julgo frágil e que o tempo desdenhara, sobretudo quando vai dirigida a um eventual poderoso. Mas, já o preito rendido aos poderes desarmados do espírito se funda em critério menos suscetível de revisão. E quando esse critério reflete, por sua vez, o consenso da opinião mais livre e sensível da comunidade, pode dizer-se que o futuro não virá desautorizar o louvor dos contemporâneos.

É o caso da personalidade artística e humana de Manuel Bandeira, ainda em vida cercada da admiração carinhosa e reverente de quantos se dão ao exercício da poesia — considerada como arte e como expressão das essências do homem, em que se revêem e confraternizam o poeta e as almas por ele tocadas.

Coube-lhe, sem o pretender, renovar a lírica nacional, integrando-a na corrente de sensibilidade universal que nos deu um Stefan George, na Alemanha, um Ungaretti, na Itália, um Juan Ramon Jimenez, na Espanha, um Supervielle, na França. Encontrando soluções inéditas para os padrões antigos de versificação, e introduzindo outros, de um ritmo ar-

## Homenagem a Manuel Bandeira



O admirável busto de Manuel Bandeira, que será erguido em Recife, tendo ao lado o seu autor, o escultor Celso Antonio.

mente dissoluto, mas de fato ordenado e sábio, libertou-nos de prejuízos, enriqueceu-nos e apronou-nos o gesto, abriu caminho a novas poesias e instaurou um espírito fecundo e anticonformista do modernismo brasileiro.

Sua vida intelectual, austera e útil, desdobrou-se ainda no magistério literário e no estudo e divulgação do acervo poético de nosso país, que ele vem colligido em exatas edições críticas e primorosas antologias. A modestia, principalmente, muito lhe deve, pela benemerência destes serviços. Mas, a dívida ao poeta é de todos a quem ele analisou com seus versos e os profundos albramentos suscitados pelos seus poemas, ainda os mais tocados de melancolia, pois que na base de sua poesia há uma tristeza vencida, e a recuperação pela ternura.

O busto de Manuel Bandeira, obra de bronze, de autoria do escultor Celso Antonio, será erigido ao pé do Poeta, na cidade gloriosa que ele veio ilustrar ainda mais pelo nascimento e com as estrofes memoráveis da "Evocação do Recife". A homenagem se associa todos os seus amigos e leitores do Brasil, integrados em não no ofício das letras, e jubilosos porque o egrégio poeta irá receber, em terra do seu nascimento e do seu afoito, a justa consagração que lhe devem os contemporâneos, na antecipação da posteridade.

## PASTORELAS, DE JUAN RAMON JIMENEZ

(Tradução de SILVIO JULIO)

### II

ERA UMA DOCE RIBEIRA  
QUE TODA A TARDE PASSAVA  
SONHANDO; EM SUA CORRENTE  
IAM FLORES E CANTARES.

A TRISTEZA DE SEUS BRANCO  
ALAMOS O VALE ENCHIA,  
E LEVAVA TANTA BRUMA  
QUE SONHAVAM OS PASTORES  
NAS MÃES E NAS NAMORADAS.

HA CAMPOS MORTOS DE PENA;  
MELANCOLICAS PAISAGENS  
QUE PAZEM CHORAR: SEUS RIOS  
BELOS E TRISTES, SEUS RAMOS  
LÔNGOS LÁGRIMAS NOS LEMBRAM...

ARVORES HÁ QUE SE CHAMAM  
LAMENTOS, ALMAS QUE EVOCAM  
REMANSOS, CORAÇÕES MEIGOS  
COMO HOSPITALEIROS VALES...

FOR ESSA DOCE RIBEIRA  
IAM FLORES E CANTARES...  
MAS NINGUÉM SABIA DE ONDE  
A TARDE NÓ-LOS MANDAVA

### II

O BÉCO, QUE AGUARDA A NOITE,  
É TODO HISTÓRIA E SILÊNCIO...  
AS ÁRVORES DO POVOADO  
DORMEM, QUIETAS SOB AS NUvens.

O CÉU É VIOLETA E TRISTE,  
UM CÉU DE ABRIL UM SERENO  
CÉU VIOLETA, COM LONGINQUOS  
PRELÚDIOS AOS ASTROS BELOS.

VÊ-SE LUZ DENTRO DAS CASAS,  
ATRAVÉS DAS FRESTAS; CHORA  
UM CÃO DIANTE DE FECHADA  
PORTA; UM MORCEGO REVOLA...

OH, A LÂMPADA JÁ FRIA!  
A PAZ DOS MENINOS CEGOS!  
A NOSTALGIA DAS VIUVAS!  
A PRESENÇA DOS FIDELIS!

OH, OS CONTOS DAS BONITAS  
TARDES DE ABRIL QUE NÃO VOLTAM,  
E QUE NÃO SEI COMO PALAM  
DE SONHOS LÁ NAS ESTRELAS!

NOITE DESCE TÃO DOCE  
VEMENTE, EM PAZ, COM ESSES  
SURROS QUE SE ESCUTAM  
ALDEIAS SONOLENTAS

TRISTEZA DOCE DO CAMPO...  
A TARDE JÁ VEM CAINDO;  
DAS PRADARIAS CEIFADAS  
CHEGA UM CHEIRO BOM DE FENO.

OS PINHEIRAIS ADORMECEM;  
O CÉU, POR CIMA DO MONTE,  
ESTA TRISTEMENTE ESCURO;  
CANTA UM ROUXINOL DESPERTO.

VENHO ATRAS DE UMA CANTIGA  
QUE HAVIA NAQUELA SENDA,  
COPLA PLANGENTE, AROMADA  
TODA PELA PRIMAVERA;

UMA COPLA QUE CHORAVA  
NÃO SEI QUE CARINHO MORTO  
DE OUTRAS TARDES DE SETEMBRO  
QUE A FENO CHEIRAVAM TANTO.

### IV

MUITO BOA TARDE ALDEIA,  
SOU JOÃO, TEU FILHO SAUDOSO.  
VENHO VER COMO FLORESCE  
A PRIMAVERA EM TEUS CAMPOS.

LEMBRAS-TE DE MIM? O POETA  
PÁLIDO, O NOIVO DE BRANCA  
QUE DE TI FUGIU UM DIA  
NUMA ALVORADA DE MAIO...

TRAGO-TE UM LINDO TESOURO  
QUE, ENTRE ROSAS PERFUMADAS,  
NO JARDIM DO ROMANTISMO  
ESTAVA ESQUECIDA E OCULTO.

ALDEIA CLARA, PREFERES  
QUE TE DIGA VELHOS CANTOS  
OU QUERES COPLAS FESTIVAS,  
CHEIAS DE SOL E GORGEIOS?

DIZE-MO TU, QUE OS MEUS LÁBIOS  
E O CORAÇÃO ABRO AGORA,  
ESTA SOBRE TI COMO BANDOS  
DE AVES IRÃO AS CANTIGAS.

MUITO BOA TARDE, ALDEIA,  
SOU JOÃO, TEU FILHO SAUDOSO.  
DÁ-ME COM TEU SOL ALEGRE  
UM BELLO NA MINHA BOC.

### V

QUANDO ABRI, CEDINHO, A PORTA  
DE CASA, ESTAVA NEVANDO...  
OH, BENDITA SEJA A NEVE!  
VEM COM SEU VESTIDO BRANCO...

NÃO PASSAVA PELA RUA  
NINGUEM; TODOS OS TELHADOS  
ESTAVAM BRANCOS DE FRIO;  
NEM AVES, NEM SOL, NEM CRIANÇAS.

PARA A MISSA, A CAPELINA  
A TODOS CHAMAVA. O PADRE  
PASSOU COM SEU GUARDA-CHUVA  
NEVADO, QUE TIRITAVA.

QUE TENS, CÉU DE ALDEIA? IGNORO  
O QUE TENS, MAS ADIVINHO  
QUE DAS A NEVE UMA DOCE  
NOSTALGIA DE SOLUÇO.

PÁSSARO, POR QUE NÃO CANTAS?  
E O VELHO SOL QUE PRATEIA  
AS TELHAS? PARA ONDE FORAM  
AS ALVORADAS DE MAIO?

ESTOU TÃO SO NESTA ALDEIA!  
NEVA TANTO... NEVA TANTO!  
... AH, SE AGORA EU VISSE ESTELA  
VIR PELO CAMINHO BRANCO!

### VI

ESTAVA O CÉU TODO ROXO  
POR SOBRE OS CAMPOS DE TRIGO;  
ERA UM CÉU DE PURO ORIENTE  
O TRIGO, AMARELO DE OURO.

COMO A NOITE JÁ DESCIA,  
OS CAMINHOS QUE BRANQUEIAM  
FICAVAM DESAMPARADOS  
COM SEU DOLENTE IR DE RIOS

TALVEZ PASSASSE UMA COPLA,  
TALVEZ SE ESCUTASSE O MOINHO  
ALGUM CÃO, UM BATER DE ASAS  
ALGUMA ILUSÃO DE IDILIO

E QUANDO UMA ESTRÉLA ESTRANHA  
TREMIA SOBRE OS PINHEIROS,  
O CAMPO DESERTO ENCHIA-SE  
DOS GUIZOS VIVOS DOS GRILOS

EM AZUL ABRIU-SE A NOITE  
POR SOBRE O TRIGO DOS CAMPOS...  
QUE CHEIRO BOM QUE TRAZIA  
A NOITE, PELAS VEREDAS!

Toda tradução parte de um princípio de abertura à cultura alheia que se presentifica através de uma necessidade de expansão do conhecimento e de compartilhamento com o coletivo. E pode-se dizer que graças ao empenho de uma elite intelectual preocupada não somente em alavancar o mercado editorial brasileiro, como também em fortalecer e ampliar o pensamento de uma parcela da população para o desenvolvimento e progresso do país, notou-se, com grande frequência, a preocupação dos homens de letras em inserir a escrita estrangeira como uma das possibilidades de leitura semanal, e que essa leitura representasse uma situação de diálogo e convívio entre os leitores e intelectuais das diferentes regiões do país. Nesse caso, os suplementos *Letras & Artes* e *Arte-Literatura*, um dos maiores de suas regiões, condignamente se correspondiam, seus colaboradores e editores trocavam cartas, ideias e, muitas vezes, eles participavam concomitantemente dos dois suplementos, como Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt, Cyro dos Anjos, Jorge de Lima, Lêdo Ivo, Murilo Mendes, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet e Alphonsus de Guimaraes Filho. Embora não fosse regra, é claro que a fama acaba facilitando a divulgação dos trabalhos dos escritores, por exemplo, entre um escritor desconhecido e um conhecido, é mais fácil um editor dar preferência ao trabalho do escritor conhecido, principalmente se este for um escritor já renomado, ao invés de dar a atenção ao desconhecido. Além do mais, para que um suplemento tenha valor na sociedade, é necessário que ele faça certas escolhas que venham contribuir para a aceitação e abrangência das publicações, e uma delas é optar por colaboradores famosos.

Por essa razão, a profusão de tradutores colaborando no *Arte-Literatura* e *Letras & Artes* foi enorme, e, embora alguns tenham sido mais participativos que outros, como Manuel Bandeira – uma das figuras mais emblemáticas e mais produtivas como tradutor nos dois cadernos literários –, foi possível notar que o esquema de parceria ajudou na divulgação da própria figura do tradutor, pois, como observou Rosenblatt, “o público, na sua maioria, ignora o tradutor, quando não se trata de um escritor de renome”<sup>25</sup>. Salienta-se, portanto, o cuidado dos suplementos em divulgar um tradutor já consagrado pela crítica, como Bandeira, Tasso da Silveira e Carlos Drummond de Andrade, escritores conhecidos pelas suas obras originais e que não causariam dúvidas a respeito

---

<sup>25</sup> ROSENBLATT, Maurício. Suplemento *Letras & Artes*. Rio de Janeiro, p.06. 13 fev. 1945.

da qualidade da tradução que está sendo publicada. Ademais, a simultânea colaboração entre os cadernos possibilitaria aos tradutores menos conhecidos maior divulgação de seus novos trabalhos. Por exemplo, quando o *Arte-Literatura* publicou a tradução de Breno Accioly, o suplemento *Letras & Artes* recomendava a leitura de seus contos *João Urso*, ou quando Ruy Guilherme Barata publicou a tradução de Louis Aragon, no *Arte-Literatura*, o suplemento carioca parabenizava as produções literárias do poeta paraense.

No geral, os materiais traduzidos nos dois suplementos foram de uma variedade riquíssima, ajudando os leitores a conhecer tanto a literatura estrangeira, quanto a ampliar o universo cultural. Foram dezenas de poemas e contos traduzidos, contudo, é preciso dizer que o suplemento carioca teve o maior volume de publicações literárias traduzidas, mas isso não fez do *Arte-Literatura* um suplemento pouco favorecido e de poucos predicados, até porque os materiais encontrados traduzem isso: embora se tenham encontrado traduções iguais nos dois suplementos (figuras de 5 e 6), como a tradução de Ronsard, realizada por Manuel Bandeira, que primeiramente foi divulgada no Semanário carioca e depois foi publicado no *Arte-Literatura*. No entanto, vimos que esse tipo de evento não foi algo que pudesse tirar a autonomia do *Arte-Literatura* para “escolher” quais literaturas estrangeiras deveriam ir ao prelo. Além disso, ao compararmos as publicações traduzidas, no geral, elas diferem muito nos dois suplementos e o que vai, de certa forma, criar uma “correspondência” entre os semanários será a figura do tradutor, que atuará concomitantemente nos dois. Resumidamente: a repetição de obras traduzidas não interfere na autonomia do suplemento da *Folha do Norte*, muito menos o descaracteriza como um excelente caderno dominical.

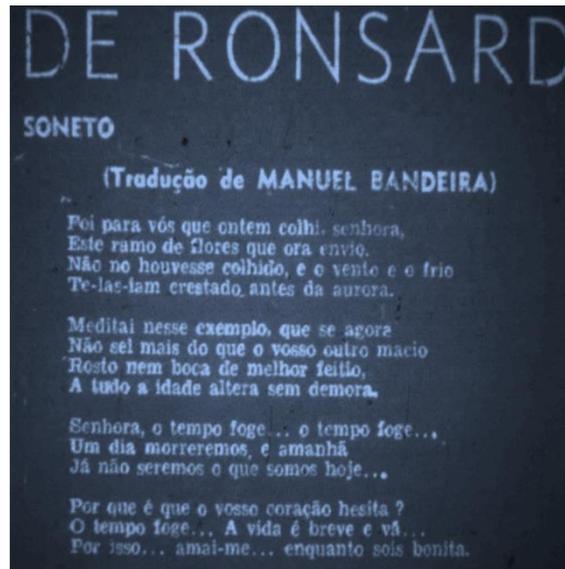
O espaço reservado à tradução no *Letras & Artes*, naturalmente, foi maior que o existente no *Arte-Literatura*, mas claro que alguns fatores mostraram-se justificáveis para essa diferença – como o fato de ele se localizar, na época, na capital do Brasil, além do mais, o seu redator Jorge Lacerda mantinha extensas amizades com intelectuais e políticos, e ainda, a maioria dos célebres escritores moravam no Rio de Janeiro, lugar de intenso fluxo de informação cultural e desenvolvimento social –, ocasionando o número elevado de tradutores e traduções que apareceram nesse semanário. Foram encontrados no *Letras & Artes* 130 traduções de poemas, enquanto que no *Arte-*

*Literatura* foram achados 73. Ademais, ao considerarmos a fama e prestígio que esses cadernos possuíam, certamente, o *Letras & Artes* cumpre um importante papel nesse difícil e primoroso trabalho de divulgação das artes, pois foi um dos poucos suplementos, no que toca à seleção de títulos, a abrir espaço para os estreantes talentos que montam o quebra-cabeça da literatura traduzida, propondo concursos e premiações para as melhores traduções do ano<sup>26</sup> para mostrar que o tradutor deve ser reconhecido pelo difícil trabalho de tradução.



(FIG. 05) Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV, 23 julho de 1950.

<sup>26</sup> Em decorrência da tradução primorosa e trabalhosa dos poemas em prosa de Baudelaire, feita por Aurélio Buarque de Hollanda, o suplemento Letras & Artes, advogou urgente a criação de um Prêmio de Tradução. A intenção, ao que parece, não foi concretizada, mas a ideia só demonstra o cuidado e a valorização desse Suplemento para com os tradutores. Nas letras & nas artes. Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV, ed. 160, 09 de abril de 1950.



(FIG. 06) Suplemento Arte-Literatura. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, n. 17 dezembro de 1950.

Outra descoberta curiosa e muito interessante sobre a valorização da tradução foi o Campeonato Acadêmico de Tradução<sup>27</sup>. Embora tenha sido lançado apenas em duas edições do suplemento *Letras & Artes*, a finalidade do jogo consistia em exibir ao leitor diferentes formas de traduções provenientes de um único poema. A obra estrangeira era escolhida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Ataulfo de Paiva, e os participantes apresentariam suas versões para serem “julgadas” pelo público. Gustavo Barroso, Olegário Mariano e Manuel Bandeira atenderam ao pedido do ministro e propuseram a tradução de um poema francês. E, embora isso parecesse apenas uma “brincadeira” excêntrica, essa proposta também produz um efeito muito positivo por mostrar aos leitores a plasticidade da língua, o quanto ela pode ser recriada sem perder o sentido do texto. Outra ocorrência muito significativa para a formação da cultura brasileira foi a escolha que alguns tradutores e/ou editores fizeram de publicar o original e a tradução lado a lado. E, assim como a reprodução da mesma tradução nos dois suplementos e o Campeonato de Tradução foram acontecimentos fortuitos, o mesmo aconteceu com a publicação do par tradução-original. Embora não tenha sido comum esse tipo de publicação – tanto é que não foi algo que encontramos no *Arte-Literatura* –, foi uma forma sutil de diferenciar qual tipo de leitor teria acesso ao suplemento: um

<sup>27</sup> LAÉRCIO, Diogenes. Campeonato Acadêmico de Tradução. *Suplemento Letras & Artes*. Rio de Janeiro, p. 14, 01 jan de 1950.

leitor que sabe julgar se a tradução é boa ou ruim e que, muito provavelmente, poderia conhecer a língua estrangeira.

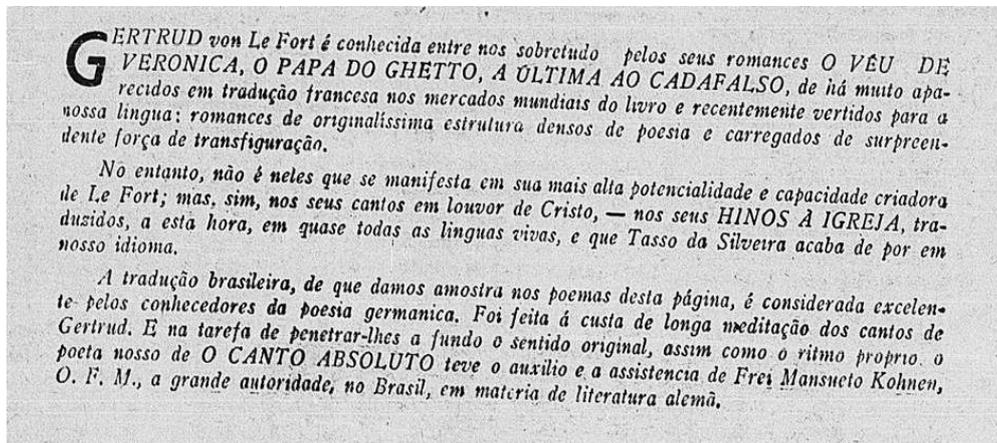
A primazia da tradução também é verificada pelos editores dos dois suplementos, tendo em vista que esses materiais muitas vezes eram comentados e julgados por eles. Obviamente, nenhuma tradução daqueles que colaboravam foi recriminada. Uma questão referente ao cuidado em apresentar uma boa tradução está também na preocupação em difundir uma tradução mais fiel e próxima da literatura estrangeira, visando, sobretudo, aquilo que, para Walter Benjamin, era supérfluo, isto é, a comunicação. E esse talvez fosse um grande problema que afligia os homens de letras: o volume insuportável de péssimas traduções sendo lidas e que geravam graves problemas de interpretação da obra. Citamos o exemplo de Otto Maria Carpeaux, no ensaio “*Nota sobre Rilke*”<sup>28</sup>, que criticou e alegou como nociva a tradução inglesa de Jessie Lemont (1943). Outro escritor que também teceu comentário sobre isso foi Carlos Drummond de Andrade, que publicou na revista *Rio Magazine* críticas severas a respeito dos problemas envolvendo o crescente número de más traduções. Para o poeta, a grande quantidade de péssimas traduções sendo lançadas era fruto das precárias condições educacionais e culturais do Brasil.

Algumas traduções, especialmente as do *Letras & Artes*, são acompanhadas de pequenas introduções biográficas sobre a obra e sobre o autor original. Esses cuidados de não lançar aleatoriamente a obra estrangeira sem introduzir algum comentário elucidativo (ver fig. 07) correspondem à todas essas preocupações do jornal em apresentar ao leitor uma tradução de qualidade, visto que a reputação da empresa jornalística também estava em risco. Não é à toa que a participação cada vez mais acentuada dos escritores nacionais no exterior inspirou os tradutores estrangeiros a produzir e a divulgar sua versão nos próprios suplementos, como podemos ver na tradução do poeta italiano Luigi Fiorentino, que escolheu o poema *Madrigal*, de Manuel Bandeira, para ser divulgado na revista *Ausonia*, na Itália. A revista também faz referência ao suplemento *Letras & Artes* como a “*maggiore rivista letteraria del*

---

<sup>28</sup> CARPEAUX, Otto. Nota Sobre Rilke. **Suplemento Letras & Artes**. Rio de Janeiro, p. 01, 01 dez de 1946.

*Brasile (ilegível) traduções devute al grande poeta Manuel Bandeira. O poeti, tradutti  
 “Poeti d’Ausonia”<sup>29</sup>.*



(FIG. 7) Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI, ed 07, 30 junho de 1946.

Uma das diferenças entre os semanários está relacionada ao trabalho de diagramação dos textos literários publicados nos suplementos. O *Letras & Artes* quase sempre publicava uma gravura ou ilustração representando a temática da obra, ao contrário do que aconteceu no *Arte-Literatura*, pois foram raríssimas as traduções nesse semanário seguidas de uma ilustração. A tradução publicada dessa forma se torna muito mais convidativa, pois chama a atenção do leitor para o texto e também para o trabalho do ilustrador. Por exemplo, o poema de Rafael Alberti, *O touro da morte*, traduzido por Manuel Bandeira, que também publica o original, foi ilustrado por Luis Seoane (ver fig. 8). Mas também havia outros ilustradores tão famosos quanto ele, que apareceram nesse semanário, como Oswaldo Goeldi, Santa Rosa, Van Rogger e muitos outros. É uma pena que os organizadores do *Arte-Literatura* tenham ignorado esse tipo de proposta, pois tornaria a leitura muito mais interessante.

<sup>29</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano II, ed 96, 22 agosto de 1946.

*Letras e Artes*  
RIO DE JANEIRO, Domingo, 11 de Julho de 1948

Soneto de kareai Alberti tra-  
uzido por Manuel Bandeira



Xilografia de LUIS SEOANE

<p><b>O TOURO DA MORTE</b></p> <p>NEGRO TOURO SAUDOSO DE FERIDAS, CHIFRANDO-LHE A AGUA AZUL SUAS PAISAGENS E REVISANDO CARTAS E EQUIPAGENS AOS TRENS QUE PASSAM RUMO DAS CORRIDAS: QUE SONHAS EM TEUS CORNOS, QUE ESCONDIDAS ANSIAS LHES ARREBOLAM AS VIAGENS, QUE SISTEMA DE REGOS E DRENAGENS NO MAR ENSAIAM TUAS INVESTIDAS? NOSTALGICO DE UM HOMEM COM ESPADA, DE SANGUE FEMORAL, GANGRENA, FEIA, JA NINGUEM HA A DETER-TE O PASSO FORTE. CORRE, TOURO, AO OCEANO, INVESTE, NADA, E A UM TOUREIRO DE ESPUMA E SAL E AREIA, JA QUE INTENTAS FERIR, FERIR E DA MORTE.</p>	<p><b>EL TORO DE LA MUERTE</b></p> <p>NEGRO TORO, NOSTALGICO DE HERIDAS CORNEÁNDOLE AL AGUA SUS PAISAJES. REVISÁNDOLE CARTAS Y EQUIPAJES A LOS TRENS QUE VAN A LAS CORRIDAS. ¿ QUE SUERAS EN TUS CUERNOS, QUE ESCONDIDAS ANSIAS LES ARREBOLAN LOS VIAJES, QUE SISTEMA DE RIEGOS E DRENAJES ENSAYAN EN LA MAR TUS EMBESTIDAS? NOSTALGICO DE UN HOMBRE CON ESPADA DE SANGRE FEMORAL Y DE GRANGRENA, NI EL MAYORAL YA PUEDE DETENERTE. CORRE, TORO, A LA MAR, EMBISTE, NADA, Y A UN TORERO DE ESPUMA SAL Y ARENA YA QUE INTENTAS HERIR, DALE LA MUERTE.</p>
---	--

(FIG.8) Suplemento Letras e Artes. A manhã, ano II, ed 91 11 julho de 1948.

Entretanto, o *Arte-Literatura*, embora não tenha chegado ao mesmo nível de divulgação e prestígio que teve o outro suplemento, demonstrou que o preparo intelectual dos artistas locais e nacionais foi suficiente para fazer os necessários intercâmbios literários referentes à tradução. A competência profissional de Haroldo Maranhão conduziu esse suplemento a um importante caminho para a formação do leitor e da cidade: o de mostrar que a diversidade da leitura estrangeira é tão indispensável ao alargamento cultural e intelectual do indivíduo quanto a valorização da escrita nacional, pois como ele disse na entrevista concedida ao *Letras & Artes*: a capital paraense viveu num momento tão promissor para o desenvolvimento das letras e de interação com escritores do restante do mundo, que “parece que vai desaparecendo,

sob certos aspectos, esse preconceito de metrópole e província”<sup>30</sup>. No entanto, é preciso entender que esse projeto literário construído no *Arte-Literatura*, via tradução, não deixa também de ser político. E aí, talvez, entramos no discurso de Maranhão, quando ele aponta para a dicotomia “província” e “metrópole” como algo que pode ou não estar à margem da inclusão. Sendo assim, entende-se que a sistemática dos suplementos ocorre como consequência de diversas vertentes identitárias multiterritoriais que se formavam nesse momento e que oportunizaram para novas reformulações de sentidos e valores. Como exemplo, as traduções de Goethe, vertidas por Victor Wittkowski e classificadas por ele como “Poesias brasileiras de Goethe”<sup>31</sup>, revelando que a abertura à escrita universal foi muito importante por não só incluir novas leituras, como por conhecer novas culturas: a experiência de Montaigne é reescrita por Goethe, e diferentes Brasis vão sendo construídos nessa relação. Assim, culturas e leituras que eram pouco discutidas e pouco lidas são postas em relevo, pois como afirmou Alcântara Silveira, no artigo *Equívoco*, publicado no *Letras & Artes*<sup>32</sup>:

A tradução veio mostrar que pelo menos a parte boa dessa vastíssima literatura não é conhecida dos nossos leitores. Não é nem mesmo conhecida dos escritores o que – para um intelectual – é bem grave, não há dúvida alguma. (...) não será exagero afirmar que a literatura ‘made in USA’ começou a ser conhecida pelo povo destas bandas através do cinema que, embora deturpando os romances em sua adaptação à tela, lhe revelou Steinbech, Caldwell ou Hemingway. (...) é perfeitamente justificável que as traduções desses romances – como de resto as de alguns romances russos, alemães ou japoneses – sejam criticados, porque são realmente novos para a massa. O que não se compreende, porém, é o desconhecimento de obras célebres, de autores conhecidos, por parte dos intelectuais que sempre foram acusados de prestar mais atenção à língua francesa do que ao próprio idioma.

No geral, podemos dizer que as traduções publicadas nesses dois semanários são o reflexo da produção intelectual nacional e internacional que se divulgava no pós-guerra, ou seja, os textos que foram publicados no *Arte-Literatura* e no *Letras & Artes* exploram as dimensões de um mundo no qual o tempo é sempre nostálgico, o espaço,

<sup>30</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano II, ed. 99, 19 de setembro de 1948

<sup>31</sup> Os poemas de Goethe – *Todeslied Eines Gefangenen, Libebeslied eines wilden, Brasilianisch e Weltliteratur* – foram, por sua vez, inspirados no livro *Des Cannibales*, de Montaigne, cuja história conta a experiência do francês com os índios Tupinambá, no Brasil. Goethe também leu a tradução da obra para o alemão, vertido por J.T. Tilius. Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano II, ed 72, 11 janeiro de 1948 - O tradutor desses poemas para a nossa língua escreveu um artigo chamado O índio brasileiro na poesia de Goethe encontrado no *Correio da Manhã*, ano II, ed. 15313, p. 1. 01 outubro de 1944

<sup>32</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano II, ed 22, p.04, 17 nov. 1946.

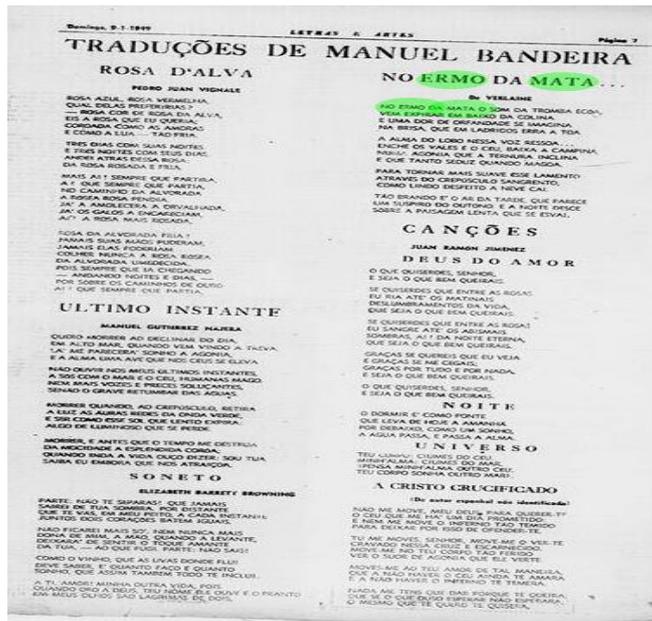
comprimido e o homem, lançado numa condição de forçada estranheza sobre o mundo, embora cada suplemento tenha dado mais atenção a obras de origens diferentes e, conseqüentemente, de autores diferentes. No entanto, quando nos deparamos com as obras traduzidas e publicadas, e as lemos, notamos, claramente, que o que esses suplementos têm em comum é esse caráter temático dos textos expostos. Em suma, se formos generalizar toda essa literatura traduzida durante o ano de 1946, e que também se refletirá nos anos seguintes, perceberemos que elas gravitam em torno de um denominador comum: as sensações de perda, do pessimismo, do isolamento e da morte tornaram-se alguns dos principais temas ligados à divulgação de literaturas que representam esse momento pós-bélico, construindo pontos de reflexão e movimentando o debate cultural no país com autores da contemporaneidade ou de outras épocas.

Uma questão referente aos suplementos foi o de aproximar diferentes escritores, tanto em termos de nacionalidade, quanto de momentos históricos, numa mesma publicação. E isso tem um propósito: o de desmistificar a leitura literária como sendo algo fixo, como se o poema não pudesse ser atual nem transitar em outros contextos diferentes do seu. No *Letras & Artes*, por exemplo, a seleção de traduções feita por Manuel Bandeira, que juntou em um mesmo espaço Verlaine, Pedro Juan Vignale, Juan Ramon Jimenez, Manuel Gutierrez Nájera, Elizabeth Barrett Browning e um poeta desconhecido, (ver figura 10) revela não só a dinâmica, mas a atualidade e a reflexão sobre a linguagem, propondo ao mesmo tempo o “diálogo” entre os textos e entre as culturas, o que recai mais uma vez no que Maranhão declarou sobre província e metrópole, em que essas diferenças vão sendo, aos poucos, diluídas ou minimizadas. Assim, ao lermos o texto vertido em nossa língua, estabelecemos um diálogo entre tudo o que sabemos e aquilo que o texto nos traz de novo, atribuindo, assim, significado ao que lemos. É o que pensa Milliet<sup>33</sup>:

Do verso burilado de Gauber ao verso fluido de Verlaine, do polido mármore parnasiano à hermética distinção de Mallarmé, da deliquescência feminina dos simbolistas ao dinamismo metafísico de Marinetti, as definições se sucedem refletindo épocas e temperamentos, excluindo certas soluções em benefício de outras, ressuscitando concepções mortas ou preguçando novas e ousadas modalidades expressivas.

---

<sup>33</sup> MILLIET, Sérgio. Poetas. Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, no VI, Ed. 0211, 17 julho de 1951.



(FIG 9): Suplemento Letras e Artes. A manhã, ano VI, Ed. 0111, 09 janeiro de 1949.

#### 4 TRADUÇÃO NOS SUPLEMENTOS *LETRAS & ARTES* E *ARTE-LITERATURA*

Durante o século XX, houve uma maior abertura para os homens de letras paraenses se incluírem no circuito da literatura nacional. Até porque a capital paraense, mesmo situada na Amazônia, foi uma região marcada por acontecimentos políticos e econômicos que acabaram influenciando na organização social e cultural da capital, como os ciclos da exploração da borracha, a imigração de estrangeiros, a aproximação com os Estados Unidos e o modernismo amazônico, por exemplo. Em síntese, é possível dizer que, no Pará, o modernismo promoveu uma maior possibilidade de contato com os artistas de outros estados do Brasil. Nomes e obras surgiram e reavivaram o caráter regional e o nacional, visto que os debates tornaram-se mais amplos e mais integrados com o restante do mundo, repercutindo sobremaneira nos Suplementos literários *Letras & Artes* e *Arte-Literatura*.

De fato, a participação dos poetas da região do sudeste brasileiro apresentados no *Arte-Literatura* foi muito mais significativa comparada com o trânsito de literatos paraenses atuando no suplemento *Letras & Artes*. O que existia, embora os sulistas soubessem da mobilidade criativa e cultural dos nortistas, era um diálogo ainda muito prematuro, e talvez a existência desse tipo de mídia de longo alcance, como o *Arte-Literatura*, tenha promovido maior aproximação entre eles. E nada marcou mais o cenário literário desses dois suplementos que a tradução de literatura estrangeira, que se mostrou capaz de colocar esses Suplementos como expressão de modernidade e de diálogo.

Os Suplementos foram muito importantes, como já sabemos, para a divulgação da literatura estrangeira. Mas no que toca à reprodução de títulos publicados nos dois Semanários literários, é bastante curioso notar que foram poucos escritores e poemas estrangeiros que se repetiram no *Arte-Literatura* e no *Letras & Artes*. Com efeito, as publicações que foram repetidas explicam, talvez, o grau de proximidade entre eles, e nos confirmam que sim, esses Suplementos mantiveram algum tipo de comunicação direta. E o que se observa é que essa comunicação se dá por meio de um fluxo Rio-

Belém, em decorrência de a primeira publicação ser no *Letras & Artes*, e pelos mesmos tradutores. Por exemplo, *Soneto a Helena*, de Pierre Ronsard, traduzido por Bandeira, foi lançado primeiro no *L.A.*, em 13 de fevereiro de 1949, e só no ano seguinte foi publicado no *A.L.* Mas houve traduções que foram publicadas com diferença de tempo de uma semana, como o poema de Hoelderlin, *A pátria*, traduzido por Herculano de Carvalho, em 20 de novembro de 1949, no Suplemento carioca, e em 27 de novembro apareceu no Suplemento paraense. Isso quer dizer que algumas traduções muito provavelmente migraram do Sudeste para o Norte do Brasil, destacando autores renomados da cultura alemã, francesa e portuguesa. Um marco dessa relação Rio-Belém foi a publicação de um Soneto de Camões, “Alma minha gentil, que te partiste”, traduzido para o inglês por Fernando Pessoa (1888-1935), e considerada como a melhor tradução do poeta para esse idioma, segundo João Gaspar Simões<sup>34</sup>.

Tornar público ao leitor do norte e do sudeste a tradução de um dos poetas mais consagrados de Portugal reflete não só a importância histórica de sua escrita, visto que foi “o primeiro europeu de alta imaginação a visitar os trópicos e o Oriente, ao passo que nos descreve toda a mitologia dos Antigos”, nos levando “com seu verdadeiro espírito de aventura para o mundo dos seus compatriotas navegadores” (BACON, apud *Letras & Artes*, 1951, p. 11), mas também assinala o universalismo de sua literariedade, procurando torná-lo uma espécie de figura lendária também na América no Norte.

Ao longo de todos os anos de existência desse Suplemento, foram encontradas apenas as obras de dois poetas falantes da língua portuguesa, Camões e Bandeira, vertidas em outras línguas. Bandeira foi traduzido para o italiano, enquanto que Camões para o inglês, mas o que de fato nos chama a atenção foi o destaque de Pessoa na tradução, pois os tradutores eram, em sua maioria, escritores ainda vivos e, portanto, autorizavam ou não a publicação de suas traduções. O que não foi o caso do autor de *Mensagem*. Por fim, a data de publicação aponta que foi publicado primeiro no *L.A.*, em 04 de dezembro de 1949, e uma semana depois no *A.L.* Dessa forma, essa tradução nos leva a acreditar que havia de fato uma influência do redator-orientador do *Letras & Artes*, Jorge Lacerda, ao redator-orientador do *Arte-Literatura*, Haroldo Maranhão.

---

<sup>34</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI, Ed. 218, 05 de agosto de 1951

Embora o *Arte-Literatura* tenha publicado a mesma tradução que foi divulgada anteriormente no *Letras & Artes*, e muito provavelmente tinha conhecimento dessa publicação anterior, visto que são os mesmos tradutores para ambos os Suplementos, há de se convir que essa relação pode ser conceituada como uma influência – e não uma subserviência ou dependência direta do *Letras & Artes* –, que destaca a existência de um polo difusor literário no Rio de Janeiro, e que sugere ao *Arte-Literatura* a necessidade de revisitar o passado, mas de um passado que promova a experiência com o universal.

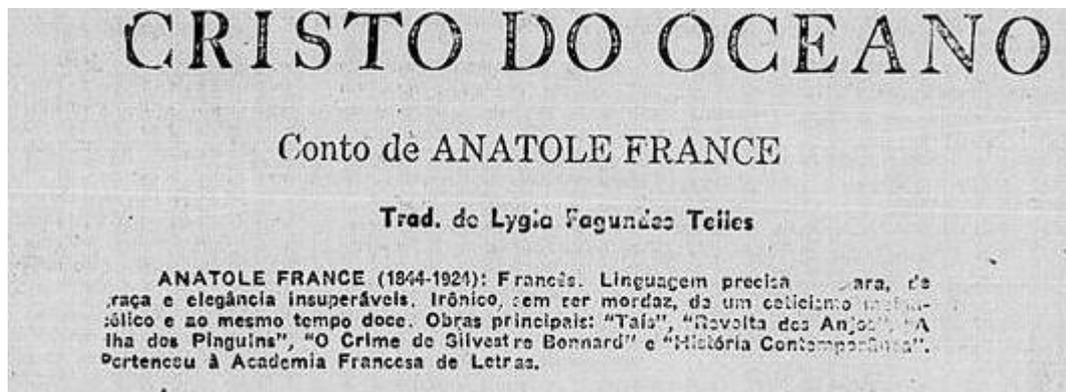
No entanto, é mais cabível se referir ao *Arte-Literatura* como um dos maiores Suplementos da região norte que construiu uma correspondência temática das obras traduzidas com um dos semanários culturais mais importantes e influentes do nosso país, o *Letras & Artes*, sem perder totalmente a sua autonomia literária. Autonomia esta que possibilitou selecionar e escolher escritores estrangeiros diferentes dos que foram traduzidos no *L.A.*, como por exemplo, o escritor russo Vladimir Maiakovski, o poeta indiano Amarú, do século VII, a antropóloga americana que traduziu um poema dos aborígenes de Vancouver, Ruth Benedict, os franceses Louis Aragon e Leon Paul Fargue, entre outros.

#### **4.1 A valorização dos tradutores do *Letras & Artes* e do *Arte-Literatura***

A partir de uma análise geral dos escritores que foram traduzidos, percebe-se que os dois Suplementos contemplaram em suas páginas autores da mais alta estirpe literária, o que não exclui que alguns tenham aparecido com maior destaque que outros. A abertura para as múltiplas leituras mundiais, independente da origem e do estilo, contribuiu para fazer oposição à certezas históricas e a à natureza estável de algumas leituras, e isso é muito claro quando se traduz autores que não tem, no Brasil, o devido prestígio e fama que teriam em seus respectivos países de origem. Todos são, sem distinção, de alguma maneira, muito importantes em suas épocas e têm um contribuído para a formação da literatura e da cultura brasileira.

Diante disso, foi muito importante o trabalho que alguns tradutores do *Letras & Artes* fizeram em não apenas traduzir o texto estrangeiro, mas procuraram, então,

abordar a tradução com uma pequena biografia ou explicação positiva acerca da escrita do escritor estrangeiro, como se observa abaixo:



(FIG. 10) Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano II, Ed. 84, p.13, 09 maio de 1948

Ao propor esse tipo de publicação como uma forma de apresentar ao leitor uma leitura que tem uma importância, além de sensória e estética, histórica e social, o suplemento invoca uma interpretação muito mais educativa, que venha convencê-lo de que o texto que ele lerá é, de fato, uma leitura importante. Sobre o *Arte-Literatura*, não se pode falar que esse tipo de publicação foi comum, no entanto, podemos dizer que houve um esforço do redator em apresentar os escritores estrangeiros de outras maneiras, através de resenhas e artigos. Assim, convém dizer que se os tradutores têm como missão revelar aos leitores as literaturas do mundo, automaticamente o trabalho de tradução implica em um processo de manipulação e articulação do texto exposto, construído pela figura do tradutor enquanto autoridade que certifica e aprova o próprio texto. Grosso modo, sabe-se se a obra é boa ou ruim, se vale a pena ou não lê-la, pelo renome do tradutor.

Quero dizer com isso que a condição de mediador que o tradutor exerce nesses Suplementos põe em questão duas premissas: a primeira é referente à sua capacidade de criar uma corrente de gostos e de temas que diretamente influenciarão na leitura cotidiana que o leitor fará, verificado no interesse do *Arte-Literatura* e do *Letras & Artes* por tradutores que são também autores de obras originais, como Aurélio Buarque de Holanda, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e muitos outros, principalmente porque esses tradutores também enviavam à redação seus contos, suas resenhas, seus poemas, e eram escritores também traduzidos no exterior. Por sua vez, a segunda premissa está

relacionada às escolhas particulares dos tradutores: as obras traduzidas existem em diálogo com o contexto presente, mas também são obras que partem de uma preferência daquele que traduz, e que muito ajudaram a trazer uma rotatividade de leituras que ampliaram a literatura dentro de um fluxo e um refluxo textos que circularam de Norte a Sul do Brasil, propiciando assim uma experiência de desenvolvimento cultural.

<i>Letras &amp; Artes</i>	<i>Arte-Literatura</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abgard Renault</li> <li>• Acácio França</li> <li>• Ascendino Leite</li> <li>• Adolfo Casais Monteiro</li> <li>• Adolfo Monteiro</li> <li>• Agostinho Olavo</li> <li>• Álvaro Gonçalvez</li> <li>• Ana Angélica Dupont</li> <li>• Antônio Bandeira</li> <li>• Aurélio Lacerda</li> <li>• Bezerra Freitas</li> <li>• Breno Accioly</li> <li>• Brito Broca</li> <li>• Camilo Pessanha</li> <li>• <b>Carlos Drummond de Andrade</b></li> <li>• Carlos Sá</li> <li>• Carmen Mendes Viana</li> <li>• Catharina Canabrava</li> <li>• Celina Aguirre</li> <li>• Celso Vieira</li> <li>• C. Lacerda</li> <li>• Cláudio Tavares Barbosa</li> <li>• Darcy Damasceno</li> <li>• Dora Ferreira</li> <li>• <b>Eugênio Gomes</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Amaury Caeiro</li> <li>• Aurélio Buarque de Holanda</li> <li>• <b>Carlos Drummond de Andrade</b></li> <li>• Cecília Meireles</li> <li>• Domingos de Carvalho</li> <li>• <b>Eugênio Gomes</b></li> <li>• Eugênio Vilhena Moraes</li> <li>• <b>Fernando Pessoa</b></li> <li>• Flávia Guy Moreira</li> <li>• <b>Herculano de Carvalho</b></li> <li>• José Guilherme Mendes</li> <li>• M. Viotti</li> <li>• Manoel Cavalcanti</li> <li>• <b>Manuel Bandeira</b></li> <li>• Maria Julieta Drummond</li> <li>• <b>Maria Saudade Cortesão</b></li> <li>• Marina Brandão</li> <li>• Mario Faustino</li> <li>• <b>Olegário Mariano</b></li> <li>• Osvaldino Marques</li> <li>• <b>Paulo Mendes Campos</b></li> <li>• Paulo Plínio Abreu</li> <li>• Paulo Sérgio Neri</li> <li>• R. Souza Moura</li> <li>• Raquel de Queiroz</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Fernando Pessoa</b></li><li>• Guilherme de Almeida</li><li>• Gustavo Barroso</li><li>• <b>Herculano de Carvalho</b></li><li>• Hernani Sant'Ana</li><li>• José Escobar Faria</li><li>• José Geraldo Vieira</li><li>• Leony de Oliveira Machado</li><li>• Lígia Fagundes Telles</li><li>• Lúcio Bauerfeldt</li><li>• Lúcio Cardoso</li><li>• Maluh de Ouro Preto</li><li>• <b>Manuel Bandeira</b></li><li>• <b>Maria da Saudade Cortesão</b></li><li>• Milton Amado</li><li>• Napoleão Lopes</li><li>• <b>Olegário Mariano</b></li><li>• Olivia Krahenbuhl</li><li>• Onestaldo de Pennafort</li><li>• Osvaldo Orico</li><li>• <b>Paulo Mendes Campos</b></li><li>• Paulo Quintela</li><li>• Péricles Eugênio da Silva Ramos</li><li>• Raimundo Magalhães Jr.</li><li>• Rosa D'Alva</li><li>• Sílvio Julio</li><li>• <b>Tasso Silveira</b></li><li>• Terezinha Eboli</li><li>• Vicente Augustus Carnicelli</li><li>• Vicente Jusselino</li><li>• Victor Wittkowski</li><li>• Xavier Placer</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Rodrigo Silva</li><li>• Ruy Guilherme Barata</li><li>• Sílvio de Macedo</li><li>• <b>Tasso Silveira</b></li></ul>
--	---

Ao todo foram 57 tradutores que colaboraram no *Letras & Artes*, e 29 tradutores no *Arte-Literatura*. Mas essa contagem, principalmente do *Letras & Artes*, é questionável, pois no levantamento das traduções encontramos algumas publicações que não traziam as informações necessárias para identificar quem traduziu e quem escreveu no original, o que dificultou muito saber quais os tradutores e escritores estrangeiros que realmente apareceram nesse Suplemento. Felizmente esse tipo de lacuna pouco ocorreu no *Letras & Artes* – ao todo foram 10 traduções sem o nome do tradutor, como a obra de Unamuno<sup>35</sup>, *El Cristo de Velasquez*, e de Jacques Maillart<sup>36</sup>, *O mar*; e 4 traduções sem o nome do autor estrangeiro, como as traduções de C. Lacerda<sup>37</sup>, dos poemas *Poesias XLIX*, e de Hernani T. Sant’Ana<sup>38</sup>, “La vie est vaine”. E a única “pista” que talvez leve ao autor estrangeiro seria pesquisar pelo título da obra, sendo esta a única informação que não era negligenciada. Por sua vez, não foi encontrado no *Arte-Literatura* nenhuma tradução omitindo essas informações, o que é um ponto positivo para esse Suplemento, que se preocupou em publicar uma obra trazendo no mínimo as informações básicas de quem traduziu e quem é o autor estrangeiro.

Os suplementos promoveram a discussão e a expansão da literatura estrangeira a partir das traduções divulgadas por diversos escritores, alguns não tão conhecidos do público leitor da época, sendo uma oportunidade para a divulgação de seus trabalhos como tradutores; e outros já famosos no mundo das letras, como Drummond, Bandeira, Cecília Meireles, Olegário Mariano e Aurélio Buarque de Holanda. Também foram encontrados tradutores que apareceram apenas uma única vez, como Sílvio Macedo, Vicente Jusselino, Terezinha Eboli, Sílvio Julio, Rosa D’alva, Carlos Sá, Celso Vieira, Abgard Renault, Acácio França, Camilo Pessanha, Darcy Damasceno, Hernani Sant’Ana, Napoleão Lopes, Lúcio Bauerfeldt, Raquel de Queiroz, Marina Brandão, Paulo Neri, Maluh Ouro Preto etc. Há ainda, em número reduzido, alguns tradutores que apareceram concomitantemente nos dois Suplementos, como Tasso da Silveira, Paulo Mendes Campos, Olegário Mariano, Maria da Saudade Cortesão, Manuel Bandeira, Herculano de Carvalho, Fernando Pessoa, Eugênio Gomes e Carlos Drummond de

---

<sup>35</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV ,ed 167, 11 junho de 1950

<sup>36</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV ,ed 153, 05 fevereiro de 1950

<sup>37</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI ,ed 208, 27 maio de 1951

<sup>38</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV ,ed 151, 22 janeiro de 1950

Andrade. A figura dos tradutores torna-se, portanto, igualmente ou tão significativa quanto cada obra divulgada e traduzida.

Em virtude da própria preocupação com a linguagem e com o alargamento da cultura, os escritores brasileiros deram muita atenção à atividade de tradução nesses Semanários. “Tenho fome do universal”, disse Jorge de Lima<sup>39</sup> numa entrevista concedida ao *Letras & Artes*. Embora tenha sido um simples e breve comentário, muito tem a revelar sobre o pensamento dos intelectuais daquela época: todo ganho de universalidade produz um progresso cultural, e na medida em que há uma pluralidade de gêneros e de obras literárias estrangeiras no espaço brasileiro, mais importante será o papel da tradução como agente de conhecimento sobre o mundo e os homens em geral. Por causa disso, os Suplementos não abrigaram apenas os autores ou obras canônicas, mas abriram suas páginas para obras e escritores pouco conhecidos do público leitor brasileiro, explorando títulos estrangeiros clássicos ou contemporâneos, como por exemplo, o *Arte-Literatura*, que publicou a tradução de Alfonsina Storni, Juana de Ibarbourou, Sigbjørn Obstfelder, Fredrik Nygaard, autores que não eram tão conhecidos quanto Dostoiévski, Rilke ou Pablo Neruda, mas que mesmo assim, pelo conteúdo estético, eram escritores que mereciam ser mostrados aos leitores.

Os Suplementos cumprem, assim, um rico e primoroso trabalho de divulgação da literatura mundial, pois buscaram, ao publicar obras sem qualquer distinção de tempo histórico ou geográfico, refletir a complexidade do mundo a partir da própria História deslocada da sua linearidade. O que se pretende dizer com isso é que esses Suplementos se preocuparam em romper com o esquema tradicional de ensino literário – ou seja, o de ensinar a literatura por uma prática metódica diacrônica, estudando autores de acordo com suas respectivas escolas literárias – para construir o conceito de identidade moderna a partir do deslocamento dos discursos e levando em consideração o que eles representam para o tempo presente. Pois, como disse Ismael Nery (apud Bandeira, 1957, p.167):

A essência dos homens e das coisas só pode ser atingida mediante a abstração do espaço e do tempo, pois a localização num momento contraria uma das

---

<sup>39</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI, Ed. 1411, p.03, 17 de março de 1946.

condições da vida, que é o movimento. (...) Os elementos místicos da alma humana estão sujeitos ao tempo. Colocado no tempo, o homem tende continuamente a abstraí-lo. A grande ideia da abstração do tempo ainda não chegou a ser organizada ou sistematizada pelo homem.

Em outras palavras, a partir do momento em que são traduzidos escritores de diferentes momentos históricos e contextos, as nossas letras e o modo de percepção de leitura se definem com o rompimento da ideia de periodicidade literária plenamente unificada, organizada e retilínea. Trata-se de uma relação dinâmica, polissêmica, de construção de discursos literários distantes em termos de épocas, mas muito próximos em termos de sentido, pois como argumenta Haroldo de Campos, no livro *A arte do horizonte do provável* (1969), a grande importância do estudo sincrônico é o compromisso assumido com a literatura brasileira em incluir autores muito importantes do processo criativo-artístico, mas que em decorrência do caráter eminentemente historiográfico que a literatura adotou, ficaram à margem do estereótipo de “poetas maiores”. É claro que essa nova forma de percepção literária, muito mais inclusiva e viva, reforça e estimula a aproximação de literaturas de diversas partes do mundo, obras que aparentemente poderiam não ter qualquer relação direta, principalmente em termos cronológicos, mas se estudadas por uma visão estético-artística, sem dúvida consistiria numa “contribuição definida para a renovação de formas em nossa poesia, para a ampliação e a diversificação de nosso repertório de informação estética” (p. 209).

Considerando que quase todos os tradutores desses Suplementos são também poetas e que fazem parte de uma escola literária, a partir do momento em que eles vestem a camisa de tradutor, ocupam um lugar diferente daquele que ocupariam se estivessem na condição de escritores originais, passando a representar a poesia como algo não cristalizado num único e definitivo sentido. Podemos pensar assim, por exemplo: quando um escritor contemporâneo traduz um escritor clássico ou simbolista, não exclui completamente a historicidade da obra, por outro lado, abre margem para que o lado estético da criação literária seja o principal motivo da existência da tradução. E é essa proximidade da literatura estrangeira com o trabalho do tradutor – ambos criados em contextos diferentes – que acaba gerando o fruto de uma confluência de desejos, afetos, buscas, encontros, vozes, leituras e textos. Essa dinâmica, embora pareça sutil, põe em cheque os limites do que é considerado antigo e do que é considerado atual, provocando rupturas e novos rumos na literatura.

De um modo geral, a proposta de uma tradução sincrônica nos Suplementos permitiu com que os leitores tivessem acesso a uma grande variedade de poemas e de escritores estrangeiros. Percebe-se, no quadro abaixo, o relevo que esse tipo de texto teve nos Semanários, principalmente no suplemento *Letras & Artes*, que chegou a traduzir 130 poemas, enquanto que no *Arte-Literatura* foram 73.

<b>SUPLEMENTO <i>LETRAS &amp; ARTES</i></b>				
<b>ANO</b>	<b>POEMA</b>	<b>CRÍTICA</b>	<b>CONTO</b>	<b>TEATRO</b>
<i>1946</i>	10	-	7	1
<i>1947</i>	12	5	3	-
<i>1948</i>	6	-	2	-
<i>1949</i>	42	1	2	-
<i>1950</i>	39	2	2	-
<i>1951</i>	17	-	6	-
<i>1952</i>	10	-	-	-
<i>1953</i>	5	-	1	-
<i>1954</i>	3	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>130</b>	<b>8</b>	<b>23</b>	<b>1</b>

Contagem dos gêneros literários traduzidos do *Letras & Artes*

<b>SUPLEMENTO <i>ARTE-LITERATURA</i></b>				
<b>ANO</b>	<b>POEMA</b>	<b>CRÍTICA</b>	<b>CONTO</b>	<b>TEATRO</b>
<i>1946</i>	8	-	-	-
<i>1947</i>	14	4	2	-
<i>1948</i>	29	4	2	-
<i>1949</i>	10	-	6	-
<i>1950</i>	12	-	2	-
<b>TOTAL</b>	<b>73</b>	<b>8</b>	<b>12</b>	<b>-</b>

Contagem dos gêneros literários traduzidos do *Arte-Literatura*

#### 4.2 Quatro poetas-tradutores entre dois Suplementos.

A multiplicidade de tradutores participando desses jornais culturais foi muito importante para a renovação das nossas letras e leituras. Graças a esses vários tradutores, cada um com suas diferentes predileções de escritores estrangeiros, conhecidos ou não do público brasileiro, a literatura se fez cada vez mais plural, complexa e plástica.

Podemos citar como exemplo os poemas do indiano Amarú, traduzidos por Aurélio Buarque de Holanda<sup>40</sup> com exclusividade para o *Arte-Literatura*, ou as traduções de Camilo Pessanha<sup>41</sup>, dos poemas chineses de Uang Shan Jen (1472-1528), Uang Ling Hsiang (1500) e Pien Kung (1500) que foram publicados no *Letras & Artes*. Esses dois exemplos são apenas para mostrar quão abertos os Suplementos estavam para literaturas mundiais de línguas com códigos linguísticos e expressões tão diferentes do português. O resultado disso é o surgimento de um projeto literário que propõe não só a renovação à poesia brasileira, mas uma mudança nas relações político-culturais. Uma vez que os espaços geográficos, sociais e culturais resultantes do processo de globalização concebem outras experiências de vida fora de parâmetros considerados hegemônicos, a divisão entre centro e periferia pouco a pouco vai sendo discutida no interior desses Suplementos.

Efetivamente, convém dizer que em meio a todos aqueles que colaboraram, há de se destacar quatro tradutores de grande importância e assiduidade que impulsionaram e ajudaram no aumento da tradução nesses dois Semanários: os brasileiros Manuel Bandeira, Tasso da Silveira e Carlos Drummond de Andrade, que fizeram parte de um dos movimentos literários mais importantes do Brasil, o Modernismo, e o português António Herculano de Carvalho. Esse último, embora não tenha feito parte do Movimento Modernista de Portugal, e tampouco foi um poeta e tradutor de grande visibilidade dentro da plêiade de literatos, a sua participação contribuiu ativamente para a educação e o crescimento literário do paraense e do carioca.

Sobre os três escritores brasileiros podemos dizer que proporcionaram a divulgação da literatura estrangeira de uma maneira muito significativa ao facultar aos

---

<sup>40</sup> Suplemento Arte Literatura”. *Folha do Norte.*, ano III, n. 80, 23 de maio de 1948

<sup>41</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV, ed 157, 12 março de 1950

leitores do norte e do sudeste o contato direto com o que se fazia ou fez no mundo, principalmente quando divulgavam uma literatura que ainda não tinha tido grande circulação no Brasil, mas que em outros países já se lia. E talvez, podemos até dizer que a fama desses escritores submete o texto estrangeiro a uma espécie de averiguação comprobatória do valor daquela obra, elevando, por sua vez, a reputação dos Suplementos.

Dessa forma, situando ideologicamente as obras traduzidas, é possível dizer que esses escritores irão privilegiar obras literárias que convidam o leitor a refletir sobre o momento presente, pois como já sabemos, essas leituras põem em questão as dramáticas e complexas experiências humanas. E essa nova tomada de consciência sugere dois fatos: primeiro, que a literatura brasileira tem procurado traçar uma diretriz social e psicológica, com novas contribuições culturais, mas sem jamais perder de vista as suas características próprias. E a outra questão se refere à formação e à educação literária, pois um país que não amplia a sua leitura como poderá progredir intelectualmente? Sobre isso, a presença da tradução na voz desses autores ganha um destaque maior na sociedade, pois além de ter o apoio de letrados e escritores, visto que não encontramos qualquer texto refutando a tradução ou a escolha da obra estrangeira, há de se admitir que o apoio de uma mídia impressa facilitou sobremaneira a circulação da própria tradução em outras regiões e da reflexão sobre o papel do discurso estrangeiro na produção do conhecimento.

Assim, pela própria dinâmica e variedade dos textos traduzidos, é cabível dizer que esses escritores-tradutores são, antes de tudo, ao mesmo tempo, alargadores da nossa cultura e divulgadores da estrangeira. E isso, por sua vez, consiste em uma consciência das injunções político-ideológicas e literárias que estimula as futuras gerações de leitores e escritores a integralizar e interagir com as principais obras mundiais, identificando a diversidade, os pontos de convergência e divergência, as rupturas e os desafios da produção contemporânea nesse tempo de pós-guerra, relacionando a literatura nacional com outros discursos vitais necessários para a compreensão do mundo, como a educação, a política, a filosofia, a história, o folclore, a sociologia e a psicologia.

#### 4.2.1 – Tasso da Silveira

Dentre todos os tradutores que apareceram nos dois Suplementos, podemos afirmar que Tasso da Silveira (1895-1968) foi o que menos traduziu, tanto no *Arte-Literatura* quanto no *Letras & Artes*. Pertenceu a uma elite intelectual, como define Almeida Fischer, “católica”, ou seja, o ensaísta orientou toda a sua escrita poética a partir de uma experiência com o divino, de evocação de Deus, e adotando as mais variadas formas de expressão, transbordou imagens de espiritualidade, por vezes, religiosas. Mas esse sentimento de evocação do Sagrado tem um motivo muito mais ligado ao contexto propiciado tanto pela Guerra quanto pelo sucesso desse tipo de leitura na França, e que acabou se disseminando no restante do mundo.

Tasso, influenciado por Cruz e Souza, procurou construir nas letras brasileiras uma poesia que ultrapassasse as angústias do Simbolismo, para construir no tempo presente uma escrita que reconheça não a criatura como um ser eterno, mas o Criador. Em outras palavras, o homem aparece, agora, na poesia, não mais como valor próprio, mas trazendo a ideia do Deus eterno, pois como disse Gertrud Von Le Fort, somente a “poesia é capaz de anunciar o imperecível na forma perecível”. Levado por uma escrita que representa um momento de transição pelo qual toda a Humanidade passava, momentos de incertezas, angústias, espiritualidade e perenidade. Nesse sentido, a escolha de traduzir Gertrud não foi à toa.

O autor de *Contemplação do eterno* traduziu dois poemas da poetisa “católica” Gertrud Von Le Fort, *I e II*, publicados em 30 junho de 1946 no *Letras & Artes*, e no *Arte-Literatura* traduziu do poeta revolucionário Walt Whitman, dois poemas intitulados também por ele como *I e II*, em 08 de junho de 1947. E, embora Tasso tenha publicado apenas dois poemas de cada escritor, há de se convir que ele foi um escritor duplamente importante para o contexto.

Primeiro porque foi graças a sua colaboração que o leitor pode ler importantes escritores das literaturas alemã e norte-americana, como a única tradução de Le Fort publicada no *Letras & Artes*, e uma das raras publicadas de Walt Whitman no *Arte-Literatura*. Tasso da Silveira, embora não tenha traduzido mais nos Suplementos, foi um letrado dedicado ao estudo de poemas estrangeiros e, podemos dizer que Le Fort e

Whitman foram grandes referências de autores estrangeiros para ele. A autora de *O véu de Verônica* e o escritor de *Folhas de Relva* o fascinaram em momentos sucessivos de seu trabalho: a alemã é considerada uma representante da renovação da literatura religiosa católica, e influenciou todo um conjunto de intelectuais da literatura brasileira como Tristão de Ataíde, Murilo Mendes, Álvaro Lins, Jorge de Lima, Otavio de Faria, Augusto Frederico Schmidt e outros. Os poemas de Von Le Fort, traduzidos por Silveira, foram extraídos de sua antologia *Hino à Igreja*, e Tasso da Silveira teve a orientação e a assistência de Frei Mansueto Kohnen, O.F.M, que por ser “grande autoridade, no Brasil, em matéria de literatura alemã”, o ajudou a vertê-lo. Walt Whitman, por sua vez, foi um escritor que fez parte do movimento de libertação da literatura norte-americana concentrada na experiência e nos conflitos políticos, participou ativamente de uma militância social e ideológica tornando-se, principalmente após o lançamento do livro *Folhas da Relva*, um marco para a literatura mundial, exercendo influência, segundo Lavalle (2005, p. 93), em grandes representantes da poesia internacional, como “T. S. Eliot, W. Stevens, D.H. Lawrence, E. Pound, W.C. Williams, J. Ashbery, F. Pessoa, J. L. Borges, F. Garcia Lorca, R. Darío, dentre outros”.

Num artigo chamado *Meus poetas*, publicado no *Letras & Artes* em 11 de maio de 1952, Tasso da Silveira comenta sobre os maiores poetas mundiais que o influenciaram. Dentre eles, em terceiro lugar, está Walt Whitman, em virtude – diz ele – “do ritmo largo, da amplitude de mar do verso desmedido e do sopro de liberdade criadora, que lhe sacudia o canto bárbaro e lhe permitiu incluir nesse canto a universalidade dos seres e das coisas”. Na sequência, cita a autora alemã Le Fort, que o encantou quando este já estava “totalmente embebido de fé católica”. No topo de sua seleção está Tagore, seguido de Verhaeren. Tasso absolutamente não ignora que muitos outros escritores tão admiráveis devam ser também lidos e traduzidos, como Rilke, Camões, Pessoa, Rimbaud, Alighieri etc, mas deixa bem claro que *seus* autores fizeram parte da sua história como escritor e como pessoa, e que a escolha em traduzi-los parte de uma vontade pessoal, de afinidade com o texto e com o escritor. Nesse artigo, o crítico brasileiro também faz uma revelação sobre a tradução de Walt Whitman, diz ele que o traduziu “abundantemente por volta de 1918 a 1920”, e que por isso acredita ter sido o primeiro a revelá-lo ao Brasil. No entanto, as muitas traduções que ele diz ter feito do poeta inglês não aparecem no *Letras*, e tampouco foram comentadas pelos seus

contemporâneos. Até mesmo na revista que ajudou a fundar, a *Festa* (1927), acabou publicando somente um poema de Whitman, “Saudade ao mundo”.

Além do mais, também comentou em *Meus poetas* a sua “audácia em trasladar para o português” os poemas de Le Fort, e que devem ser, certamente, os poemas publicados no semanário carioca e um encontrado na revista *Festa*, esse traduzido do francês. Sobre a tradução no Suplemento, Tasso sequer faz menção à figura do frei Mansuelo Khonen, que o ajudou com as traduções, e também não dá maiores informações sobre quando e onde foram divulgados esses poemas.

Segundo: com relação ao estilo dos poemas traduzidos, podemos observar que Silveira, embora seja um dos principais exegetas do Simbolismo, foi um tradutor muito mais transgressor e moderno no *Arte-Literatura* do que no *Letras & Artes*, por escolher para aquele Semanário um dos precursores dos movimentos da vanguarda europeia e do modernismo. Whitman foi um escritor que soube utilizar uma linguagem enigmática, erotizada e libertária, mas que estava, ao mesmo tempo, em profunda ligação com o divino, com o sagrado, manifestado pela existência da Terra-Mãe, enquanto Gerturd permaneceu mergulhada numa sublimação muito eucarística, de tom messiânico. Whitman também constrói uma imagem do homem muito mais livre, pois o poeta conduziu o leitor ao domínio da experiência do Outro, e esse “Outro” são os excluídos. Por essa questão, encontramos na linguagem e na forma poética de Whitman uma demonstração tão intensa de seu altruísmo, que é capaz de surgir todo um universalismo, reunindo e confrontando toda experiência humana.

Whitman vive num momento de transição na sociedade, e numa época com tantas alterações sociais, políticas e conflitos raciais, sua escrita configura-se como um protesto de independência da poesia americana. Nas palavras do poeta e tradutor piauiense, Mário Faustino (1976, p. 78), o poeta Walt Whitman anuncia a chegada de uma nova era, de um novo sujeito pautado em uma nova concepção de liberdade, mas que, ao mesmo tempo, já antecipava as correntes modernistas que surgiriam no início do século 20, de ruptura com a tradição e com os temas recorrentes apresentados até então pela poesia.

Em suma, podemos dizer que Whitman refletiu essa liberdade não só nestes poemas, mas fez da pena o seu brado de liberdade: liberdade da sexualidade, do verso, das camadas sociais menos favorecidas e, sobretudo, de pensamento. E trazendo esse poeta para o contexto do Pará, onde os escritores locais tentavam recusar o estereótipo de poeta amazônico “solitário” para uma zona aberta ao cosmopolitismo, e assim se enquadrar aos demais escritores da literatura mundial, observa-se que essa tradução, embora tenha sido uma escolha particular do Tasso da Silveira, no contexto paraense esses textos estimulam os nossos escritores a repensar não apenas a sua tarefa política de resistência à ideia de isolamento artístico com o resto do país, como ainda o isolamento enquanto também Brasil com o restante do mundo.

#### **4.2.2. Herculano de Carvalho**

Outro tradutor que participou dos dois Suplementos foi o português António Herculano de Carvalho (1899 – 1986). De vida acadêmica bastante ativa, foi tradutor, poeta e cientista. Diferente dos outros tradutores que colaboraram nos dois Suplementos e que representam a legitimidade do modernismo brasileiro, Herculano foi um poeta, embora contemporâneo deles, de pouca fama e sem linhagem literária. No entanto, suas traduções foram verdadeiras contribuições para as sociedades brasileira e portuguesa, pois ele desempenhou um importante papel na divulgação da poesia clássica e moderna, além de estabelecer um importante diálogo de Portugal com o Brasil.

Suas traduções encontram-se publicadas no livro *Musa de Quatro idiomas*, lançado em 1947. “A *Musa de Quatro Idiomas* foi editada pela *Ática*, tendo o seu diretor, Luís de Montalvor, insistido veementemente para convencer o pai, António Herculano, a autorizar a sua publicação”, dizem os filhos Maria Domitila, António Manuel e Ana Maria, num texto de apresentação do livro *Teatro e Poesia* (2008, p.17) cujo autor é o Herculano.

1947 foi o ano em que autor de *Romaria das curvas* lançou suas traduções em Portugal, no entanto, não sabemos concretamente se essas traduções foram as mesmas publicadas nos Suplementos, pois, em 1983 o livro foi reeditado – intitulado *Oiro de vários tempo e lugar - de São Francisco de Assis a Louis Aragon* – e novas traduções

foram acrescentadas. Além disso, o Suplemento não dá, infelizmente, maiores informações sobre o poeta português. Não se sabe como essas traduções chegaram até o Semanário, se foram enviadas diretamente por ele ou se o Suplemento, sabendo da existência da antologia *Musa de Quatro Idiomas*, decidiu publicá-las. O que se pode confirmar é que António Herculano de Carvalho mantinha algum contato com o Brasil, ou pelo menos conhecia os escritores daqui, pois o seu poema *Gênio*, publicado nesse Suplemento, foi dedicado ao poeta Jorge de Lima.

Naturalmente, ter a participação de um tradutor-poeta estrangeiro (e vivo na época) colaborando num meio de divulgação literário como esse Suplemento, promove um impacto muito maior às nossas letras, pois, assim como ele pode trazer uma nova leitura para ser apreciada pelo público, ele pode também levar a nossa literatura para o seu país de origem, o que de todo modo amplia a nossa escrita<sup>42</sup>. Por exemplo, sem as traduções de Herculano de Carvalho o leitor do *Letras & Artes* não conheceria algumas obras de Untermeyer, Stefan George, Rossetti, Leopardi, Gryphius, Samain, Spender, Lenau e outros.

António Herculano de Carvalho publicou no *Letras & Artes* as traduções de Friedrich Novalis, de D.H Lawrence, de Louis Untermeyer, de Rupert Brooke, de Stefan George, de Christina Rosseti, de Nicolau Maquiavel, de Giocomo Leopardi, de Andreas Gryphius, de E. Verhaeren, de Albert Samain, em 06 de novembro de 1949; de Hoelderlin, em 20 de novembro de 1949; de Stephen Spender, em 01 de janeiro de 1950; de Charles Peguy, em 16 de julho de 1950; de Richard Wagner, em 08 janeiro de 1950; de Nikolaus Lenau, em 03 de agosto de 1950; e de José María Heredia, em 20 de agosto de 1950 (ver quadro abaixo).

<i>Autor / tradutor</i>	<i>Letras &amp; Artes</i>	<i>Arte-Literatura</i>
	Suplemento Letras e Artes. A	x

<sup>42</sup> Abriremos parênteses: por outro lado, o crítico português João Gaspar Simões, no artigo intitulado *Valerá a pena traduzir?* nos lembra que grande parte da literatura traduzida no Brasil, nesse momento da década de 40 e 50, era exportada para Portugal, entretanto não diz quais literaturas eram. Segundo ele, quando as traduções chegavam à cidade lusitana, apenas se adaptava os textos de acordo com a sintaxe e o vocabulário do português ibérico, ou seja, os portugueses eram também leitores das traduções brasileiras, e isso por sua vez, revela o quanto a atividade da tradução tornou-se algo lucrativo e importante para o Brasil. Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano III, ed 248, 04 maio de 1952.

Friedrich V. Hardenberg Novalis (1772-1201) / Quando não mais (Wenn nicht mehr...)	<i>manhã</i> , ano III ,ed 143, 06 novembro de 1949		
D. H Lawrence (1885-1930) / Apelo à Morte (call into Death)			
Louis Untermeyer / Caliban nas minas de carvão (Caliban in coal mine)			
Rupert Brooke (1887 -1915) / Os mortos (the dead)			
Stefan George/ Que aconteceu (Was ist (sic)chehn			
Christina Rossetti / Lembra-te (Remember)			
Nicolau Maquiavel / A ocasião (L'occasione)			
Giacomo Leopardi (1798-1837) / O infinito (L'infinito)			
Andreas Gryphius (1616-1664) / Miséria Humana (Menschliches Elendi)			
E. Verhaeren (1885-1916) / Esboço de Claustro (Croquis de Cloitre)			x
Albert Samain (1852-1919) / A esfinge (Le Sphinx)			
Stephen Spender / A locomotiva	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 149, 01 janeiro de 1950		
Nikolaus Lenau / Céu triste	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 173, 06 agosto de 1950		
Hoelderlin / <i>A pátria</i>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 145, 20 novembro de 1949	Suplemento Arte Literatura". Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 139, 27 de novembro de 1949	
Charles Peguy / O adeus ao rio Mosa	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 171, 16 julho de 1950	x	
José Maria Heredia/ Fuga dos Centauros	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 175, 20 agosto de 1950		
Richard Wagner/ <i>Morte de Isolda</i>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 149, 08 janeiro	Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 144, 22	

	de 1950	de janeiro de 1950
--	---------	--------------------

Ao todo foram 17 autores estrangeiros publicados, e algumas dessas traduções, conforme já sabemos, como Richard Wagner e Hoelderlin, foram também reproduzidos no *Arte-Literatura*. Percebe-se, pois, que o tradutor tinha um gosto literário bem eclético, pois os autores traduzidos fazem parte de correntes literárias e momentos históricos aparentemente muito diferentes entre si. Por exemplo: o poeta modernista D. H. Lawrence (1885-1930), considerado por muitos escritores como o sucessor de Thomas Hardy, foi reconhecido como um escritor que refletiu sobre os efeitos desumanizantes da modernidade e da industrialização, mas também discutiu as relações conturbadas entre homens e mulheres, o desejo sexual feminino, a instituição matrimonial e a representação de classes sociais menos favorecidas. Richard Wagner (1813-1883), representante do neo-romantismo e de uma época diferente da de Lawrence, também desenvolveu nos enredos musicais temas como o amor, a morte e o desejo sexual. Entretanto, muito influenciado pela filosofia de Schopenhauer, o compositor “apresenta um amor não vivenciado durante a vida, mas que, por ser tão profundo e transcendental, só pode ser alcançado na eternidade da morte” (OLIVEIRA, 2013, p.139). Ademais, foi um compositor de grandeza universal, e que muito influenciou os compositores brasileiros, como Carlos Gomes, Manuel Macedo, Francisco Braga entre outros.

Podemos dizer que esses escritores traduzidos elucidam bem que tipo de organização e seleção Herculano de Carvalho – ou os Suplementos, se formos pensar naquele que é o responsável pela divulgação desses textos – propôs: música e literatura sempre andaram juntas, e isso vem desde a Antiguidade. O ritmo é um dos pontos fundamentais da escrita, sobretudo para o texto poético. Da mesma forma, a poesia se fez evidente nas canções populares, nos jograis, nos cancioneiros, nas óperas, como se faz ainda hoje, nos diferentes estilos musicais. Isso talvez explique o envolvimento de escritores com a música e de músicos com a literatura, pois não há como negar que as duas sejam inteiramente capazes de criar uma linguagem universal e uma leitura reflexiva que responda aos problemas da vida e da dor humana, através das dissonâncias, pausas, tons, modos, clímax, inquietações, conflitos, soluções, oferecendo

uma nova capacidade de comunicação com leitores diferentes. Mas António Herculano de Carvalho não era músico, e mesmo assim, foi capaz de perceber que a poesia moderna não é uma reação contrária ao clássico, tampouco procura romper com esse. Ao contrário, quer mostrar ao leitor pós-45 que a leitura é um processo híbrido, e que a escrita moderna (bem como uma leitura crítica) se materializa no encontro com o diferente, com o oposto. Mas não com qualquer oposto – cabe lembrar a história da Alemanha com a *Bildung* discutida no primeiro capítulo – e sim com aquele que promova um debate em escala transnacional e que esboce um projeto literário de nível universal. Ao lado disso, tanto Herculano quanto os demais tradutores serviram-se de relativa liberdade para escolher os autores estrangeiros, sabendo que a modernidade se faz não somente com a literatura Clássica europeia, mas com a indígena, com a oriental, com a americana. Talvez por isso Herculano tenha se sentido à vontade em publicar, por exemplo, o poeta americano Louis Untermeyer (1885-1977) ao lado de Nicolau Maquiavel (1469- 1527), pois o que importava era a obediência aos critérios filosóficos e estéticos, que se colocam ao alcance da intuição e do conhecimento do ser e da existência.

#### **4.2.3 – Carlos Drummond de Andrade**

Manuel Bandeira se referiu a Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), numa entrevista ao *Letras & Artes*, como um poeta tão notável quanto um Éluard ou Aragon, na França, ou um Spender e um Auden, na Inglaterra, e que teria certamente o mesmo renome universal, caso a língua portuguesa tivesse a mesma universalidade que o francês e o inglês. Presença marcante nas maiores revistas, círculos literários, jornais e editoras de todo o país, e até algumas do exterior, como a circular *Poesia Buenos Aires*, Drummond deixou um legado cultural, crítico e literário que justifica a sua posição no pódio dos grandes escritores do país. De igual modo, como tradutor, não se pode negar que o seu olhar social e estético de escritor moderno procurou abrir a poesia às mais diversas correntes e orientações, refletindo um momento de intensa discussão sobre o homem.

Intencionalmente, Drummond selecionou obras estrangeiras com premissas ônticas para serem publicadas nos suplementos *Letras & Artes* e *Arte-Literatura*. Não se esquivando de uma tendência nacional, imprimiu em suas escolhas um ponto, talvez, diferenciado dos outros tradutores: os poemas são dotados de uma visualidade que também se volta para uma imagem fotográfica e que constitui o esquema artístico dos poemas, ou seja, o poder de observação e a descrição precisa são qualidades exaustivamente reverenciadas em sua obra poética, fixando escritores marcantes da atualidade literária. Daí também de não fazer distinção temporal das obras, pois o que é visado é justamente a que representa a construção de valores e do mundo a partir do olhar sobre as pessoas e a cidade.

O olhar que Manuel Bandeira lança sobre os objetos, sobre a cidade e as pessoas oferece ao leitor um estímulo à descoberta de uma linguagem artística que promova o prazer, não apenas mediante a contemplação do Belo, mas de todas as outras circunstâncias e acasos que se atribuem ao homem, o que permite ao leitor um parâmetro para fazer suas próprias escolhas. Nesse livre arbítrio o homem consegue estabelecer correspondência entre as representações que faz desses signos observados por Bandeira e das entidades do mundo. A contribuição dessas traduções põe em nossa cultura um poder de renovação que se encontra marcado nas situações de descrição da realidade, como uma romaria fúnebre, descrita no poema *O enterro*, de Julien Tuwain (1894-1953); a paisagem campestre, observada no poema *Dinamarca*, de Fredrik Nygaard (1897-1058); ou no olhar atento para os seres e as coisas, visto no poema de Sigbjorn Obstfelder (1866-1900), *O olho*. Todos esses poemas foram retirados da antologia *Les cinq Continents - anthologie mondiale de poésie contemporaine*<sup>43</sup> (1922), do poeta Ivan Goll (1891-1950), cujas traduções foram publicadas somente no *Arte-Literatura*, em 14 de março de 1948.

---

<sup>43</sup> Segundo a pesquisadora Maria Aparecida Barbosa (2011, p.246), a antologia mundial contemporânea de Goll, *Les Cinq Continents - anthologie mondiale de poésie contemporaine*, integra contribuições de poetas provenientes de diversas partes do mundo, desde autores de países europeus, asiáticos, até latino-americanos, apontando para um hibridismo cultural de suas condições fronteiriças, criando a ideia de um novo como ato insurgente de homogeneização cultural. Algo similar aconteceu no Brasil com a circulação da *Revista Branca*, uma magazine dirigida por Saldanha Gama e que teve a colaboração de um seletto grupo de escritores-tradutores. O objetivo da revista era divulgar a literatura estrangeira e literatura brasileira traduzida em outros idiomas.

Aliás, tanto Ivan Goll, que é um marco no movimento surrealista, quanto esses outros poetas europeus, o *Letras & Artes* não os menciona, o que torna um diferencial entre os dois Suplementos, visto que a presença de Goll para o contexto literário e cultural torna-se amplamente importante: Goll, realizando o papel de intermediador entre diversas línguas e experimentando até o limite de suas possibilidades, se revelou um leitor sensível à literatura universal e aberto à diversidade da escrita literária e à sua plasticidade, construindo dessa maneira uma leitura inovadora e moderna.

Outro escritor traduzido por Drummond, e que também influenciou Goll, foi Guillaume Apollinaire (1880- 1918), cuja obra *A casa dos mortos* foi publicada em 12 de outubro de 1947. E assim como os escritores selecionados da antologia de Goll, Apollinaire também não foi traduzido no *Letras & Artes*. A única diferença é que o autor da *As tetas de tirésias* foi um autor muito citado em resenhas por outros escritores nesse Semanário.

A presença de Apollinaire comprova que a linguagem poética é feita de idas e vindas, mas as vindas são sempre carregadas de novos valores e renovadas interpretações, ou seja, podemos encontrar no passado a chave para a introdução de uma novidade no presente. É possível dizer que a aliança e a proximidade cultural criada pela tradução nesses Semanários dominicais foram além de questionar a ambivalência cosmopolitismo *versus* nacionalismo, tampouco não há como negar que houve uma necessidade sim de se afirmar perante o novo contexto literário mundial. Mas, certamente, o que se nota nessas traduções de Drummond, além das marcas da modernidade, é justamente a proposta de colocar a escrita estrangeira como algo que se desloca temporalmente, e que esse deslocamento é tão necessário para o arejamento das ideias. O poema é também traduzido como uma atividade teórica de sobrevivência da leitura e da cultura, quero dizer com isso que, quando o tradutor escolhe uma escrita de outra época diferente da de agora e outro contexto diferente do brasileiro, ele também é responsável por um conhecimento que se elabora, destacando certos detalhes e aspectos que são considerados por ele como importantes.

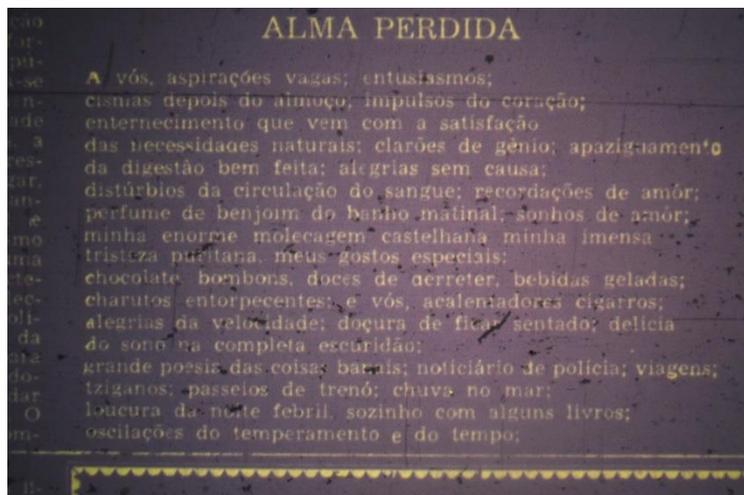
Continuando na corrente de poetas franceses traduzidos no *Arte-Literatura* e que não foram traduzidos no outro Suplemento, há uma tradução em especial que nos chamou a atenção. Não é novidade alguma dizer que Drummond, como tantos outros

escritores dessa época, colaborou em vários jornais e revistas do Brasil, e em decorrência disso, muitas de suas publicações e traduções circularam em outros estados brasileiros e em diferentes datas. Algumas traduções podiam aparecer no mesmo ano, ou no mesmo mês, ou simplesmente serem publicadas em anos diferentes, como foi o caso da publicação “Três poetas franceses”. Nessa tradução aparecem Jules Supervielle (1884-1960), com a tradução de seu poema *Rostos*, Léon-Paul Fargue (1876-1947), que teve o poema *Quiosques* vertido, e Valery Larbaud (1881-1957), com o poema *Mers- El Kebir*, todos publicados juntos em 26 de maio de 1946.

E o que torna essa publicação duplamente importante é a contribuição literária que o Suplemento *Arte-Literatura* deu para a sociedade paraense ao publicar textos que, se não fosse a existência desse Suplemento, ficariam acessíveis apenas aos leitores das principais regiões do país. Digo isso, pois, por falta de maior divulgação da importância do *Arte-Literatura*, Massi & Guimarães (2011, p.409) em nenhum momento o citam como um dos jornais que também receberam as traduções de Drummond, sendo que, ao consultarmos o trabalho de catalogação desses pesquisadores, eles mostram que a primeira publicação da tradução “Três poetas franceses” foi no *Correio da Manhã*, em 9 de junho de 1946, mas a verdade é que a primeira publicação foi lançada quase dois meses antes no Suplemento *Arte-Literatura*, em 26 de maio de 1946, e isso não foi registrado pelos pesquisadores. Aliás, nada referente às traduções de Drummond no *Arte-Literatura* foi registrada nessa coletânea.

Drummond verteu mais dois poemas de Valery Larbaud, no *Arte-Literatura*, intitulados *A máscara* e *Alma perdida*, em 13 de abril de 1947, que coincidentemente também foram publicados no *Jornal do Commercio*, de Recife, nessa mesma data. Sobre esse último poema, segundo Massi & Guimarães, ele já havia sido divulgado no *Anuário Brasileiro de Literatura*, em 1941, e tanto nesse *Anuário* quanto no *Jornal do Comércio*, em virtude de algum erro tipográfico, o poema encontra-se incompleto entre o quarto e quinto verso; “a passagem deveria ser, de acordo com o original francês: ‘das necessidades naturais; clarões de gênio; agitação\ da digestão que se faz; apaziguamento\ da digestão bem feita; alegrias sem causa’”. Em contrapartida, essa “falta” não aconteceu na publicação do *Arte-Literatura*, (como se pode notar na imagem abaixo). Neste caso, certamente houve um erro tipográfico, e ao que parece, o *Jornal do*

*Comércio* se baseou na tradução incompleta divulgada primeiramente no *Anuário*, o que acabou ocasionando a perpetuação do erro, pois caso fosse um esquecimento ou omissão do tradutor, certamente apareceria também no *Arte-Literatura*, o que não foi o caso.



(FIG 11) “Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 25, 13 de abril de 1947

Outro escritor francês traduzido por Drummond foi Paul Claudel (1868-1955), cujos poemas *Crucifixo: a cabeça vista da direita* e *Crucifixo: a cabeça visto da esquerda*, foram publicados no *Letras & Artes*, em 10 de abril de 1949. A tradução desse poema é considerada por Fernando Py (2001, p. 113, apud MASSI & GUIMARÃES, 2011, p. 21) como um dos melhores textos vertidos por Drummond, pois desde a sua primeira tradução, em 1929, para o *Diário de Minas*, assinada com o pseudônimo de Antonio Crispim, ela sofreu algumas modificações.

Sobre a presença do escritor Paul Claudel no *Letras & Artes*, podemos dizer que foi um escritor muito mencionado nesse Semanário, tanto é que a tradução de Claudel por Drummond não foi a única a ser publicada. Em 16 de março de 1947, Napoleão Agustin Lopes traduz um texto em prosa intitulado *A magia das pedras preciosas*, com uma ilustração de Athos Bulcão, sem falar nos artigos e críticas que foram publicados sobre ele. Observemos primeiramente que a tradução deste poema foi o único trabalho publicado por Drummond, embora tenha sido um escritor colaborador desse Semanário.

Podemos deduzir, portanto, que há alguns pontos que coincidem na escolha desses escritores e que poderiam ter influenciado Drummond a traduzi-los. Além da

coincidência dele ter traduzido direto ou indiretamente de uma língua com a qual tinha mais afinidade, a francesa, Drummond mostrou aos leitores o panorama do pensamento contemporâneo “francês”, contribuindo, assim, para um verdadeiro diálogo entre sociedade\sujeito e poema. Mas, é preciso ter em mente que Drummond fez parte de um processo literário construído nos Suplementos, o que significa dizer que o discurso do texto é traçado por uma “política” literária inclusiva que traz à luz a reflexão sobre a condição humana que se manifesta na forma problemática da violência, da morte, da observação sobre o cotidiano. E isso, de certa forma, o orientou para qual tipo de leitura deveria ser divulgada, muito embora tivesse autonomia para escolher o texto que iria ser exposto. Por exemplo, no momento em que os pesquisadores Augusto Massi e Júlio Guimarães (p. 34), dizem que “é difícil ver afinidades” de Claudel com Drummond, é porque estão pensando no caso isolado. Mas quando nos debruçamos na predominância dos discursos dos textos traduzidos no todo, torna-se mais fácil entender o caminho percorrido por Drummond, que é o de uma escrita inclusiva e crítica que tenta explicar, ou que pelo menos tenta refletir o momento presente.

	Letras	Arte
Francês – Valery Larbaud; poema: <i>Mers – El Kebir</i> *** Jules Supervielle poema: <i>Rostos</i> *** Leon-Paul Fargue – Poema: <i>Ouiosques</i>		Suplemento Arte-Literatura. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano I, n. 3, 26 de maio de 1946
Francês- A.O Barnabooth (Valery Larbaud) Poemas: <i>A máscara; Alma perdida</i>		“Suplemento Arte Literatura”. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano II, n. 25, 13 de abril de 1947.
Francês: Guillaume Apollinaire Poema: <i>A casa dos mortos</i>		“Suplemento Arte Literatura”. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano II, n. 46, 12 de outubro de 1947.
Francês: Sigbjorn Obstfelder Poema: <i>eu olho</i> *** Fredrik Nygaard		“Suplemento Arte Literatura”. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano III, n 70, 14 de março de 1948.

Poema: <i>Dinamarca</i> *** Julien Tuwin Poema: <i>O enterro</i>		
Francês - Paul Claudel Poemas: <i>Crucifixo: A cabeça vista da direita</i> ; <i>Crucifixo: A cabeça visto da esquerda</i>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 121, 10 abril de 1949	

#### 4.2.4. Manuel Bandeira

Dentre todos os tradutores listados acima, o poeta pernambucano Manuel Bandeira (1886-1968) foi, sem dúvida, figura destacada dos suplementos *Letras & Artes* e *Arte-Literatura*. Não somente por ser um dos expoentes mais ilustres do Modernismo brasileiro, mas por ser o único tradutor a ter assídua participação praticamente em todos os anos de circulação dos Semanários. Aliás, disse Almeida Fischer – “não há um suplemento literário, uma revista em todo o vasto território nacional que já não tenha, pelo menos uma vez, estampado o seu nome em uma de suas colunas”<sup>44</sup>. O que o autor de *Horizontes Noturnos* talvez queira mostrar é: Bandeira, homem de pensamento vivo e moderno, tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural de nosso país, e por ser um escritor conhecido dos leitores a sua presença em revistas e jornais talvez já despertaria o interesse pelo seu material publicado.

Bandeira traduziu nesses periódicos poemas ingleses, espanhóis, alemães, franceses, russos e italianos. No geral, foram escritores dos mais variados estilos e correntes literárias. Vejo, antes de tudo, que o movimento que Bandeira fez nos Suplementos, ao verter para a nossa língua grandes escritores da literatura europeia e outros contemporâneos, não foi de improviso e tampouco se manifestou como uma continuidade do Modernismo de 1922, mas como uma mudança que Tristão de Athaíde havia comentado. Em artigos assinados e em entrevistas, Bandeira deixa bem claro que

<sup>44</sup> FISCHER, Almeida. Manuel Bandeira e a Morte ao Modernismo. Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI, Ed. 013, p.13, 25 de agosto de 1946

o momento atual era muito mais introspectivo e ao mesmo tempo de luta política e social, e por isso não corresponderia mais aos anseios do “velho” Modernismo<sup>45</sup>:

O Modernismo, com ‘ismo’, isto é, como arte de grupo, com o seu programa, os seus cacoetes, os seus tabus, os seus preconceitos, simpatias e antipatias, já estava encerrado muito antes da morte de Mário de Andrade. O mesmo Mário, na sua famosa conferência do Itamarati, falou do movimento como de uma coisa do passado, como de uma coisa perempta e superada. É preciso ter a mentalidade muito primária para chamar de modernistas os versos dos novos poetas, como Lêdo Ivo, João Cabral de Melo Neto e outros, ou os do próprio Mário da ‘Lira Paulistana’. Serão acaso modernistas os romances de mestre Graciliano, de Lins Rego, de Jorge Amado, o teatro de Nelson Rodrigues, a crítica de Sérgio Milliet, de Álvaro Lins, de Antônio Candido, as crônicas de Rubem Braga? Será acaso modernista a pintura de Portinari, Guignard, Pancetti, a escultura de Celso Antônio, Bruno Giorgi, Ceschiati? Só os primários o dirão. Isso tudo é apenas arte moderna, arte viva, isto sim.

Bandeira, portanto, acentuou bem o espírito democrático quando traduz autores que representam em seus poemas os conflitos de luta política e social. Assim, tendo em vista que os poemas traduzidos – acessíveis do ponto de vista da linguagem – apresentam suas principais ideias e pesquisas relacionadas ao campo da cultura, é cabível dizer que Manuel Bandeira renovou a lírica nacional, integrando-nos na corrente do universal de Anton Tchekhov, da Rússia, e de Garcia Lorca, da Espanha, por exemplo. A sua tendência em direção ao global permitiu ao leitor tanto do *Letras & Artes* quanto do *Arte-Literatura* conhecer não só a pluralidade de tendências, mas algumas das principais mudanças de rumos que marcam os estudos literários neste pós-guerra. Aliás, no próprio jornal do *Letras & Artes*, Bandeira, ao lado de Múcio Leão e Ribeiro Couto<sup>46</sup>, incentivaram a produção de traduções, chegando até a oferecer prêmios em dinheiro para a melhor tradução de um poema que eles mesmos escolhiam. Essa concurso foi similar ao Campeonato de Tradução, mas a diferença era que esse não era aberto ao público e os tradutores não concorriam a nenhuma premiação em dinheiro.

Bandeira foi um escritor muito ativo nos Suplementos literários. Publicou poemas originais (alguns inéditos como a *Prece*<sup>47</sup>), escreveu resenhas, foi entrevistado diversas vezes, traduziu artigos, contos e poemas. Como tradutor, foi um dos escritores

---

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Uma canção de Sara Teasdale e um prêmio de 300\$ para a melhor tradução. Pensamento da América. *A manhã*, ano I, Ed. 80, 09 novembro de 1941

<sup>47</sup> Poema inédito de Manuel Bandeira. *Letras e Artes. A manhã*, ano IV, Ed. 83, 01 maio de 1948

mais comentados e “avaliados” por outros escritores. Na verdade, essa avaliação se apresenta, na maioria das vezes, com qualificação positiva, pois não houve alguém que tenha criticado a sua “versão” ou a sua “recriação”<sup>48</sup>. Longe disso, os Suplementos faziam questão de mostrar – e algumas vezes de comparar – a sua tradução com outras traduções feitas por escritores estrangeiros. E talvez isso já baste para justificar a existência de sua presença em outros jornais e revistas fora do Brasil, como a revista italiana *Ausonia*, dirigida pelo poeta Luigi Fiorentino (1913-1981).

Certamente a presença de Manuel Bandeira em uma revista europeia facilitou o trânsito literário entre os países, contribuindo para a divulgação de nossos escritores, como Ribeiro Couto, Augusto Frederico Schmidt e outros. Por outro lado, Bandeira aproximou a literatura italiana moderna do público brasileiro, pois foi um dos poucos tradutores que teve a parceria de traduzir a literatura italiana de autores da contemporaneidade como Garibaldi Alessandrini, Claudio Allori, Aldo Capasso e o próprio Luigi Fiorentino, todos colaboradores dessa mesma Revista. A tradução dos poemas desses italianos foi publicada em 09 de maio de 1948, somente no *Letras & Artes*, e segundo esse Semanário, essa tradução aconteceu em virtude dos leitores que pediam a tradução desses poetas. Em compensação, o editor da *Ausonia* traduziu alguns poemas de Bandeira, como o *Madrigal*, que o *Letras & Artes* fez questão de publicar<sup>49</sup> (ver fig. abaixo), sobretudo porque a Revista fez também referência a esse Semanário como “la maggiore rivista letteraria del Brasile”.

---

<sup>48</sup> A coluna *Através dos Suplementos*, escrita por Djalma Viana, por exemplo, foi uma seção do *Letras & Artes* que serviu como marketing das atividades dos seus colaboradores, sobretudo os renomados. E como Manuel Bandeira foi uma das figuras mais representativas desse Suplemento, normalmente Djalma Viana lembrava ou anunciava as traduções feitas pelo poeta pernambucano.

<sup>49</sup> O poema está publicado no original e traduzido. Poema de Manuel Bandeira e uma referência a “Letras & Artes” numa revista italiana. Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano IV, ed 96, 22 agosto de 1948

**Poema de Manuel Bandeira e uma referencia a "Letras e Artes" numa revista italiana**

**A** espléndida revista italiana "Ausonía" que se edita na cidade de Sierra, publica em seu numero 25, relativo a julho deste ano, um magnífico poema de Manuel Bandeira, em tradução do poeta Luigi Fiorentino, e que adiante reproduzimos.

Há ainda a seguinte referência a "Letras e Artes":

"Letras e Artes", la maggiore rivista letteraria del Brasile, nel suo n. 54 ha illustrato l'ausonismo presentando quattro poeti ausonici in magistrali traduzioni dovute al grande poeta Manuel Bandeira. I poeti, tradotti da

"Poeti d'Ausonía", sono: C. Al lori, G. Alessandrini, A. Capson e L. Fiorentino. Altri poeti saranno tradotti nei prossimi numeri".

Adiante reproduzimos, a título de curiosidade, o poema de Bandeira com a tradução:

**MADRIGAL**

Luce del sole batte sulla luna  
e della luna cade sopra il mar  
dal mare si solleva sul tuo viso  
e ti riluce poscia nello sguardo.

E guardi i nostri occhi solitari,  
occhi che sono tuoi... Ed è così  
che in estasi lunari sento viva  
cantare dentro me luce di stelle.

(Trad. de LUIGI FIORENTINO)

**MADRIGAL**

A luz do sol bate na lua...  
Bate na lua, cai no mar...  
Do mar ascende à face tua,  
Vem reluzir em teu olhar...

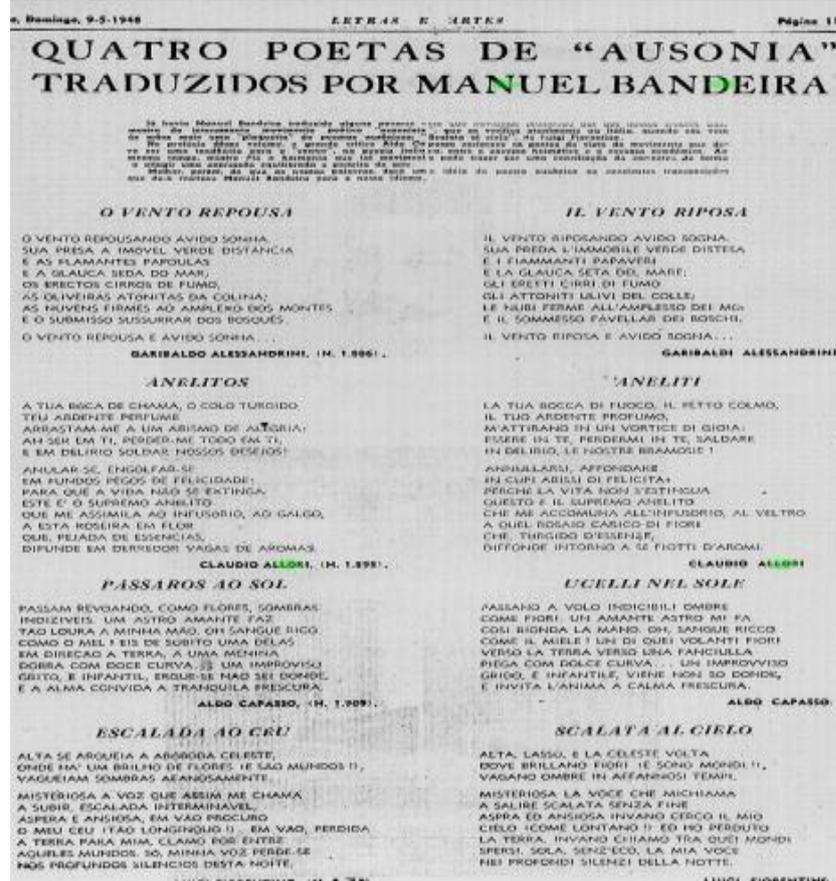
E olhas nos olhos solitários,  
Nos olhos que são teus... E assim  
Que eu sinto em êxtases lunários  
A luz de estrelas em mim...

MANUEL BANDEIRA

(FIG 12) Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano II, ed 96, 22 agosto de 1946

Poucos foram os poemas traduzidos por Bandeira que trazem os originais também publicados, mas o que se percebe nesses poemas que são divulgados com o texto-fonte é a técnica da tradução por correspondência proposta por ele. Isto é, Bandeira buscou reproduzir a tradução com o mesmo conteúdo do texto original e repetições dos versos, uma maneira, talvez, de chegar o mais próximo possível do texto-fonte. Esse método de tradução pode ser observado, além no poema espanhol *O touro da morte*, de Rafael Alberti, também nos poemas traduzidos dos escritores italianos e no poema *Meu humilde amigo*, de Francis James<sup>50</sup> (ver fig. Abaixo). Podemos afirmar portanto, que Bandeira se realizava como poeta ao concretizar uma tradução –“só traduzo bem os poemas que gostaria de ter feito, isto é, os que exprimem coisas que já estavam em mim, mas informúladas” (BANDEIRA, 1977, p.93) –, quer dizer, de tão próximo que a tradução ficava do texto-fonte, era como se ele também se revelasse como autor original da obra.

<sup>50</sup> Segundo o *Letras & Artes*, o primeiro a traduzir Francis James, no Brasil, foi o regionalista gaúcho Simões Lopes Neto, em 1902, mas somente foi publicado em 1914, no *Correio Mercantil*, de Pelotas. O Suplemento não revela qual a obra fora traduzida. Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano II, ed 19, 20 de outubro de 1946.



(FIG 13). Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano II, ed 84. 09 maio de 1948



(FIG 14) Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI, ed 51, 17 agosto de 1947

Bandeira estreou como tradutor primeiramente no *Letras & Artes*, com o conto *Vanka*, de Anton Tchekhov (1860-1904), em 1946. A publicação dessa tradução também traz uma nota esclarecendo o motivo que levou Bandeira a traduzi-lo. Pelo que

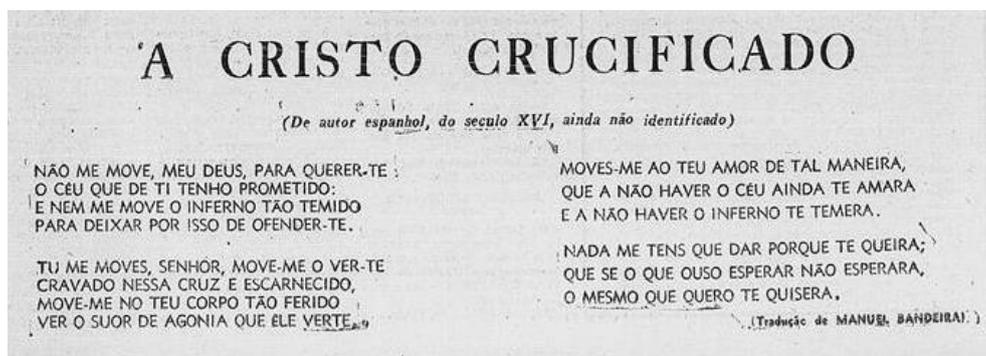
é afirmado, Bandeira ficou responsável em traduzir para o português uma obra russa, graças a uma iniciativa da *Companhia Editora Leitura* de publicar leituras estrangeiras. A *Editora* dividiu essas leituras por volumes, e cada volume seria publicado com uma língua estrangeira específica, como foi o caso dessa tradução de Bandeira, que fez parte do volume *Os Russos – antigos e modernos*. É difícil saber se a escolha do poeta Anton Tchekhov partiu de Manuel Bandeira ou fora imposto pela *Editora*, mas o que se percebe é o destaque que a nota dá ao conto, situando-o como “uma das mais interessantes da inumerável série de flagrantes da vida russa”, e ao escritor, como “o mais expressivo contista da literatura russa do século passado, Tchekhov tem aqui uma versão realmente antológica”.

Tchekhov foi o “abre-alas” de uma série de notáveis escritores Bandeira publicará no *L.A* e no *A.L*. No mesmo ano, em setembro, o poeta fez a sua primeira aparição como tradutor no suplemento do jornal *Folha do Norte*, como leitura do poema vertido *Balada na Pracinha*, de García Lorca (1898-1936). *Balada na Pracinha* é um poema que preza pela linguagem simples, pela poesia cotidiana, mas que revela uma complexidade surpreendente, levando o leitor, graças às rimas, às sonoridades, aos versos ecoados e musicalizados que remetem à canção popular e infantil, à reflexão sobre a realidade sócio-política e moral do ser humano. Aliás, percebo que no ano de 1946 o *Arte-Literatura* se voltou muito para questões de cunho social e político, enriquecidas com outros poemas traduzidos, como *O passaporte soviético*, de Vladimir Maiakóvski, traduzido por Ruy Barata, e *Noturno*, de José Asuncion Silva, traduzido por Flávia Guy Moreira.

Ao todo, Manuel Bandeira traduziu 43 autores estrangeiros. Os escritores traduzidos, cuidadosamente selecionados, apresentam um conteúdo bem diversificado que vai desde títulos que exploram o universo político e íntimo do poeta, da mulher, das crianças, dos amantes, dos sobreviventes, das relação entre o homem e o animal, até a condição religiosa, espiritual e temporal. No geral, vemos que essas traduções, em virtude dos traços temáticos, estabelecem um diálogo entre si, o que possibilita dizer que as escolhas que Bandeira fez ao traduzir esses autores não são ocasionais. São obras que, além de intensificar o debate social sobre o Brasil e o mundo, desempenham um importante papel em relação ao diálogo entre as diversas expressões literárias na América Latina, além de revelar o conhecimento e o interesse de Manuel Bandeira por

obras que o fascinavam, representando grande contribuição desse trabalho tanto aos estudos de tradução quanto às pesquisas direcionadas à história e cultura latino-americanas.

É importante fazer algumas considerações a respeito das diferenças existentes entre as traduções publicadas nos *Semanários*, bem como as semelhanças encontradas nesses Suplementos. Primeiro: o *Letras & Artes* publicou duas vezes o poema *A Cristo Crucificado* (autor desconhecido do século XVI). A primeira tradução, em 06 de abril de 1947, foi um dos destaques da 37ª edição, pois foi publicado numa página separada das outras publicações e acompanhado de uma pintura de El Greco, *Cabeça de Cristo*. Já a segunda versão dessa mesma tradução foi publicada numa antologia com outros poetas traduzidos, dentre os quais estavam Pedro Juan Vignale, Verlaine, Manuel Gutierrez Nájera, Juan Ramón Jimenez e Elizabeth Barrett Browning. Nessa segunda versão percebemos que Manuel Bandeira fez uma pequena alteração no segundo verso. Na primeira publicação está “O céu que de ti tenho prometido”, enquanto que na segunda encontra-se “O céu que me há um dia prometido”. Ao fazer essa mudança no soneto, além do fato de revisar novamente as suas traduções para serem publicadas, Manuel Bandeira opta por uma construção estilística que sugere uma versão muito mais harmoniosa com o 10ª e o 11ª versos, recuperando o verbo haver – “que a não haver o céu ainda te amara/ e a não haver o inferno te temera” (ver nas fig. abaixo). Há de dizer também que, embora Bandeira tenha enviado esse poema duas vezes para ser publicado no *Letras*, ele não foi publicado no *Arte-Literatura*.



(FIG 15) Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano VI, ed 37, 06 abril 1947



(FIG 16) Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano III ,ed 111, 09 janeiro de 1949

Com relação aos textos publicados somente no *Arte-Literatura*, Bandeira deu preferência somente aos autores de língua espanhola, como Rafael de la Fuente, González Carballo, Pablo Rojas Guardia e García Lorca. Sobre isso, Xosé Dasilva (2010, p. 104) acredita que a familiaridade de Bandeira com a comunidade hispano-americana foi reflexo da sua formação profissional e acadêmica – Bandeira foi professor de Literatura Hispanoamericana na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil –, o que ampliou o contato com diversos escritores falantes do espanhol. Mas, sendo essa ou não a justificativa, talvez seja cabível considerar esse interesse de apenas publicar com exclusividade autores hispano-americanos como uma prática política, pois Bandeira não só traz para o núcleo do *Arte-Literatura* autores muito importantes em termos estéticos e sociais, como também propõe desconstruir a prática literária brasileira que apenas se articula à literatura hegemônica. Esses autores desafiam o pensamento acadêmico e intelectual dominante que transparece no julgamento de Bandeira. Neste sentido, é interessante o auxílio dos artigos publicados paralelamente com as traduções, pois permitem aos leitores examinar mais detalhadamente essa aparente crítica.

Por outro lado, Manuel Bandeira não limitou suas traduções a uma língua específica no *Letras & Artes*. Brito Broca utiliza o termo “descobridores de celebridades estrangeiras”<sup>51</sup>, para se referir aos escritores nacionais que foram os primeiros a

<sup>51</sup> Suplemento Letras e Artes. *A manhã*, ano XII, ed 266, 12 de outubro de 1952.

divulgar as grandes figuras da literatura estrangeira no Brasil. Bandeira poderia não ter sido o primeiro brasileiro a divulgar os escritores estrangeiros em nível nacional, mas não deixa de ter o mérito como descobridor da literatura estrangeira nos Suplementos, pois abriu o leque de sua pesquisa para autores que nunca tinham sido traduzidos no *Letras*, como o argentino Pedro Juan Vignale, o cubano Mariano Brull, o francês Francis Jammes, os italianos Araldo Sassone, Claudio Allori, Garibaldi Alessandrini, Aldo Capasso e Luigi Fiorentino, o mexicano Manuel Gutierrez Najera, a chilena Gabriela Mistral e o austríaco Stefan Zweig.

<i>Autor / tradutor</i>	<i>Letras &amp; Artes</i>	<i>Arte-Literatura</i>
Russo - Conto: Vanka	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 09, 21 julho de 1946	
Alemão - Raine Maria Rilke Poema: Torso Acaico de Apolo, do volume Poemas Novos	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 23, 01 dezembro de 1946	
Espanhol - Garcia Lorca Poema: Balada da Pracinha		Suplemento Arte Literatura. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano I, n. 11, 7 de setembro de 1946. (MENINOS – inocência e melancolia )
Espanhol - Autor não identificado Poema: <b>À Cristo crucificado</b>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 37, 06 abril 1947	
Francês - Francis James Poema: <b>Meu humilde amigo</b>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 51, 17 agosto de 1947	
Espanhol - Rafael de la Fuente Poema: “Teus olhos” *** Gonzáles Carballo		“Suplemento Arte Literatura”. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano II, n. 58, 25 de dezembro de 1947.

<p>Poema: “Cristo, o Cristo menino”</p> <p>***</p> <p>Pablo Rojas Guardia</p> <p>Poema: “A Estrada D’alva cintila”</p>		
<p>Italiano – Garibaldi Alessandrini</p> <p>poema: O vento repousa</p> <p>***</p> <p>Cláudio Allori</p> <p>Poema: Anéritos</p> <p>***</p> <p>Aldo Capasso</p> <p>Poema: Pássaros ao sol</p> <p>***</p> <p>Luigi Fiorentino</p> <p>Poema: escalada ao céu</p> <p>Poemas com orginais</p>	<p>Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i>, ano II,ed 84. 09 maio de 1948</p>	
<p>Espanhol – Alfonso Reyes</p> <p>Poema: “Tardes assim já as respirem acaso?”</p>		<p>“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 97, 19 de setembro de 1948.</p>
<p>Espanhol – Rafael Alberti</p> <p>Poema: O touro da Morte</p> <p>Poema com original</p>	<p>Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i>, ano II,ed 91 11 julho de 1948</p>	
<p>Francês – Verlaine</p> <p>Dois Poemas: “No ermo da mata o som da trompa ecoa”; “As mãos que</p>		<p>“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 106</p>

foram minhas, mãos”		28 de novembro de
Espanhol – Gabriela Mistral Poema: Soneto da morte		1948.
Juan Ramón Jimenez Poema: O único amigo		
Alemão: Holdelin Poema: O aplauso dos homens		
Espanhol - Pedro Juan Vignale  Poema: <b>Rosa D’alva</b>  ***  Manuel Gutierrez Najera  Poema: <b>Último Instante</b>  ***  Juan Ramón Jiménez  Poema: <b>Deus do Amor (canção); Noite (canção) ; Universo (canção)</b>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 111, 09 janeiro de 1949	
(?) desconhecido  Poema: <b>A Cristo crucificado (canção)</b>		
Inglês – Elizabeth Barret Browning  Poema: Soneto		
Francês – Verlaine  Poema: <b>No ermo da mata</b>		,
Espanhol - Gabriela Mistral  Poema: O pensador de Rodin	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 113, 23 janeiro de 1949	
Francês – Ronsard	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 115, 13 fevereiro	

Poema: Soneto	de 1949	
Alemão - Stefan Zweig Poema: Último poema de S.Z	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 120, 03 abril de 1949	
Alemão - Hoelderlin Poema: <b>Metade da vida</b>		
Espanhol – desconhecido Poema: A cristo Crucificado	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 122, 14 abril de 1949	
Espanhol – Mariano Brull Poema: Marinha	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 127, 05 junho de 1949	
Alemão - Goethe Poema: Anelo	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 135, 28 agosto de 1949	
Italiano – Luigi Fiorentino Poema: Escalada ao céu	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 142, 23 outubro de 1949	
Alemão - Hoelderlin Poema: <b>Outrora e hoje</b>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 145, 20 novembro de 1949	Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 139, 27 de novembro de 1949
Espanhol – Juana Inês de La Cruz Poema: Doce Tormento		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 118, 03 de abril de 1949
Francês – desconhecido Poema: “ <b>la vie est vaine</b> ”	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 149, 01 janeiro de 1950	
Francês - Jules Supervielle Poema: O apelo	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 149, 08 janeiro de 1950	Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 148, 26 de fevereiro de 1950
Inglês – John Donne	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 157, 12 março	

Poema: Por quem os sinos dobram	de 1950	
Francês – Ronsard  Poema: “Foi para vós que ontem colhi, senhora”	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 172, 23 julho de 1950	Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n.162, 17 de dezembro de 1950
Italiano - Araldo Sassone  quatro poemas: <b>Despertar sem passado; Outono; Felicidade; Santa Maria</b>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 195, 18 fevereiro de 1951	
Italiano - Mario Vitale  Poema: Vida	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 204, 24 março de 1951 - Manuel Bandeira e Luce Ciancio	
Italiano – Luigi Fiorentino  Dois poemas: <b>Como a luz vive; Adeus sonho</b>	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 211, 14 junho de 1951	
Inglês – Elizabeth Barrett Browning  Poema: “parte: não te separe! Que jamais”	Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 190, 07 janeiro de 1951	

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O eixo norteador dessa pesquisa consistiu primeiramente em fazer o levantamento catalográfico das traduções lançadas nos Suplementos *Letras & Artes* e *Arte-Literatura*, para analisar quais as semelhanças e diferenças existentes entre as traduções publicadas nesses dois semanários que circularam em uma mesma época. Embora já soubéssemos que o periódico do *Folha do Norte* fosse um suplemento, com bem assinala Marinilce Coelho (2003, 173) em sua tese, que “não se encontra acima ou abaixo de outras produções culturais ocorridas nessa mesma época, no país”, a ideia de compará-lo com o *Letras* nasceu da necessidade de saber se houve ou uma autonomia ou uma relação de dependência direta para com esse suplemento considerado um dos mais influentes e importantes em termos sociais e literários do Brasil. Para tanto, o nosso primeiro trabalho foi colher informações acerca dos poetas-tradutores que participaram da divulgação da literatura estrangeira nos dois cadernos, e selecionar todas as traduções que foram publicadas tanto em um quanto no outro, para em seguida analisar qual tipo de literatura foi difundida e do porquê dessa divulgação.

Uma das tarefas fundamentais foi o de contextualizar o momento histórico e político em nível universal e nacional para tentar compreender a relação que existia entre as traduções com a política, com o domínio filosófico, com a história e com as relações humanas. Pois, após analisarmos essas traduções, vimos que a temática estava centrada em um período de grande efervescência cultural no país relacionado com o pensamento desenvolvimentista do pós-guerra, com as ideias modernistas e com as relações étnico-culturais. A abordagem da literatura estrangeira nos suplementos nos permite dizer que a tradução literária buscou, declaradamente, construir valores culturais a partir de discursos comprometidos com os conflitos político-sociais e com temas diretamente relacionados à própria existência humana, destacado questões do valor da liberdade individual e espiritual que vão desde uma discussão estética até à práxis filosófica e política.

Esse período de forte recrudescimento do discurso que privilegia uma reflexão mística, existencial e desintegrada do homem, assinala que houve um interesse geral dos tradutores para com esse tipo de escrita. No que compete à participação dos poetas-tradutores que apareceram nos dois suplementos, podemos dizer que cada um

demonstrou acertada autonomia para escolher quais obras seriam publicadas nos periódicos, evidenciando assim, que cada tradutor optou por um escritor estrangeiro que melhor poderia satisfazer as exigências do momento. Na esteira dessa questão, embora não se tenha comentado uma por uma cada tradução, até porque nos faltaria tempo e a pesquisa tornar-se-ia extremamente extensa, vimos que essas traduções, quando cotejadas, embora sejam providas de épocas e contextos sociais e estéticos diferentes, são capazes de demonstrar profunda sintonia uma com as outras, pois o que está em jogo é também a liberdade da palavra de poder se abrir para outras formas de leitura, e que dentro desse paradigma houve uma miscelânea de experiências e regressões de leituras que passaram a representar aspectos da modernidade.

A literatura pós-45 fomentada por uma tradução que se estruturou entre discontinuidades e continuidades, define um projeto de formação cultural que se pauta no diálogo com diversas origens, passando, por exemplo, pelas Correntes de Vanguarda, pelo Romantismo Alemão, pelo Classicismo, pelo Simbolismo etc, isto é, a intelectualidade formada por escritores e jornalísticas que colaboraram no *Letras & Arte* e no *Arte-Literatura* pensou a inserção da escrita estrangeira a partir da temática e do discurso das obras, o que concedeu maior liberdade para selecionar escritores de diferentes fenômenos literários e de movimentos intelectuais, ou seja, independente de qual tempo histórico a obra tenha sido criada, o que está em jogo é a sua expressividade como representante na nova atualidade. O movimento moderno conseguiu somar a dimensão passado-presente e retirar dessa adição um novo código estético, em estreita concordância com a subjetividade do tradutor e a mudança que despontava no pós-guerra. Escreve o crítico Disraeli, na coluna Política e Letras<sup>52</sup>, do *Letras & Artes*, o seguinte:

Bem sabemos como é falho o conhecimento dos nossos intelectuais no que se refere à literatura clássica. Formamos a nossa cultura, cogitando geralmente da cúpula e da fachada, sem nos preocuparmos com os alicerces. Esquecemos da base, dessa base que só os clássicos nos podem dar. Muita gente chega mesmo à insensatez de afirmar que podemos passar sem ela. Outros repetem a conclusão leviana de serem os clássicos maciços, pesados, e consequentemente aborrecidos. São dois erros clamorosos. Está provada a impossibilidade de alguém atingir um grau de superioridade de cultura literária sem conhecer certo número de obras fundamentais que há muitos séculos vêm nutrindo o espírito humano, fornecendo-lhes elementos e sugestões para centenas de criações artísticas.

<sup>52</sup> Disraeli. Um mundo desconhecido. *Letras & Artes*. Ano. III. Ed. 107. p.14. 05 de dezembro e 1948

Esses procedimentos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abarcante que podemos indagar se não é a própria modernidade que está sendo alterada, visto que são assinaladas pela diferença de diversas divisões culturais, pela ruptura do ensino sincrônico e pela retomada de obras que foram criadas em certos períodos muito importantes da História. E ver que essa tomada de pensamento não ficou restrita apenas aos grandes centros citadinos do país, mas se alastrou até a Amazônia, provando que o *Arte-Literatura* construiu um projeto literário que dialogava com o sudeste brasileiro, propagando uma literatura estrangeira que estava de acordo com os anseios da literatura nacional, mas sem perder a sua liberdade poética. O que se busca é perceber que a partir do contato com as intempéries do século XX nos deparamos com variáveis discursos de crise. Segundo Marcos Siscar (2010, p. 11), quando “falamos de crise, em poesia, não falamos exatamente de um colapso de ordem factual, mas mais precisamente da emergência de um ponto de vista sobre o lugar onde estamos, sobre nossas condições de ‘comunidade’”.

Em vista disso, a criação de suplementos literários nos jornais brasileiros foi de grande importância não somente para o tradutor, que ganhou a merecida valorização nos grandes jornais do país, mas por se tornar um veículo pedagógico, ideológico e de intercâmbio com outras culturas. Sabendo que os suplementos literários, graças a forte presença da tradução, promoveram uma abertura às mundividências e novas experiências com o Outro, o que resultou no enriquecimento da literatura, podendo até dizer que o propósito desses semanários, desde a sua concepção, foi o de fundamentar a tradução como uma prática plurissignificativa, crítica, ideológica política, filosófica, e também pedagógica, de forma que a escrita poética estrangeira passasse a refletir as inquietações do espírito, os sofrimentos psíquicos e as turbulências sociais do momento, tanto da atmosfera interna brasileira quanto do ambiente internacional.

Para finalizar, esperamos que esse trabalho possa ter contribuído para a ampliação dos Estudos de Tradução, pois é válido averiguar um período da história literária e social que foi muito oportuno para a criação de suplementos literários e para a proliferação da literatura estrangeira. Percebemos que os estudos sobre a divulgação da tradução nos suplementos literários são ainda muito escassos, e essa carência está diretamente relacionada aos poucos trabalhos pesquisados em suplementos. Portanto, a

falta de pesquisas sobre a pluralidade e a complexidade de literaturas estrangeiras publicadas nas décadas de 1940-1950 podem ser justificadas pelo pouco conhecimento sobre a história desses cadernos jornalísticos e, como aborda Alzira Abreu (2011, p.33), “o seu papel não deve ser negligenciado no que se refere tanto à divulgação das ideias conservadoras, quanto ao espaço aberto para as vanguardas artísticas e culturais”<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> O trabalho de Alzira não se atém especificamente a esse período, mas se foca na segunda metade da década de 50 em diante. Mas isso não impede que a utilizemos como base para esse trabalho, até porque muitos escritores que participaram dos suplementos que circularam na década de 1940 também participaram ativamente nos da década de 50 e 60. Para a autora, essa era, na realidade, o ponto de encontro entre essas duas décadas: “a década [de 50] se inicia com uma certa permanência dos temas, formas de expressão e atores que haviam sido centrais nos anos 30-40, ou seja, aqueles que se relacionavam ou estavam preocupados com a construção da nacionalidade. Assim, além dos temas que retomavam em muitos casos os postulados da década de 30, os suplementos se abriam também para novas linguagens artísticas e culturais, coexistindo uma visão cosmopolita das artes e da literatura com uma visão de mundo voltada para questões que no passado tinham sido fundamentais para a construção de uma identidade nacional” (ABREU, 2011, p.33).

**APÊNDICES - Catalogação dos textos literários traduzidos nos Suplementos  
Literários Arte Literatura (1946 – 1951) e Letras & Artes (1946 a 1954)**

**1946**

Quadro 1: esquematização das traduções publicadas no ano de 1946 no Suplemento Letras e Artes

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 07, 30 junho de 1946	alemão	Tasso da Silveira	Gertrud Von Le Fort	I e II	2			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 08, 14 julho de 1946	Espanhol (Bolívia)	Acendino Leite	Botelho Gozalvez	Sangue no Trópico				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 09, 21 julho de 1946	Russo	Manuel Bandeira	Anton Tchekhov	Vanka				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed. 09, 21 julho de 1946	Alemão	Dora Ferreira da Silva	Raine Maria Rilke	Oitava Elegia de Duino	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed. 11, 11 agosto de 1946	Espanhol (Argentina)	Acácio França	Roberto Payró	Adão e o Macaco				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed. 14, 08 setembro de 1946	Alemão	Dora Ferreira Silva	Raine Maria Rilke	Nona Elegia de Diuno	1			

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 14, 08 setembro de 1946	Inglês (Inglaterra)	Eugênio Gomes	John Galsworthy	Filantropia				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 15, 15 setembro de 1946	Francês	Xavier Placer	Rimbaud	Os corvos; e Realeza	1			1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 18, 13 outubro de 1946	Inglês (Estados Unidos)	Bezerra de Freitas	Andrew Preston Peabody	Pensamento	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 20, 02 novembro de 1946	Francês	x	Charles Baudelaire	O mau vidraceiro				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 23, 01 dezembro de 1946	Alemão	Manuel Bandeira	Raine Maria Rilke	Torso Acaico de Apolo, do volume Poemas Novos	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 25, 15 dezembro de 1946	Espanhol (Espanha)	Álvaro Gonçalves	Luigi Fiorentino	Pares		1		
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 1423, 14 abril de 1946	Alemão	Dora Ferreira da Silva	Raine Maria Rilke	Quarta elegia de Diuno	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 1423, 14 abril de 1946	Alemão	Dora Ferreira da Silva	Raine Maria Rilke	Terceira Elegia de Diuno	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 16, 22 setembro de 1946	Francês	Claudio Tavares Barbosa	Charles Autrand	Poema	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 16, 22 setembro de 1946	x	Adalardo Cunha	x	Culpado				1

IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O	ANO/Nº
Francês	Carlos Drummond Andrade	Valery Larbaud;	Mers – El Kebir	1				Suplemento Arte-Literatura. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano I, n. 3, 26 de maio de 1946
		Jules Supervielle	Rostos	1				
		Leon-Paul Fargur	Ouiosques	1				
Espanhol (Colômbia)	Flávia Guy Moreira	José Assuncion Silva	Noturno	1				Suplemento Arte-Literatura. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano I, n. 10, 25 de agosto de 1946
Espanhol (Espanha)	Manuel Bandeira	Garcia Lorca	Balada da Pracinha	1				Suplemento Arte-Literatura. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano I, n. 11, 7 de setembro de 1946.
Russo	Ruy Guilherme Barata	Maiakovski	O passaporte soviético	1				Suplemento Arte-Literatura. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano I, n. 11, 7 de setembro de 1946.

Quadro 1: esematização das traduções publicadas no ano de 1946 no Suplemento Arte-Literatura

Espanhol (Espanha)	Manuel Bandeira	Garcia Lorca	Balada da Pracinha	1				Suplemento Arte Literatura. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano I, n. 11, 7 de setembro de 1946.
Russo	Ruy Guilherme Barata	Maiakovski	O passaporte soviético	1				Suplemento Arte Literatura. <i>Folha do Norte</i> . Belém, ano I, n. 11, 7 de setembro de 1946.

## 1947

Quadro 2: esquematização das traduções publicadas no ano de 1947 no Suplemento Letras e Artes

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano II, ed 30, 02 fevereiro 1947	Indiano	Abgard Renault	Rabindranath Tagore	<b>Pássaros perdidos</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 33, 02 fevereiro 1947	Alemão	Dora Ferreira da Silva	Raine Maria Rilke	<b>Décima elegia de Duino</b>	1			

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 50, 03 agosto de 1947	Inglês (Inglaterra)	Bezerra de Freitas	John Ruskin	Opiniões de Ruskin			1	
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 37, 06 abril 1947	Francês	x	Apenas autor: François Maynard	En Attendant la mort	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 37, 06 abril 1947	Espanhol (espanha)	Manuel Bandeira	Autor não identificado	À Cristo crucificado	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 64, 09 novembro 1947	Alemão	José Geraldo Vieira	Raine Maria Rilke	Um dos Sonetos a Orfeu	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 41, 11 maio 1947	Francês	Eugênio Gomes	Victor Hugo	Puissance e égale bonté				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 61, 12 outubro de 1947	Alemão	Leony de Oliveira Machado	Goethe	Erlionig	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 38 13 abril de 1947	Alemão	José Geraldo Vieira	Raine Maria Rilke	A morte da bem-amada	1			

		<b>Onestaldo de Pennafort</b>	<b>Paul Verlaine</b>	<b>Luar</b>	<b>1</b>			
	<b>Francês</b>	<b>Guilherme de Almeida</b>	<b>Stéphane Mallarné</b>	<b>Brisa Marinha</b>	<b>1</b>			
		<b>Celso Vieira</b>	<b>Arthur Rimbaud</b>	<b>As vogais</b>	<b>1</b>			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 32, 16 fevereiro 1947	<b>alemão</b>	<b>Lúcio Cardoso</b>	<b>Raine Maria Rilke</b>	<b>Rilkeana</b>			<b>1</b>	
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 51, 17 agosto de 1947	<b>francês</b>	<b>Manuel Bandeira</b>	<b>Francis James</b>	<b>Meu humilde amigo</b>	<b>1</b>			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, 62, 19 outubro de 1947	<b>Espanhol (Uruguai)</b>	<b>Catharina Cannabrava</b>	<b>José Enrique Rodó</b>	<b>A filosofia do D. Quixote e o descobrimento da América</b>			<b>1</b>	
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, 62, 19 outubro de 1947	<b>Espanhol (Espanha)</b>	<b>Napoleão Agustín Lopes</b>	<b>Miguel de Unamuno</b>	<b>O encontro de Quixote com a falsa Dulcinea</b>				

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, 62, 19 outubro de 1947	inglês	Bezerra de Freitas	Oscar Wilde	Cousas que Wilde realmente disse			1	
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, 25 maio de 1947	francês	Brito Broca	Sainte Beuve	Os venenos de Sainte Beuve				
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, 39, 27 abril de 1947	Francês	Abgar Renault	Abgar Renault	Cultes	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, 60, 28 setembro de 1947	francês	Brito Broca	Antoine Rivarol	O espírito de Rivarol			1	
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, 39, 27 abril de 1947	Inglês	Maria Amélia Salgado Loureiro	Oscar Wilde	O jovem rei				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano II, n 36, 30 de fevereiro de 1947	russo	Xavier Placer	Anton Tchekhov	O candelabro				1

Quadro 2: esquematização das traduções publicadas no ano de 1947 no Suplemento Arte-Literatura

IDIOMA DO TRADUTOR	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	POEMA	C	R	ANO/Nº
Francês	Carlos Drummond de Andrade	A.O Barnabooth (Valery Larbaud)		2	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 25, 13 de abril de 1947.
Inglês	Maria da Saudade Cortesão	W.H Auden		1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 27, 25 de maio de 1947.
Espanhol	Domingos de Carvalho Silva	Alfonsina Storni		1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 29, 08 de junho de 1947.
		Juana de Ibarbourou		1	-	-	
Inglês	Tasso Silveira	Walt Whitman		2	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 29, 08 de junho de 1947.
Alemão	Paulo Plínio Abreu	Rainer Maria Rilke		1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 29 de junho de 1947.
Inglês	Freitas Bezerra	Somerset Maugham		-	-	1	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 29 de junho de 1947.
Português	Sérgio Milliet	00		-	-	1	Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 44, 28 de setembro de 1947.
Alemão	Aurélio Buarque de Holanda	Franz Kafka		-	1	-	
Francês	Carlos Drummond de Andrade	Apollinaire		1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 46, 12 de outubro de 1947.
Inglês	Oswaldino Marques	Langston Hughes		1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 55, 7 de dezembro de 1947.
Português (Portugal)	João Gaspar Simões	00		-	-	1	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 57, 21 de dezembro de 1947.
Francês	Ruy Guilherme	Louis Aragon		1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 57, 21 de dezembro

	Barata						de 1947.
Espanhol	Manuel Bandeira	Rafael de la Fuente		1 cada	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 58, 25 de dezembro de 1947.
		Gonzães Carballo					
		Pablo Rojas Guardiã					
Russo	José Guilherme Mendes	Dostoievski		-	1	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 58, 25 de dezembro de 1947.
Alemão (Escrito em língua portuguesa)	Otto Maria Carpeaux	Georges Lichtenberg		-		1	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano II, n. 59, 28 de dezembro de 1947.

## 1948

Quadro 3: esquematização das traduções publicadas no ano de 1948 no Suplemento *Letras e Artes*

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano II, ed 76, 18 fevereiro de 1948	<b>Inglês</b>	<b>Maria da Saudade Cortesão</b>	David Gascoyne	<b>O Barranco</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano II, ed 72, 11 janeiro de 1948	<b>alemão</b>	<b>Victor Wittkowski</b>	Goethe	<b>Canto de morte dum prisioneiro (1872) – Todeslied eines Gefangenen (1782)</b>	1			

				<b>Canto de amor dum selvagem (1782) - Liebeslied eines Wilden (1782)</b>	1			
				<b>Brasileira (1825) - Brasilianisch (1828)</b>	1			
				<b>Literatura Universal - Weltliteratur</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano II, ed 72, 11 janeiro de 1948	<b>Inglês</b>	<b>Maria da Saudade Cortesão</b>	<b>T. S Eliot</b>	<b>Côro</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano II, ed 77, 07 março de 1948	<b>francês</b>	<b>Celina Aguirre</b>	<b>Charles Cros</b>	<b>O Bilboquê</b>				
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano II, ed 79, 11 março 1948	<b>francês</b>	<b>Celina Aguirre</b>	<b>Henri Michaux</b>	<b>Intervenção</b>				<b>1</b>

				<b>De cama</b>				<b>1</b>
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano II, ed 91 11 julho de 1948	<b>espanhol</b>	<b>Manuel bandeira</b>	<b>Rafael Alberti</b>	<b>O touro da morte</b>	<b>1</b>			

Quadro 3: esquematização das traduções publicadas no ano de 1948, ARTE LITERATURA

<b>IDIOMA DO TRADUTOR</b>	<b>TRADUTOR</b>	<b>AUTOR TRADUZIDO</b>	<b>P O E M A</b>	<b>C O N T O</b>	<b>CRÍTICA</b>	<b>ANO/Nº</b>
Português	Paulo Rónai	00	-	-	<i>Tradução literal e efeitos de estilo.</i>	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 68 29 de fevereiro de 1948.
Espanhol	Ruy Guilherme Barata	Pablo Neruda	1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 66, 8 de fevereiro de 1948.
Português	Paulo Ronái	00	-	-	<i>Traduzir o intraduzível.</i>	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 65, 1º de fevereiro de 1948
Espanhol	Mário Faustino	Alfonsina Storni	1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 68 29 de fevereiro de 1948.
		Rafael Alberti	2	-	-	Suplemento Arte Literatura”.

					Folha do Norte. Belém, ano III, n. 69, 07 de março de 1948	
Português	Mário Pedrosa	00	-	1	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 69, 07 de março de 1948	
Francês (Noruega)	Carlos	Sigbojem	1	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 70, 14 de março de 1948.	
Francês (Dinamarca)	Drummond de Andrade	Fredrik Nygaard	1			
Francês (Polônia)		Julien Tuwin	1			
Francês	Aurélio Buarque Holanda	Baudelaire	3	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 77, 1º de maio de 1948.	
Alemão	João Mendes	Rainer Maria Rilke	1	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 73, 04 de abril de 1948.	
Alemão	Manuel Cavalcanti	Rainer Maria Rilke	1	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 76, 25 de abril de 1948.	
Francês	Aurélio Buarque Holanda	Baudelaire – (“O porto”; <i>Any where out of the world</i> ; “O relógio”)	3	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 73, 04 de abril de 1948.	
Inglês	R. de Souza Moura	Ruth Benedict	1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 78, 09 de maio de 1948
Indiano	Aurélio Buarque Holanda	Amarú	6	-	-	Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 80, 23 de maio de 1948
Espanhol	Manoel Bandeira	Alfonso Reyes	1	-	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 97, 19 de setembro de

						1948.
Francês	Maria Julieta Drummond	Antoine de Saint-Exupéry		1	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 98, 26 de setembro de 1948.
Português	Lúcia Miguel	00		-	1	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 104, 07 de novembro de 1948.
Inglês	Raquel Queiroz	Katherine Mansfield	-	1	-	“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 104, 07 de novembro de 1948.
Inglês	Manoel Bandeira	Elizabeth Barrett Browning	1			“Suplemento Arte Literatura”. Folha do Norte. Belém, ano III, n. 106 28 de novembro de 1948.
Francês		Verlaine	2		-	
Espanhol		Gabriela Mistral	1			
Espanhol		Ramón Jimenez	1			
Alemão		Holdelin	1			

## 1949

Quadro 4: esquematização das traduções publicadas no ano de 1949 no Suplemento *Letras e Artes*

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P	O	E	M	A	T	E	R	C	C

Suplemento Letras e Artes. A <i>manhã</i> , ano III ,ed 111, 09 janeiro de 1949	Espanhol (Argentina)	Manuel Bandeira	Pedro Juan Vignale	Rosa D'alva	1			
	francês		Verlaine	No ermo da mata	1			
	Espanhol (México)		Manuel Gutierrez Najera	Último Instante	1			
	Espanhol (Espanha)		Juan Ramón Jiménez	Deus do Amor (canção)	1			
				Noite (canção)				
				Universo (canção)				
	?		Autor desconhecido	A Cristo crucificado (canção)	1			

			Elizabeth Barret Browning	Soneto				
	Alemão	Paulo Quintela	Rainer Maria Rilke	Nascimento de Vênus				
Suplemento Letras e Artes. A <i>manhã</i> , ano III ,ed 113, 23 janeiro de 1949	Espanhol (Chile)	Manuel Bandeira	Gabriela Mistral	O pensador de Rodin	1			
Suplemento Letras e Artes. A <i>manhã</i> , ano III ,ed 114, 06 fevereiro de 1949	Espanhol (Espanha)	Juan Ramón Jiménez	Silvio Julio	Pastorelas I, II, III, IV, V, VI	1			
Suplemento Letras e Artes. A <i>manhã</i> , ano III ,ed 115, 13 fevereiro de 1949	Francês	Ronsard	Manuel Bandeira	Soneto	1			
Suplemento Letras e Artes. A <i>manhã</i> , ano III ,ed 115, 13 fevereiro de 1949	francês	John Perse	Maria da Saudade Cortesão	Anabase	1			
Suplemento Letras e Artes. A <i>manhã</i> , ano III ,ed 17, 06 maio de 1949	Alemão	Rainer Maria Rilke	Paulo Quintela	Apaga-me os olhos	1			

				<b>Vizinho</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 120, 03 abril de 1949	<b>Alemão (Austria)</b>	<b>Stefan Zweig</b>	<b>Manuel Bandeira</b>	<b>? Último poema de S.Z</b>	1			
	<b>Alemão</b>	<b>Hoelderlin</b>	<b>Manuel Bandeira</b>	<b>Metade da vida</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 121, 10 abril de 1949	<b>Francês</b>	<b>Paul Claudel</b>	<b>Carlos Drummond de Andrade</b>	<b>Crucifixo: A cabeça vista da direita</b>	1			
				<b>Crucifixo: A cabeça visto da esquerda</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 122, 14 abril de 1949	<b>Espanhol</b>	<b>?</b>	<b>Manuel Bandeira</b>	<b>A Cristo crucificado</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 124, 08 maio de 1949	<b>Francês</b>	<b>Charles Baudelaire</b>	<b>Guilherme de Almeida</b>	<b>Recolhimento</b>	1			

	<b>Hindu</b>	<b>Rabindranath Tagore</b>	<b>Maria da Saudade Cortesão</b>	<b>Lenda de Ahalya</b>	<b>1</b>			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 125, 15 maio de 1949	<b>Francês</b>	<b>Maurice Maeterlinck</b>	<b>Guilherme de Almeida</b>	<b>L'infidele – O infiel</b>	<b>1</b>			
				<b>J'ai cherche trente ans, mès soeurs – Busquei trinta anos, irmãs</b>	<b>1</b>			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 126, 22 maio de 1949	<b>Italiano</b>	<b>Stecchetti</b>	<b>Carlos Sá</b>	<b>No outono</b>	<b>1</b>			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 127, 05 junho de 1949	<b>Espanhol (Cuba)</b>	<b>Mariano Brull</b>	<b>Manuel Bandeira</b>	<b>Marinha</b>	<b>1</b>			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 132, 24 julho de 1949	<b>francês</b>	<b>Camus</b>	<b>Agostinho Olavo</b>	<b>Teatro de Camus</b>	<b>1</b>			

	Francês	Claude Roy	Claudio Tavares Barbosa	Aventuras de um Bom Rapaz no país dos Grandes Homens				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 132, 24 julho de 1949	Francês	Camus	Maria da Saudade Cortesão	Um moralista da revolta: Chamfort			1	
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 135, 28 agosto de 1949	Alemão	Goethe	Leony de Oliveira Machado	Elegia de Marienbad	1			
			Manuel Bandeira	Anelo	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 135, 28 agosto de 1949	Espanhol	Rafael Alberti	Antônio Rangel Bandeira	Azul	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 140, 09 outubro de 1949	Inglês	Edgar Allan Poe	Aurélio de Lacerda	O barril de "amontillado"				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 140, 09 outubro de 1949	inglês		Fernando Pessoa	Annabel Lee	1			

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 142, 23 outubro de 1949	Itáiano	<b>Luigi Fiorentino</b>	<b>Manuel Bandeira</b>	Escalada ao céu	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 143, 06 novembro de 1949	alemão	<b>(Friedrich V. Hardenberg) Novalis (1772-1201)</b>	<b>Herculano de Carvalho</b>	Quando não mais (Wenn nicht mehr...)	1			
	inglês	<b>D. H Lawrence (1885-1930)</b>		Apelo à Morte (call into Death)	1			
		<b>Louis Untermeyer</b>		Caliban nas minas de carvão (Caliban in coal mine)	1			
	<b>Rupert Brooke (1887 -1915)</b>	Os mortos (the dead)		1				
	Alemão	<b>Stefan George</b>		Que aconteceu (Was ist (sic)chehn	1			
	inglês	<b>Christina Rossetti</b>		Lembra-te (Remember)	1			

	Italiano	Nicolau Maquiável		A ocasião (L'occasione)	1			
		Giacomo Leopardi (1798-1837)		O infinito (L'infinito)	1			
	Polonês	Andreas Gryphius (1616-1664)		Miséria Humana (Menschliches Elendi)	1			
	Francês	E. Verhaeren (1885-1916)		Esboço de Claustro (Croquis de Cloitre)	1			
	Francês	Albert Samain (1852-1919)		A esfinge (Le Sphinx)	1			
Suplemento Letras e Artes. A manhã, ano III ,ed 143, 06 novembro de 1949	Inglês	Edgar Allan Poe	Milton Amado	A Alguém no Paraíso				
Suplemento Letras e Artes. A manhã, ano III ,ed 145, 20 novembro de 1949	alemão	Hoelderlin	Herculano de Carvalho	A Pátria	1			

			<b>Manuel Bandeira</b>	<b>Outrora e Hoje</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano III ,ed 146, 04 dezembro de 1949	Português	Camões	<b>Fernando Pessoa</b>	<b>Soneto “Minha alma gentil, que te partiste”</b>	1			

Quadro 4: esquematização das traduções publicadas no ano de 1949 no Suplemento *Arte-Literatura*

IDIOMA DO TRADUTOR	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	P	C	C	ANO/ Nº
			O	O	RÍ	
			E	N	TI	
			M	T	C	
			A	O	A	
Espanhol	Manuel Bandeira	Juana Inês de la Cruz	1	-		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 118, 03 de abril de 1949
Inglês	Osvaldino Marques	Edgar Allan Poe	1	-		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 118, 03 de abril de 1949.
Espanhol	Cecília Meireles	Oscar Castro (Chileno)	1	-		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 119 10 de abril de 1949.
Russo		Anton Tchekhov	-	1	-	
Francês (holandês e Alemão)		Melot du Dy (belga)	1	-		
Alemão		Rainer Maria Rilke	1	-		
Inglês	Paulo Mendes Campos	T.S Eliot	1	-		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano IV, n.120, 24 de abril de 1949.
Alemão	Silvio Macedo	Rainer Maria	1	-		Suplemento Arte Literatura.

		Rilke			Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 121, 01 de maio de 1949.	
Inglês	Eugênio Gomes	John Galsworthy	-	1	-	Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano IV, n.124, 22 de maio de 1949
Alemão	Manuel Bandeira	Hoelderlin	1	-		Suplemento Arte Literatura". Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 139, 27 de novembro de 1949
	Herculano de Carvalho		1	-		
Inglês	Marina Brandão	Max Beerbohm	-	1	-	Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano IV, n. 141, 11 de dezembro de 1949
	Aurélio Buarque de Holanda	Oscar Wilde	-	3	-	
Inglês (português para o inglês)	Fernando Pessoa	Camões	1		-	

## 1950

Quadro 5: esquematização das traduções publicadas no ano de 1950 no Suplemento *Letras e Artes*

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 167, 11 junho de 1950	alemão	Paulo Quintela	Rilke	<b>O Licorne</b>	1			

				<b>A morte do poeta</b>	1			
				<b>Fonte romana (Borghese)</b>	1			
				<b>Apaga-me os olhos</b>	1			
				<b>Hora grave</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 155, 19 fevereiro de 1950	Francês	<b>Onestaldo Pennafort</b>	Verlaine	<b>Colombina</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 167, 01 janeiro de 1950	Francês	<b>Darcy Damasceno</b>	Valery	<b>Cemitério marinho</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 149, 01 janeiro de 1950	Inglês	<b>Milton Amado</b>	Edgar Allan Poe	<b>Os sinos</b>	1			

	Espanhol	Paulo Mendes Campos	Rosália de Castro	O toque D'alva	1			
	francês	Olegário Mariano	?	"la vie est vaine"	1			
Manuel Bandeira		1						
Gustavo Barroso		1						
Ana Angélica Dupont								
	Inglês	Herculano de Carvalho	Stephen Spender	A locomotiva	1			
	francês	Guilherme de Almeida	Stephane Mallarmé	Brisa marinha	1			
Suplemento Letras e Artes. A manhã, ano IV ,ed 149, 08 janeiro de 1950	português	?	Fernando Pessoa	"A faina já terminou. O martelo foi repousado"	1			
	Espanhol (Uruguai)	Manuel Bandeira	Jules Supervielle	O Apelo	1			
	alemão	Herculano de Carvalho	Richard Wagnevr	Morte de Isolda	1			

				<b>la mujer</b>	1			
	<b>Espanhol (Chile)</b>	<b>?</b>	<b>Stella Corvalan</b>	<b>La madre</b>	1			
				<b>La artista</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 151, 15 janeiro de 1950	<b>Francês</b>	<b>Olegário Mariano</b>	<b>Miguel Zamacois</b>	<b>O Zéfiro</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 151, 22 janeiro de 1950	<b>Francês</b>	<b>Hernani T. Sant'Ana</b>	<b>?</b>	<b>“la vie est vaine”</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 153, 05 fevereiro de 1950	<b>Inglês</b>	<b>Raimundo Magalhães Junior</b>	<b>Oscar Wilde</b>	<b>Requiescat</b>	1			
	<b>francês</b>	<b>?</b>	<b>Jacques Maillart</b>	<b>O mar</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 153, 05 fevereiro de 1950	<b>inglês</b>	<b>P.M.C</b>	<b>Helen Gardner</b>	<b>Poeta maior e poeta menor</b>			<b>1</b>	
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 156, 05 março de 1950	<b>francês</b>	<b>Raymundo Magalhães Junior</b>	<b>Rimbaud</b>	<b>As catadeiras de piolho – Les chercheuses de poux</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 173, 06 agosto de 1950	<b>Alemão</b>	<b>Herculano de Carvalho</b>	<b>Nikolaus Lenau</b>	<b>Céu triste</b>	1			
	<b>francês</b>	<b>Oswaldo Orico</b>	<b>Verhaeren</b>	<b>Fonterabia</b>	1			

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 163, 07 maio de 1950		?	Georges Fourest	O Cid – Le Cid				
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 150, 08 janeiro de 1949	Alemão	Adolfo casaes Monteiro	Franz Kafka	A porta da Lei				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 150, 08 janeiro de 1949 170, 04 julho de 1950	inglês	Péricles Eugênio da Silva Ramos	Shakespeare	Soneto I				
				Soneto II				
				Soneto III				
				Soneto IV				
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 170, 09 julho de 1950	Romeno	Maluh de Ouro Preto	Constantim Virgil Cheorghiu	Em torno da tradução da “Vigésima quinta hora”			1	
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 177, 10 outubro de 1950	francês	Edmundo Costa	Paul Verlaine	A hora propícia	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 178, 10 setembro de 1950	francês	Guilherme de Almeida	Charles Baudelaire	Recolhimento	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 167, 11 junho de 1950	Espanhol	-	Unamuno	El Cristo de Velasquez	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 157, 12 março de 1950	Inglês	Manuel Bandeira	John Donne	Por quem os sinos dobram	1			

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 157, 12 março de 1950	Mandarin	Camilo Pessanha	Uang Shan Jen (1472-1528)	Ascensão ao miradoiro do Kiang	1			
			Uang Ling Hsiang (1500)	Sobre o terraço	1			
			Pien Kung (1500)	Soledade	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 171, 16 julho de 1950	francês	Herculano de Carvalho	Charles Peguy	O adeus ao rio Mosa	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 175, 20 agosto de 1950	Espanhol (Cuba)	Herculano de Carvalho	José Maria Heredia	Fuga dos Centauros	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 165, 21 maio de 1950		R. Magalhães Junior	Alexandre Pushkin (1799-1837)	“Num reino de alto renome”	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 172, 23 julho de 1950	Inglês	Adolfo Casais Monteiro	Langston Hughes	“Sou engro”	1			
	francês	Manuel Bandeira	Ronsard	“Foi para vós que ontem colhi, senhora”	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano IV ,ed 165, 25 maio de 1950	inglês	Lúcio Bauerfeldt	Somerset Maugham	O amigo				1

Quadro 5: esquematização das traduções publicadas no ano de 1950 no Suplemento *Arte-Literatura*

IDIOMA DO	TRADUTOR	AUTOR	P	C	C	ANO/Nº
-----------	----------	-------	---	---	---	--------

TRADUTOR		TRADUZIDO	O E M A	O N T O	R Í T I C A			
Alemão	Herculano de Carvalho	Richard Wagner	1	-		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 144, 22 de janeiro de 1950.		
Francês	Guilherme de Almeida	Ronsard	1	-		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n.162, 17 de dezembro de 1950		
	Manuel Bandeira		1					
	Eugênio Vilhena de Moraes		1					
Inglês	Marina Amaral Brandão	Charles Dickens	-	1	-	Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 145, 29 de janeiro de 1950		
Francês	Manuel Bandeira	Jules Supervielle	1	-		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 148, 26 de fevereiro de 1950		
Alemão	Amaury Caeiro	Rainer Maria Rilke	1			Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 150, 12 de março de 1950		
Francês	Olegário Mariano	Miguel Zamacois	1					
Espanhol	M. Viotti	Santa Tereza de Ávila	1			Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 149, 05 de março de 1950		
	Rodrigo Silva	Garcia Lorca	1					
Inglês	Rodrigo Silva	Langston Hughes	1			Suplemento Arte Literatura. Jornal Folha do Norte. Belém, ano V, n. 146, 05 de fevereiro de 1950		
Francês	Paulo Sérgio Neri e Aurélio	Sidonic-Gabrielle Colett	-			1	-	Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V,

	Buarque de Holanda				n.162, 17 de dezembro de 1950
Inglês	Desconhecido	T.S Eliot	1	-	Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 145, 29 de janeiro de 1950
Inglês	Mario Faustino		1		Suplemento Arte Literatura. Folha do Norte. Belém, ano V, n. 144, 22 de janeiro de 1950

## 1951

Quadro 6: esquematização das traduções publicadas no ano de 1951 no Suplemento *Letras & Artes*

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 195, 18 fevereiro de 1951	italiano	Manuel Bandeira	Araldo Sassone	Despertar sem passado	1			
				Outono	1			

				<b>Felicidade</b>	1			
				<b>Santa Maria</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 204, 24 março de 1951	Italiano	Manuel Bandeira e Luce Ciancio	Mario Vitale	<b>Vida</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 205, 06 junho de 1951	Inglês	M. B. L. L	Edgar Allan Poe	<b>Só</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 208, 27 maio de 1951	?	C. Lacerda	?	<b>Poesias XLIX</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 211, 14 junho de 1951	italiano	Manuel Bandeira	Luigi Fiorentino	<b>Como a luz vive</b>	1			
				<b>Adeus sonho</b>	1			

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 222, 24 junho de 1951	francês	Oswaldo Orico	Emile Verhaeren	<b>O Amor</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 213, 01 julho de 1951	Inglês	Breno Accioly	Sherwood Anderson	<b>Aventura</b>				<b>1</b>
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 213, 01 julho de 1951	Francês	Paulo Mendes Camps	Jacques Prévert	<b>Como por milagre</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 191, 02 janeiro de 1951	Espanhol	Lygia Fagundes Telles	Miguel de Unamuno	<b>João Manso</b>				<b>1</b>
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 194, 11 fevereiro de 1951	Francês	Herculano de Carvalho	Pierre Ronsard	<b>Soneto a Helena</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 197, 11 março de 1951	Espanhol	Manuel Bandeira	Rubén Dario	<b>Sonatina</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,ed 190, 07 janeiro de 1951	inglês	Manuel Bandeira	Elizabeth Barrett Browning	<b>Soneto</b>	1			

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,223, 16 setembro de 1951	italiano	B.B	Ignazio Silone	O hóspede				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI ,223, 16 setembro de 1951	Inglês	Bezerra de Menezes	H. W LongFellow	A catedral	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI , ed 228, 04 novembro de 1951	Espanhol	Breno Accioly	Miguel Unamuno	As tesouras				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI , ed 223, 16 setembro de 1951	Alemão	João Accioli	Rainer Maria Rilke	Outonal - Herbststimmung	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI , ed 224, 23 setembro de 1951	Espanhol	Carmen Mendes Viana	Elisabeth Mulder	A adolescente de pedra				1
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI, ed 226, 18 outubro de 1951	Alemão	João Accioli	Georg Trakl	Canto da noite - Nachtlied	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VI , ed 216, 22 julho de 1951	Espanhol (Uruguai)	Breno Accioly	Barcos	Horacio Quiroga				1

## 1952

Quadro 7: esquematização das traduções publicadas no ano de 1952 no Suplemento *Letras & Artes*

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VII ,ed 256, 13 julho de 1952	Italiano	Vicente Augustus Carnicelli	Luigi Fiorentino	Doce alento tépido do mar	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VII ,ed 262, 07 setembro de 1952	Inglês	Olivia Krahenbuhl	John Donne	Despedida sem lamentação	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VII ,ed 270, 16 novembro de 1952	Alemão	João Accioli	Georg Trakl	Lamentação - Klage	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VII ,ed 273, 14 dezembro de 1952			Werner Hundertmark	Prece - Gebet	1			

## 1953

Quadro 8: esquematização das traduções publicadas no ano de 1953 no Suplemento *Letras & Artes*

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII,ed 276, 11 janeiro de 1953	Espanhol (Cuba)	Vicente Jusselino	Heredia	<b>Os conquistadores</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII ,ed 279, 08 fevereiro de 1953	Alemão	João Accioli	Goethe	<b>Alegre e triste – Freudvoll und leidvoll</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII ,ed 281, 01 março de 1953	Italiano	Vicente Augustus Carnicelli	Salvatore Quasimodo	<b>Repouso da erva</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII ,ed 292, 07 junho de 1953	Espanhol	Terezinha Eboli	Sergio Honorato	<b>Interior</b>				<b>1</b>
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII ,ed 277, 18 janeiro de 1953	alemão	João Accioli	Georg Heym	<b>Maldição das cidades – verfluchung der stadte</b>	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII ,ed 278, 01 fevereiro de 1953			Rainer Maria Rilke	<b>Soneto</b>	1			

Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII, ed 283, 15 março de 1953	Italiano	Vicente Augustus Carnicelli	Salvatore Quasimodo	Nel senso di morte				
--	----------	-----------------------------	---------------------	--------------------	--	--	--	--

## 1954

Quadro 9: esquematização das traduções publicadas no ano de 1954 no Suplemento *Letras & Artes*

ANO/Nº	IDIOMA ORIGINAL	TRADUTOR	AUTOR TRADUZIDO	TÍTULO DA OBRA	P O E M A	T E A T R O	C R Í T I C A	C O N T O
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII, ed 298, 11 maio de 1954	Inglês	Olivia Krahenbuhl	Emily Dickinson	Fome	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII, ed 293, 06 abril de 1954				Há certa luz oblíqua	1			
Suplemento Letras e Artes. <i>A manhã</i> , ano VIII, ed 311, 10 agosto de 1954		José Escobar Faria	Rupert Brooke	Nuvens	1			

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 1996
- ABU-Mahfouz. Ahmad. **Translation as a blending of cultures**. Journal of translation, v.4, nº 01, 2008 – acessado em: 15 de outubro de 2015.
- ANTUNES, Benedito. **Notas sobre a tradução literária**. Alfa, São Paulo, v. 35, p. 1-10,1991.
- BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro, 1957.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Les Cinq continents, a antologia de Goll: apelo (po)ético cosmopolita**. LEA VOLUME 13 NÚMERO 2 julho-dezembro 2011
- BARRENTO, João. **Palimpsestos imperfeitos**. In: No horizonte do provisório ensaios sobre tradução. Rio de Janeiro. Ed.: Letras, 2013
- BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BATALHA, Maria Cristina, PONTES JR, Geraldo. **Tradução**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007
- BERMAN, Antoine *et alii*. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica**. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Ed: UFMG. Belo Horizonte, 2013
- BOSI, Alfredo. **Ideologia e contraideologia: temas e variações**. Companhia das Letras, São Paulo, 2010.
- BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006
- CAMPOS, Haroldo. **A arte do horizonte provável**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1969
- BURKE, Peter. **O que é história Cultural**. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CANGUSSU, Dawson. **Do livro ao jornal impresso: suplemento literário da Folha do Norte – uma evolução no suporte do escrito e da escrita em Belém do Pará, 1942-1951**. Ars Historica, v.01, nº01, jan/jun, 2010, p. 25-33. Disponível em: [http://www.ifcs.ufrj.br/~arshistorica/junho2010/doc/arshistorica01\\_a03.pdf](http://www.ifcs.ufrj.br/~arshistorica/junho2010/doc/arshistorica01_a03.pdf) Acessado em: 13/09/2012, às 23:46h
- CARPEAUX, Otto. **A história concisa da literatura alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CARVALHO, António Herculano de. **Teatro e poesia**. Ed: IST - Instituto Superior Técnico. Lisboa, 2008.

COELHO, Marinilce Oliveira. **Memórias Literárias de Belém do Pará: o grupo dos Novos (1946-1952)**. Campinas, 2003. 478p. Tese (doutorado) – Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000305016> Acessado em: 04/06/2012

DANTAS, Marta Pragana. **Tradução, trocas literárias e (a) d(i)versidade editorial**. Revista Traduzires, n° 01. Maio. 2012. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/6656/5372>

DASILVA, Xosé Manuel. Manuel Bandeira, tradutor de poetas em espanhol al português de Brasil. Revista Trans. Nem. 14. 2010, p. 99-115

DEMARCHI, Ademir. **Cultura em busca de vitrines** – literatura e mercado, morte do modernismo e populismo Dissertação de mestrado. CETD/ PLTB /UFSC, 1991.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FAUSTINO, Mario. **Poesia-Experiência**. São Paulo. Perspectiva, 1976.

FAUSTO, BORIS. **O Estado Novo no contexto internacional**. In: Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FERREIRA, Alice, ROSSI, Ana. **Antropofagia, mestiçagem e estranhamento: tradução em (dis)curso**. Cadernos de Tradução n°31, Florianópolis, p. 35-55, 2013/1.

FERREIRA, Jorge. **1946-1964: a experiência democrática no Brasil**. Revista tempo. Vol 14, n 28. Jun. 2010

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20**. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2012

GOMES, Angela de Castro. **O Estado Novo no contexto internacional**. In: Ideologia e trabalho no Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999

LAGES, Susana Kampff. **A tradução como trabalho da memória e traço mnêmico**. Cadernos Benjaminianos, n 4. Belo Horizonte, 2011. p. 19-25. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/cadernosbenjaminianos/data1/arquivos/03susana.pdf>

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Estudios sobre literatura y formación. Fondo de Cultura Economica. México, 2003. p. 25-54.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. São Paulo: Edusc, 2007.

LIMA, Felipe Victor. **O primeiro Congresso Brasileiro de escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)**. São Paulo, 2010. Dissertação (mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo.

MARANHÃO, Haroldo. O Pará não morreu. Viva o Acará! **A Província do Pará**, Belém, 23 set. 1990. Segundo Caderno, p. 8-9.

MARANHÃO, Haroldo. **Querido Ivan**. Edição Jornal Pessoal. Pará, 1998.

MARTINS, Márcia do Amaral. **As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução**. Cadernos de Letras (UFRJ) n.27 – dez. 2010

MEDINA, Maria Julia da Siva. **As três faces de Haroldo Maranhão: o leitor, o jornalista, o escritor**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Belém, 2010

NETO, Geraldo Magella de Menezes. **a Segunda Guerra Mundial nos folhetos de cordel do Pará**. XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008

OLIVEIRA, Sidnei de. **O amor metafísico schopenhaueriano em Tristão e Isolda de Richard Wagner**. Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 4, Nº 1 - 1º semestre de 2013 - ISSN: 2179-3786 - pp. 139-145

OTTONI, Paulo. **Tradução: a prática da diferença**. 2ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

PAES, José Paulo. **Tradução a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

PEIXOTO, Silveira. **Falam os escritores**. Conselho Estadual de Cultura, 1971.

PERLOFF, Marjorie. **O Gênio não Original: poesia por outros meios no novo século**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: modernização da imprensa carioca nos anos 50**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº31. 2003. p.147-160.

RIBEIRO, Marília Andrés. **O modernismo Brasileiro: arte e política**. ArtCultura, Uberlândia, v.09, n 14, p. 115-125, jan-jun 2007

RICOEUR, Paul. **Sobre Tradução**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. 5ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988

SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. In: Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978

SCHERER, Marta. **América latina impressa – um estudo no suplemento letras & artes**. Revista Científica Plural. 2008

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas Latino-Americanas**. Edusp. 2008

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2005.

SENGUPTA, Mahasweta. **Translation of manipulation: the power of images and images of power**. In: Between languages and Cultures: translation and Cross-Cultural texts. London: University of Pittsburgh, 1995, p.159-174

SENNA, Homero. **República das Letras: entrevista com 20 grandes escritores brasileiros**. 3ªed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1996.

SILVA, Dedival Brandão da. **Usos e abusos da memória ou quando a memória emoldura a tradição**. In: Vertigens do olhar: estudos de Literatura Vernácula. Oficina Raquel, 2012

SISCAR, Marcos. **Poesia e crise**. Editora Unicamp. São Paulo. 2010.

TAVARES, Lorryne Costa. **MOVIMENTOS LITERÁRIOS: UMA ANÁLISE DOS DEBATES E TENSÕES NO SUPLEMENTO LETRAS E ARTES ACERCA DO MODERNISMO BRASILEIRO(1946-1954)**. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2013.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. **Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40**. Niterói, 2000. Tese (doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal Fluminense.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Routledge. London, 1995.

